

The background is a low-poly green pattern. In the top right, a hand is shown watering a small green plant with water droplets falling from the leaves. The text is centered in the upper half of the image.

# Lições para ontem, hoje e amanhã

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

# **Lições para ontem, hoje e amanhã**

**Astolfo Olegário de Oliveira Filho**

# Lições para ontem, hoje e amanhã

**Astolfo Olegário de Oliveira Filho**

Data da publicação: 16/12/2021

EVOC – Editora Virtual O Consolador  
Londrina, Paraná  
[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Dados internacionais de catalogação na publicação

Oliveira Filho, Astolfo Olegário de

O47L Lições para ontem, hoje e amanhã / Astolfo Olegário de Oliveira Filho; revisão de Thiago Bernardes; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto, adaptação de um original de Freepik.com, criado por jcomp, disponível em: [https://image.freepik.com/fotos-gratis/foto-de-close-up-da-muda-da-planta-crescendo\\_1150-28371.jpg](https://image.freepik.com/fotos-gratis/foto-de-close-up-da-muda-da-planta-crescendo_1150-28371.jpg)  
Londrina, PR : EVOC, 2021.  
223 p.

1. Reencarnação. 2. Obsessão. 3. Passe espírita. 4. Racismo. 5. Espiritismo. I. Bernardes, Thiago. II. Silva Neto, Ana Luísa Barroso de. III. Título.

CDD 133.9  
19.ed.

Bibliotecária responsável: Maria Luiza Perez CRB9/703

# Sumário

Ao Leitor, 7

Sobre o Autor, 9

1. Tem faltado Deus em nossa vida?, 19

2. Os problemas que nos surgem têm de ser enfrentados por nós mesmos, 22

3. As provas existem para serem superadas e assimiladas, 26

4. O jogo do contente e os espíritas, 30

5. Quem não consegue perdoar pode tornar-se vítima de si mesmo, 33

6. Por que nascemos e que viemos fazer aqui?, 36

7. Como será nossa vida depois da morte?, 41

8. Como reconhecer, entre os espíritas, os que estão no bom caminho, 45

9. Por que tanta violência em nosso mundo?, 48

10. Sinais de alarme, 52

11. Lições que o livro *Nosso Lar* nos trouxe, 55

12. Por que orar?, 58

13. O perdão faz bem à saúde, 61

14. A desencarnação e suas nuances, 64

15. Os fortes devem amparar, não esmagar os fracos, 67

16. A vacina contra a penúria é o trabalho, 73

17. Afinal, quem somos?, 77
18. A importância do lar quando o assunto são as drogas, 81
19. A mão que agride é a mesma que acaricia, 84
20. Depois de um problema, aguarde outros, 87
21. As amarguras da vida numa perspectiva espírita, 90
22. O aprimoramento da alma demanda tempo, 93
23. A educação e seu papel na construção de um mundo melhor, 97
24. Os inestimáveis efeitos da dor, 101
25. O amor cobre a multidão dos pecados, 104
26. A seara é grande, mas poucos os trabalhadores, 108
27. A programação dos que retornam ao mundo, 112
28. A caridade e seu ingrediente fundamental, 115
29. A infância e seu propósito, 117
30. A crença, a fé e a transformação, 120
31. A morte numa perspectiva espírita, 124
32. O Evangelho no Lar e seus frutos, 127
33. A criminalidade numa perspectiva espírita, 130
34. As crianças e seus amigos invisíveis, 133

35. A feição consoladora do Espiritismo, 136
36. A brevidade da vida em face da pluralidade das existências, 138
37. Ser um homem de bem é a nossa meta, 140
38. O racismo e a discriminação são inaceitáveis, 144
39. A Terra não é, como alguns pensam, uma nave sem rumo, 148
40. Raros são os que voltam ao plano espiritual na época certa, 151
41. A oração é uma força em nossa vida, 154
42. A missão da maternidade nem sempre é um *mar de rosas*, 158
43. Notícias do além-túmulo, 162
44. O segredo da paz em "Nosso Lar", 166
45. O que nos faz melhores?, 169
46. Deve-se fazer de tudo para ser feliz?, 173
47. Um peixe sem bicicleta, 177
48. Deus... Será que Tu existes?, 181
49. Os Espíritos não têm sexo?, 184
50. Os recursos espíritas, 187
51. Nada acontece por acaso, 190
52. A cruz nossa de cada dia, 194
53. O céu se ganha pela caridade e pela brandura, 198

54. O passe espírita: *sortilégio* ou uma prática cristã?, 202

55. Onde impera a fraternidade o orgulho é uma anomalia, 205

56. Perante Deus, 209

57. Coisas que não se dizem às crianças, 212

58. Vencer as más inclinações é mesmo difícil?, 215

59. A parábola dos talentos e o que temos feito, 218

60. Gratidão a Deus, 220

## **Ao Leitor**

Este e-book compõe-se de 60 capítulos que focalizam, à luz da doutrina espírita, questões que atraem o interesse de espíritas e não espíritas.

Dentre elas, são objeto de capítulos específicos no livro, entre outros, os seguintes temas:

- A presença de Deus em nossa vida
- Objetivo das provas
- O perdão e seus efeitos
- Finalidade da reencarnação
- A situação das pessoas no pós-morte
- A obsessão e seus sinais
- Razões por que devemos orar
- Nuances da desencarnação
- A vacina contra a penúria
- A importância do lar na questão das drogas
- O acaso em nossa vida
- Os recursos espíritas
- A sexualidade e os espíritos
- Notícias do além-túmulo
- O homem de bem
- A feição consoladora do Espiritismo
- Evangelho no lar
- A infância e seu propósito

- A educação e seu papel em nosso mundo
- A luta contra as más inclinações
- Gratidão a Deus.

Os temas mencionados são tratados à luz da doutrina espírita, cujas lições são atemporais, ou seja, são válidas em qualquer tempo, justificando assim o título que adotamos para a presente obra – *Lições para ontem, hoje e amanhã*.

Astolfo O. de Oliveira Filho

Primavera de 2021

## Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação do jornal espírita "O Imortal" e da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos em Londrina (PR), cidade para a qual se mudou com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina".

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI - <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

É autor de 16 obras, duas pertinentes a suas atividades profissionais e 14 obras relativas à doutrina espírita. Destas, quatro foram publicadas, no formato digital, pela EVOC:

*20 Lições sobre Mediunidade;*

*Iniciação à Doutrina Espírita: 1 - Noções gerais e princípios básicos;*

*Iniciação à Doutrina Espírita: 2 - As leis morais segundo o Espiritismo; e*

*Iniciação à Doutrina Espírita: 3 - Aspecto científico do Espiritismo.*

Anteriormente à suspensão das reuniões espíritas presenciais, motivada pela pandemia da Covid-19, participava regularmente das atividades do Centro Espírita Nosso Lar, de Londrina (PR), como esclarecedor em grupo espírita de desobsessão e coordenador dos estudos realizados pelo Grupo de Estudos Espíritas Abel Gomes, assim como das atividades realizadas pela Comunhão Espírita Cristã de Londrina, localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa e vários amigos, um dos fundadores.

\*

No dia 29 de maio de 2011 – dez anos e meio atrás – o autor desta obra concedeu a Ismael Gobbo a entrevista seguinte:

“Nesta entrevista vamos falar com nosso companheiro de ideal Astolfo Olegário de Oliveira Filho, nascido aos 22 de junho de 1944, na cidade de Astolfo Dutra, no estado de Minas Gerais, filho do casal Anita Borela de Oliveira e Astolfo Olegário de Oliveira. Nascido em lar espírita, desde cedo participa do movimento espírita, inicialmente em sua cidade natal, onde frequentou, em criança, as aulas de evangelização infantil e foi depois presidente da Juventude Espírita da Cabana Espírita Abel Gomes. Além de orador e escritor, Astolfo desenvolve um trabalho muito consistente

e importante na divulgação pela internet com a revista eletrônica semanal **O Consolador**, com sede em Londrina, Paraná.

### **Astolfo, qual sua formação acadêmica e profissional?**

Sou formado em Ciências Econômicas. Na área profissional, fui professor de Matemática e trabalhei em diversas empresas comerciais, bem como no Banco do Brasil, no Instituto do Açúcar e do Alcool e no Ministério da Fazenda, em que me aposentei como auditor da Secretaria da Receita Federal.

### **De que maneira conheceu o Espiritismo e desde quando é espírita?**

Nasci numa família espírita e convivi desde criança com vários irmãos dedicados à tarefa espírita e, sobretudo, com meu pai, que foi um extraordinário orador espírita e companheiro de vultos importantes do Espiritismo no Brasil, como Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, José Jorge, Newton Gonçalves de Barros, Amadeu Santos e muitos outros que a minha memória, já um pouco claudicante, não permite aqui lembrar.

### **A que Casa Espírita está vinculado e quais trabalhos nela desenvolve?**

Sou vinculado a duas Casas Espíritas: o Centro Espírita Nosso Lar, de que participo desde janeiro de 1963, quando vim de Minas Gerais para cursar faculdade em Londrina; e a Comunhão Espírita Cristã de Londrina, que fundamos juntamente com

minha esposa Célia Maria e um grupo de amigos em abril de 1987.

No "Nosso Lar" participo de dois grupos públicos e de um grupo mediúnico, por mim fundado em 1979, e coordeno dois grupos de estudo, um à noite, outro à tarde. Na Comunhão participo das atividades de evangelização da criança aos domingos de manhã e coordeno o Círculo de Leitura Anita Borela de Oliveira.

Além dessas atividades, sou colunista e editor do jornal "O Imortal" desde dezembro de 1983 e diretor de redação da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18 de abril de 2007, a qual é redigida para circulação exclusiva na internet.

### **Podéria nos descrever sua trajetória pelo movimento espírita em todos esses anos?**

Tendo nascido em família espírita, participei praticamente de todos os tipos de atividade que um Centro Espírita realiza, desde a evangelização até a direção de sessões mediúnicas. Exerci os cargos de dirigente de Mocidade Espírita, de grupos públicos, de grupos mediúnicos, de grupos de estudo e de instituições espíritas. Fui presidente do Nosso Lar e da Comunhão Espírita Cristã de Londrina, bem como da União Regional Espírita da 5ª Região, que tinha então sede em Londrina. Na atividade de divulgação, já escrevi programas espíritas para rádio e atuei em programas espíritas na TV, faço palestras e ministro seminários. Dessa atividade acabou resultando um livro, intitulado 20 Lições sobre Mediunidade.

## **Quais os fatos e pessoas que mais o marcaram?**

Cresci em um ambiente em que se respirava Espiritismo. Conheci, portanto, desde a infância, os maiores vultos do Espiritismo então encarnados neste país, como mencionei na resposta à sua primeira pergunta. Admiro muitos confrades com quem convivi e outros que conheci apenas por meio dos livros. Chico Xavier, Divaldo Franco, Cairbar Schutel, Abel Gomes, Lins de Vasconcellos, Hugo Gonçalves, Euclides Araújo, João Salles Coroa, eis alguns nomes marcantes na minha vida como espírita.

## **Como você vê o Movimento Espírita de nossos dias?**

Penso que o Movimento Espírita reflete o comportamento dos que o dirigem e, provavelmente por isso, não tem atuado, como devia, fora das quatro paredes da Casa Espírita, pois vem-se limitando, de um modo geral, a promover eventos mais para espíritas, em circuito fechado, de difícil acesso aos que não são espíritas. Um exemplo óbvio desse fato são os nossos Congressos Espíritas, cada vez mais sofisticados, com taxas de inscrição elevadas e realizados em locais a que apenas os que dispõem de recursos têm acesso. Creio que o uso da mídia em geral e a realização de eventos em locais acessíveis ao grande público, não apenas na Casa Espírita, podem contribuir para uma melhor dinamização do movimento espírita brasileiro.

## **Quais as maiores dificuldades, em sua opinião, enfrentadas atualmente pelo movimento espírita?**

Penso que a má qualidade dos livros espíritas publicados nos últimos anos, especialmente depois que Chico Xavier desencarnou, constitui um dos principais problemas que o movimento espírita no Brasil tem enfrentado. O fato deve-se, em primeiro lugar, à falta de bom senso de parte dos autores, encarnados ou não, e ao desinteresse quanto a isso das próprias editoras.

A falta de prática no exercício da crítica – considerada em seu sentido clássico – por parte dos jornais e revistas espíritas também contribui para que o mercado editorial seja inundado por obras que só confusão criam e nada acrescentam em termos de conhecimento espírita.

Como o livro é uma forma de divulgação pública dos ensinamentos espíritas, ele se sujeita obviamente a uma análise, a uma crítica pública, tarefa que incumbe à imprensa espírita, que não tem cumprido, nesse particular, o seu dever e o seu papel.

### **Fale-nos sobre a revista O Consolador e de como ela surgiu.**

A revista nasceu de uma ideia repentina que me levou a contactar o José Carlos, a quem não conhecia pessoalmente. Corria o mês de março de 2007. Eu o admirava por causa do trabalho extraordinário que ele havia feito na organização do site do Centro Espírita Nosso Lar. Quando surgiu a ideia da revista, o nome dele foi imediato.

Fizemos então duas reuniões rapidíssimas para discutir o projeto. Uma foi numa das salas do “Nosso Lar”. No outro dia ele já havia registrado na internet o domínio pertinente ao nome da revista. A segunda reunião foi no escritório de sua empresa, quando se definiu a estrutura da revista e o modelo da página inicial do site. O primeiro número da revista saiu, como queríamos, no dia 18 de abril de 2007, dia em que se comemorou no mundo todo o sesquicentenário d’O Livro dos Espíritos.

### **O trabalho é todo voluntário?**

Sim. Todos os que trabalham para a revista o fazem de modo espontâneo e voluntário. Não existe ninguém, em função nenhuma, que receba remuneração.

### **Contam com alguma ajuda?**

Ajuda no tocante ao conteúdo, sim. Nossa equipe é formada por um número muito grande de colaboradores, dentro e fora do Brasil, como pode ser visto na seção “Quem somos” de nosso site. Eis o link que remete à seção: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/quemosomos/principal.html>

Com relação à parte financeira, não, porque em verdade não precisamos de recursos financeiros, visto que os custos de uma revista eletrônica, quando ninguém é remunerado, são extremamente baixos.

### **Quais os dados estatísticos de que dispõe sobre o Consolador?**

Os números mais recentes que temos sobre o assunto foram divulgados em nossa edição 204, comemorativa dos quatro anos de existência da revista. De 18 de abril de 2007 a 31 de março de 2011, eis os números apurados:

Continentes alcançados pela revista: 5  
Países que já acessaram a revista: 105  
Downloads da revista: 1.026.000  
Visitas ao site da revista: 1.922.000  
Impressões da revista: 5.964.000.

Os 105 países estão assim distribuídos: Europa, 39; América, 27; Ásia, 22; África, 13; Oceania, 4. O maior número de leitores da revista encontra-se, pela ordem, no Brasil, nos Estados Unidos e em Portugal.

### **Como tem sido a repercussão da revista no Brasil e no mundo?**

A repercussão da revista – algo que nos surpreende bastante, tendo em vista que se trata de um periódico redigido no idioma português – tem sido muito grande, e isso pode ser aferido por dois indicadores importantes. Primeiro, o crescimento dos acessos, dos downloads e das impressões de textos da revista é algo constante, ou seja, a cada mês os números superam os meses anteriores. O segundo fato é a quantidade de cartas via internet que chegam à redação, o que mostra, pelos temas tratados, que o leitor tem demonstrado confiança crescente naquilo que temos publicado.

## **Desde quando você participa da redação do jornal "O Imortal" e qual é nele o seu papel?**

Antes de participar da equipe de redação do jornal "O Imortal", já havia colaborado com artigos publicados pelo periódico. Foi, no entanto, a partir de setembro de 1983 que passei a colaborar diretamente na elaboração das edições mensais, assumindo, no mês de dezembro daquele ano, a tarefa de editor, colunista e redator da primeira página. Naquele mês o jornal atingia sua edição número 360. Hoje – maio de 2011 – ele já está na edição 687. Alguns anos depois, em 1988, por solicitação do Diretor do jornal, confrade Hugo Gonçalves, a redação dos editoriais passou também à minha responsabilidade.

## **Você tem algum livro publicado?**

Sim. No âmbito profissional escrevi duas obras, uma a respeito dos aspectos fiscais e tributários da nova Lei das Sociedades Anônimas, então sancionada pelo presidente da República, e outra sobre Contabilidade Geral, obra cujo conteúdo – teórico e prático – foi concebido especialmente para uso em cursos preparatórios com vistas a concursos públicos na área da Receita Federal e da Previdência Social.

No meio espírita, sou autor de 11 obras. Uma, já esgotada na editora que a publicou, é *20 Lições sobre Mediunidade*. As demais obras, não publicadas por nenhuma editora, tiveram edição limitada de natureza não comercial, destinadas a grupos de estudos diversos acerca do Antigo e do

Novo Testamento, do Pentateuco Kardequiano, dos Clássicos do Espiritismo e das obras de André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda. *(Nota: Após a publicação desta entrevista, mais três obras espíritas de autoria do entrevistado foram publicadas.)*

### **Realiza também palestras?**

Sim. Contudo, devido aos inúmeros compromissos que tenho de atender diariamente, seu número é cada vez menor, pois tenho-me limitado a alguns poucos compromissos nessa área.

### **Suas palavras finais.**

Aproveito o ensejo para agradecer a todos aqueles que – encarnados e desencarnados – vêm colaborando para que o jornal "O Imortal" e a revista **O Consolador** prossigam em sua tarefa de divulgar a mensagem do Consolador prometido por Jesus, cujo objetivo final é, como sabemos, o aprimoramento moral do mundo em que vivemos. Sem o auxílio desses companheiros a tarefa não seria possível. A eles, pois, o meu fraternal abraço."

### **Nota:**

A entrevista acima foi publicada no conhecido e respeitado *Blog do Ismael*, que o leitor pode conferir clicando aqui: [http://ismaelgobbo.blogspot.com/2011/05/focalizando-o-trabalhador-espirita-no\\_29.html](http://ismaelgobbo.blogspot.com/2011/05/focalizando-o-trabalhador-espirita-no_29.html)

## **Tem faltado Deus em nossa vida?**

Nestes tempos em que são tantos os desmandos e os atos de corrupção na esfera política, é bom lembrar o que Aleksandr Soljenítsyn, o consagrado autor do livro "Arquipélago Gulag", escreveu em importante artigo publicado anos atrás pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual o conhecido escritor russo disse ser preciso trazer Deus de volta às preocupações humanas, tanto no campo político como no campo cultural e social.

Escreveu Aleksandr Soljenítsyn:

"Não, toda a esperança não pode depender da ciência, da tecnologia, do crescimento econômico. A vitória da civilização tecnológica também instilou em nós a insegurança do espírito. Suas dádivas enriquecem, mas também nos escravizam".

É bom esclarecer que "Arquipélago Gulag" é provavelmente a mais forte e certamente a mais influente obra sobre como funcionavam os gulags (campos de concentração e de trabalho forçado na antiga União Soviética) nos tempos de Josef Stálin. O livro, de 1.800 páginas, é uma narrativa sobre fatos que foram presenciados pelo autor, prisioneiro durante onze anos em Kolima, num dos campos do arquipélago, e por duzentas e trinta e sete pessoas, que confiaram suas cartas e relatos ao autor. Escrita entre 1958 e 1967, a obra foi

publicada no Ocidente no ano de 1973 e circulou clandestinamente na União Soviética, numa versão minúscula, escondida, até a sua publicação oficial no ano de 1989.

Nascido numa época em que já estava instalado na Rússia o regime socialista, desde o momento em que decidiu pela publicação de seu livro o escritor não mais pôde viver em seu país. Como se diz em política, ele caiu em desgraça ao desvendar as mentiras e os desmandos que se escondiam por trás da chamada Cortina de Ferro. Sua denúncia, feita tantos anos antes da dissolução da União Soviética, lhe confere, pois, autoridade moral indiscutível para apontar não apenas as mazelas do socialismo soviético, como as ilusões inerentes às economias capitalistas.

Sua análise acerca do comportamento materialista que caracteriza a sociedade terrena parece extraída de qualquer das obras espíritas sérias, tal a afinidade das ideias. Com efeito, Dr. Bezerra de Menezes, em memorável mensagem que abre o livro "O Espírito da Verdade", obra publicada em 1961, de autoria de Espíritos diversos, por intermédio de Waldo Vieira e Chico Xavier, em se reportando aos problemas do mundo, proclamou que "fora do Cristo não há solução", entendendo-se por "Cristo" o Evangelho lido, compreendido e aplicado, que Bezerra de Menezes considera suficiente para a solução de quaisquer dos chamados problemas humanos.

Não há como censurar a proposta do escritor russo ou a conclusão do amável benfeitor espiritual.

Nós somos Espíritos, não meros compostos orgânicos. O mundo material é, em si, singela paragem transitória a servir-nos de escola e oficina para a preparação das almas com vistas a um destino grandioso. Apegar-se a ele, escravizar-se aos seus valores, dar às questões temporais importância maior do que elas têm, significa confundir os objetivos fundamentais da existência humana, complicando-nos o futuro e a vida.

Ante a pergunta que dá título a este texto, a resposta é fácil: Sim, tem faltado Deus em nossa vida, em nossas ações, em nossos projetos, seja na esfera individual, seja na esfera política. De Deus advém-nos tudo o que temos e o que somos, mas agimos como se Ele não existisse e nenhuma importância tivesse em nossa vida.

Ensina o Espiritismo que uma das finalidades da encarnação é possibilitar que as pessoas façam a parte que lhes cabe na obra da Criação, o que nos leva a concluir que o homem não pode pensar apenas em si e na satisfação pura e simples de seus interesses.

As reflexões do laureado e saudoso escritor russo chamam a atenção exatamente para isso. Que elas sejam lidas e meditadas, para que o materialismo que domina o homem moderno ceda um pouco, eis o que espíritas e não espíritas certamente desejam.

## **Os problemas que nos surgem têm de ser enfrentados por nós mesmos**

Das histórias que Hilário Silva reuniu para compor seus dois livros – *A vida escreve* e *Almas em desfile* – ambos psicografados pelos médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier, há uma que expressa bem o que algumas pessoas buscam encontrar valendo-se do Espiritismo.

Trata-se do caso José Cardoso, o confrade que insistia, nas sessões mediúnicas de que participava, em buscar ajuda dos mentores espirituais para a descoberta de tesouros ocultos.

A região em que morava fora sede de mineração. Ali haviam sido descobertas arcas antigas e caldeirões recheados de pepitas e moedas. Devia haver, portanto, segundo pensava Cardoso, muito ouro escondido.

A cobiça era disfarçada com o uso de um argumento conhecido: com o tesouro encontrado seria possível realizar muitas obras caritativas.

Segundo o relato de Hilário, o amigo José Cardoso era persistente e não perdia ocasião de propor ao mentor do grupo questões voltadas para aquela ideia, que se lhe tornara obcecante.

O leitor pode imaginar a dificuldade dos mentores espirituais em tratar com semelhantes

pessoas. Como responder ao confrade sem causar constrangimento, desapontamento e decepção?

Evidentemente, alguém mais sensato poderia ter lembrado a Cardoso e aos componentes do grupo o que nos ensina a questão 533 d' *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzida:

533. Podem os Espíritos fazer que obtenham riquezas os que lhes pedem que assim aconteça?

“Algumas vezes, como prova. Quase sempre, porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido inconsiderado.”

A iniciativa não foi, porém, tomada, o que motivou o mentor do grupo, quando o assunto veio novamente à baila, a dizer-lhe:

– Meu irmão, fique tranquilo. Sua petição é bem inspirada. Sua intenção é construtiva. Indicaremos caminho para um tesouro no chão.

Ao ouvir semelhantes palavras, a pequena assembleia se assustou, receando estivesse ocorrendo uma mistificação. José Cardoso estava, porém, contente. O mentor então explicou:

– Cardoso, busque o seu quintal. Além do pátio empedrado, depois da cozinha, você vê todos os dias grande mancha de terra escura, que a tiririca está envolvendo. Cave lá, meu amigo.

José Cardoso anotou cuidadosamente a orientação e no outro dia, pela manhã, começou a cavar, e cavou até ficar exausto. Para seu desapontamento, não encontrou sinal nenhum de tesouro escondido.

Na reunião mediúnica seguinte, ele interpelou o mentor espiritual, que então explicou que ele cavara muito bem e que o caminho da riqueza estava pronto.

E, diante da curiosidade geral, acrescentou:

– Plante na cova rasgada um pé taludo de laranjeira, regue-a e trate-a com amor e, em breve, você terá o tesouro que procura, porque uma laranjeira, Cardoso, é princípio de um laranjal.

\*

A lição contida na história relatada por Hilário Silva é bem sutil, mas serve de advertência para todos os que esperam encontrar no Espiritismo a solução para os seus problemas de ordem material ou espiritual.

Nos casos de obsessão, é muito comum a família depositar a pessoa perturbada na Casa Espírita e aguardar, de braços cruzados, sua cura.

Os mentores espirituais inspiram-nos, ajudam-nos, estimulam-nos, mas é bom que lembremos que nós é que estamos encarnados e, portanto, a nós compete resolver os problemas advindos de nossa presença neste plano.

Transferir aos protetores espirituais a tarefa que nos pertence é um equívoco lamentável que não se sustenta em nenhum dos ensinamentos contidos na doutrina codificada por Kardec e

desenvolvida, entre outros, por Denis, Delanne, Emmanuel, Joanna de Ângelis e André Luiz.

## **As provas existem para serem superadas e assimiladas**

Assuntos dos mais frequentes nas perguntas que temos recebido, as provas e as expiações, conquanto diferentes quanto às suas causas, têm igualmente importante valor educativo.

Provas, como os espíritas sabem, são desafios, testes, oportunidades de aquisição de experiência, dificuldades que nenhuma relação têm com equívocos ou erros cometidos no passado.

Riqueza, beleza, mesa farta, vida fácil, tanto quanto pobreza, feiura, vida difícil são provas. Sua existência está intimamente ligada à necessidade que os Espíritos têm de progredir, rumo à meta que Deus assinalou para todos nós, que é a perfeição.

Ensina o Espiritismo que os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria e que todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Essa melhora se efetua por meio da reencarnação. A existência corpórea é, pois, uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a perfeição moral.

No livro *O Céu e Inferno*, Kardec inseriu um importante depoimento sobre o que realmente representam as provas em nossa vida. O depoimento foi dado pelo Espírito de Paula, que

havia sido condessa em sua última encarnação. Bela, jovem, rica e de estirpe ilustre, Paula – que faleceu aos 36 anos de idade – era também perfeito modelo de qualidades intelectuais e morais.

Eis um trecho da mensagem assinada por esse Espírito:

“Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar o meu Espírito; dessas provas tive a dita de triunfar, vindo a faltar, no entanto, uma, porventura de todas a mais perigosa: a da fortuna e bem-estar materiais, um bem-estar sem sombras de desgosto. Nessa consistia o perigo. E antes de o tentar, eu quis sentir-me assaz forte para não sucumbir. Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça do seu auxílio.

Muitos Espíritos há que, seduzidos por aparências, pressurosos escolhem essa prova, mas, fracos para afrontar-lhe os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua inexperiência.

Trabalhadores! estou nas vossas fileiras: eu, a dama nobre, ganhei como vós o pão com o suor do meu rosto; saturei-me de privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças da alma; do contrário eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás, na minha carreira.

Como eu, também vós tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo. E vós outros, ricos, tende sempre em mente

que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.” (*O Céu e Inferno*, 2ª Parte, cap. II.)

\*

A expiação tem causas diferentes, pois decorre de faltas cometidas pelo Espírito em ocasiões diversas, parte delas na existência atual e a maioria em precedentes existências.

Segundo os ensinamentos espíritas, a expiação se cumpre durante a existência corpórea por meio das dificuldades ou vicissitudes a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito. Assim é que o mau rico, por expiação, poderá vir a ter de pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi.

De conformidade com o que aprendemos na doutrina espírita, sabemos que Deus jamais apressa a expiação e só a impõe ao Espírito que, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil e quando tal fato for realmente útil para sua purificação e progresso.

Quando um Espírito enfrenta e supera uma adversidade, seja ela decorrente de prova, seja decorrente de expiação, ele avança um pouco mais na senda da evolução, ao mesmo tempo em que assimila a lição daí decorrente.

As provas escolares dão-nos uma boa imagem acerca do valor das provas que a vida nos oferece. Se o aluno se sai bem e alcança a nota desejada, ele sobe para o grau ou série seguinte, até que após algum tempo, concluído o processo, ele recebe o certificado ou diploma que atesta a conclusão do curso.

Devemos compreender, assim, que as provas não foram criadas por Deus para nos abater, mas para serem superadas e assimiladas, e nada têm que ver com castigo ou com punição, porque tais palavras não fazem parte do vocabulário de Deus.

## **O jogo do contente e os espíritas**

Por iniciativa de Monteiro Lobato, que a traduziu, chegou até nós, muitas décadas atrás, a comovente história de Pollyanna, a jovem que procurava manter-se sempre contente desde o momento em que seu humilde pai, devotado pregador do Evangelho, lhe disse haver encontrado na Bíblia 800 versículos que nos recomendam alegria, contentamento, bom ânimo, textos esses presentes não somente no Novo, mas, também, no Antigo Testamento.

Depois da descoberta, ele disse à filha que se Deus teve – por intermédio de emissários diversos – o trabalho de nos recomendar a alegria por oitocentas vezes, é porque desejava que fôssemos sempre alegres. E inventou, em decorrência disso, o “jogo do contente”, que consiste em encontrar em tudo, em todas as coisas que nos acontecem, um pretexto para permanecermos alegres e contentes.

A história de Pollyanna veio-nos à mente em face de uma carta que recebemos de um leitor, que se disse muito triste pelos rumos que o movimento espírita no Brasil tem tomado, no qual parece que às vezes damos mais importância à letra que ao espírito, como modernos fariseus reencarnados.

“Amai-vos”, eis o primeiro ensinamento!

A frase acima é bem conhecida de todos nós – dirigentes, palestrantes, escritores, médiuns, jornalistas, coordenadores de grupos ou meros participantes das Casas Espíritas.

“Instruí-vos”, eis o segundo.

A lição ora lembrada figura na parte final de um texto que merece igualmente ser recordado:

“Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades. Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! nada perece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.” (O Espírito de Verdade, Paris, 1860, cap. VI, item 5, d’O Evangelho segundo o Espiritismo.)

É claro que tem havido fatos no movimento espírita que realmente nos entristecem, mas nenhum deles pode ser pretexto para que ignoremos a necessidade de que o sentimento do amor, amor verdadeiro, amor sem mácula, amor desinteressado, seja o ingrediente principal de tudo o que realizamos no movimento espírita.

Agindo assim será possível – com toda a certeza – adotarmos o exemplo da jovem Pollyanna e procurarmos destacar nas realizações e atividades de que participamos o aspecto positivo, o lado nobre, as coisas boas que nos proporcionem a alegria e o contentamento prescritos por 800 vezes nas Escrituras, restituindo, desse modo, ao movimento espírita a alegria que lhe tem faltado.

## **Quem não consegue perdoar pode tornar-se vítima de si mesmo**

É conhecida uma frase de Allan Kardec, constante do livro *Obras Póstumas*, em que o Codificador diz que o homem frequentemente é o obsessor de si mesmo.

Certos estados doentios – diz ele – e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta devem-se, por vezes, simplesmente ao Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que mais comumente cada um concentra em si mesmo, sobretudo os desgostos amorosos, podem levar o indivíduo a cometer muitos atos excêntricos que erraríamos em levar à conta da obsessão.

Parece que está aí, finalmente, a explicação dos lamentáveis episódios que ocorreram dez anos atrás na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro. Textos escritos pelo rapaz que protagonizou os tristes acontecimentos e divulgados semanas depois comprovaram que ele agiu movido pelo sentimento de vingança de algo que se deu naquele mesmo ambiente, quando tinha aproximadamente a idade das 12 vítimas do seu tresloucado gesto.

A ocorrência nos traz, além do sofrimento que acometeu inúmeras famílias, diversas lições. A primeira delas lembra-nos as inúmeras

advertências feitas por Jesus a propósito da importância do perdão.

Quem não perdoa acarreta para si mesmo consequências ruins, não somente para o físico, visto que o ressentimento e o ódio encontram-se na raiz de inúmeras doenças, mas também para a alma, que pode perturbar-se com os próprios pensamentos e agir de forma irresponsável, como explicou Allan Kardec no texto que inicialmente recordamos.

Ensina a doutrina espírita que a vingança é a causa da maioria dos casos de obsessão, especialmente dos mais dolorosos que podem acometer a criatura humana.

Numa das melhores obras de autoria de Jésus Gonçalves (autor espiritual), o romance intitulado *Perdoa*, psicografia da médium Célia Xavier Camargo, é possível verificar que a condição *post mortem* do criminoso que sinceramente se arrepende é muito melhor do que a situação da vítima que não consegue perdoar.

Se tal fato se dá quando estão desencarnados, é fácil entender que isso pode também ocorrer quando estão encarnados. Essa seria, com certeza, a explicação do caso ocorrido em Realengo, o que é perceptível à vista do que foi publicado, fato que – se assimilarmos bem essa lição – deve reforçar na sociedade em que vivemos o sentimento de que o perdão é a única atitude que devemos tomar diante das ofensas e das agressões recebidas, porquanto sabemos que, em face da Lei de Deus,

é melhor sofrer a agressão do que sermos nós o agressor.

As palavras de Jesus, que tantas vezes já ouvimos, devem, por isso, ecoar para sempre nas nossas mentes e nos nossos corações:

- Antes de depositar a tua oferenda, volta e reconcilia-te com o teu adversário enquanto estais a caminho...

- Perdoa não sete vezes, mas setenta vezes sete...

- Se alguém te obrigar a andar mil passos, anda dois mil...

- Se uma pessoa te bater na face direita, oferece-lhe a esquerda...

- Ama os teus inimigos, ora por aqueles que te perseguem e caluniam...

- Pai, perdoa-nos as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores...

Diante de recomendações tão claras e objetivas, só nos resta atender se desejamos realmente ser felizes.

## **Por que nascemos e que viemos fazer aqui?**

Em seu livro *Socialismo e Espiritismo*, obra publicada pela Casa Editora O Clarim, Léon Denis diz que a solução dos graves problemas que assolam nosso mundo passa por um processo educativo que explique ao homem o porquê de sua presença e de sua passagem sobre a Terra. Com efeito – observa Denis –, de que serve ao homem conquistar os ares, as águas e todas as forças materiais, se ele não aprende a conhecer e a discernir as finalidades de sua vida?

O objetivo da reencarnação dos Espíritos em planetas como o nosso é algo bem definido na doutrina codificada por Allan Kardec.

O Codificador do Espiritismo perguntou aos imortais: – Qual a finalidade da encarnação dos Espíritos?

Eles responderam: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo,

toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta." (*O Livro dos Espíritos*, questão 132.)

Em outro momento, Kardec indagou: – Como pode a alma acabar de se depurar? Os orientadores espirituais responderam: "Submetendo-se à prova de uma nova existência."

A finalidade da reencarnação é, pois: "Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?" (*O Livro dos Espíritos*, 166 e 167.)

Algum tempo depois, em 1863, em um artigo publicado na *Revue Spirite*, Kardec examinou a tese de que os Espíritos não teriam sido criados para se encarnarem. A encarnação não seria senão o resultado de uma falta, pensamento esse que seria mais tarde defendido, equivocadamente, na obra *Os Quatro Evangelhos*, publicada por Jean-Baptiste Roustaing.

O Espiritismo, porém, ensina-nos o contrário, ou seja, que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito e do próprio planeta em que ele vive, não uma forma de castigo.

Comunicação obtida em 1864 na Sociedade Espírita de Sens confirma esse pensamento, reiterando que a reencarnação é fator indispensável ao progresso espiritual, à qual Kardec acrescenta que, trabalhando para si

mesmo, o Espírito reencarnado trabalha para o melhoramento do mundo em que habita.

Na mesma época, em Paris, o tema foi focalizado por outro Espírito, que informou que a reencarnação é necessária enquanto a matéria dominar o Espírito. Do momento em que o Espírito passa a dominar a matéria, a reencarnação não se torna mais necessária; é o estado dos chamados Espíritos puros. O texto pode ser visto na *Revue Spirite* de 1864, pp. 48 a 50.

Desta última comunicação destacamos os ensinamentos seguintes:

- À medida que as sensações corporais do homem se tornam mais requintadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem.

- Sendo os fluidos os agentes que põem em movimento o nosso corpo, são eles os elementos de nossas aspirações, pois existem fluidos corpóreos e fluidos espirituais.

- Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, uma vez encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana, que ele deve aperfeiçoar.

- O Espírito possui livre-arbítrio e procura sempre o que lhe é agradável e satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, busca suas satisfações na materialidade e dá, assim, um impulso aos fluidos materiais.

- Como necessita de depuração e esta só é alcançada pelo trabalho, as encarnações escolhidas

lhes são mais penosas, porque – depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos – deve constrangê-la, lutar com ela e dominá-la.

Comentando a mensagem, Kardec explica-nos que, considerada do ponto de vista do progresso, a vida dos Espíritos apresenta, assim, três períodos principais:

1º – O período material, no qual a influência da matéria domina a do Espírito.

2º – O período do equilíbrio, no qual ambas as influências se exercem simultaneamente.

3º – O período espiritual, no qual, tendo dominado completamente a matéria, o Espírito não mais necessita da encarnação e seu trabalho passa a ser inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

Muitas décadas depois da codificação da doutrina espírita, reafirmando a necessidade do processo reencarnatório, Emmanuel diz-nos em seu livro *O Consolador*, questão 96, que a reencarnação representa, em si mesma, uma estação de tratamento e de cura de certas enfermidades d'alma, às vezes tão persistentes que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.

E é exatamente isso que mostram as trovas seguintes, escritas por diferentes poetas, que o leitor pode ler no cap. 4 do livro *Na Era do Espírito*, obra publicada em parceria por Francisco Cândido Xavier e J. Herculano Pires:

"Para quem sofre no Além  
Sob a culpa em choro inglório  
O regresso ao lar terrestre  
É a bênção do purgatório"  
(Oscar Leal)

"Não adianta fugir  
Do débito que se atrasa,  
Reencarnação chega logo  
Cobrando dentro de casa"  
(Cornélio Pires)

"Quando um sábio das Alturas  
Necessita reencarnar  
Ninguém consegue impedir  
Nem adianta evitar"  
(Casimiro Cunha)

"De quaisquer provas na Terra  
A que mais amansa a gente:  
Inimigo reencarnado  
Sob a forma de parente"  
(Lulu Parola)

## **Como será nossa vida depois da morte?**

Por que tememos tanto a morte?

Claro que variados são os motivos, mas o principal deles é, sem contestação, o desconhecimento de como se opera essa transição e o que nos aguarda no chamado além-túmulo.

O assunto pode parecer inadequado nos dias que correm, tantos são os problemas e vicissitudes que as criaturas humanas enfrentam neste mundo tão conturbado e confuso.

Há, no entanto, quem reconheça que a morte é, em verdade, um final de um ciclo iniciado com o nascimento e constitui a única certeza que todos temos com relação à nossa própria existência, ou seja, todos morreremos!

Quando?

Ninguém sabe; pode ser hoje, pode ser daqui a 30 anos.

Que nos virá depois dela?

Lembremos inicialmente que nossa existência corpórea é apenas uma fase, mas não a única, das múltiplas experiências que todos nós deveremos enfrentar no longo caminho que nos levará à perfeição, uma meta que Deus assinalou para todas as suas criaturas.

As pessoas de nosso tempo têm lutado bastante para se darem bem na vida e poderem, dessa forma, desfrutar as benesses que o progresso da civilização engendrou.

Muitos, é justo reconhecer, sonham com a felicidade, um objetivo compreensível e válido que pode, no entanto, revelar-se um desastre se, para alcançá-la, negligenciarem os chamados valores espirituais indispensáveis à vida, porque inerentes ao Espírito imortal que todos somos.

As comunicações transmitidas pelos Espíritos mostram-nos que a vida pós-morte é uma espécie de continuação da existência corpórea, com a diferença de que nela os valores e as preocupações levam em conta nossa condição de Espírito e nossas verdadeiras necessidades, enquanto que a existência corpórea se apresenta como um lance rápido, efêmero e transitório, como verdadeiramente ela o é.

De fato, por mais longa que seja nossa estada neste plano, os anos passados numa existência corpórea formam um período de tempo irrisório se comparado com a eternidade que se abre à vida dos Espíritos.

No além-túmulo o homem se apresenta com as qualidades, os defeitos, os sentimentos e as recordações que o sensibilizam. As relações familiares verdadeiras se mantêm e se intensificam. Aqueles que se amam jamais se apartam...

A morte não deveria, por isso, assustar a ninguém, uma vez que nada perdemos com ela, a

não ser os bens que desfrutamos provisoriamente enquanto reencarnados, como simples usufrutuários que somos, e até mesmo o nosso corpo material, que nenhuma falta fará ao Espírito liberto, que se expressará então em outro corpo, semelhante ao primeiro, ao qual Paulo de Tarso chama de corpo espiritual (\*) e Kardec define como sendo o envoltório sutil da alma ou perispírito.

A desencarnação – ensinam os imortais – atinge-nos de modos diferentes, segundo a condição moral de cada um.

Lemos no livro *O Céu e o Inferno*:

“A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e aos gozos materiais.” (*O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, 2ª Parte, cap. 1, item 8.)

Existe, pois, uma relação direta entre o modo pelo qual vivemos no mundo e o começo da vida além-túmulo, porquanto o desprendimento da alma, em seguida à morte corporal, é semelhante ao despertar da pessoa que renasce para uma nova existência corpórea.

Duas conclusões podemos tirar dos ensinamentos acima.

A primeira é que é preciso compreender melhor o sentido da vida, que não se resume aos poucos anos que compõem nossa existência corpórea.

A segunda é que, submetidos à lei do progresso, temos o dever indeclinável de trabalhar por nosso aprimoramento moral, identificando-nos com a vida espiritual e abdicando, se preciso, das vantagens imediatas em prol do futuro, sem nos esquecermos de que somos Espíritos e temos objetivos que transcendem as metas e as preocupações exclusivamente de natureza material.

(\*) Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, também há um espiritual. (I Coríntios 15,44.)

## **Como reconhecer, entre os espíritas, os que estão no bom caminho**

Alguns confrades criticam a preocupação de muitos Centros Espíritas em oferecer, às pessoas que os procuram, o conforto e a assistência espiritual expressos no serviço do passe, na água magnetizada, nas radiações, nas sessões de doutrinação de Espíritos e nas reuniões de fluidoterapia voltadas para nossos irmãos enfermos do corpo.

Ninguém que conheça a doutrina espírita discordará de que as Casas Espíritas devem ter como finalidade fundamental a educação das pessoas que as buscam e o desenvolvimento do raciocínio crítico de seus frequentadores, mas tal objetivo não impede que, ao lado dos estudos e da orientação, atenda também o Centro Espírita às suas características de Templo, Lar, Hospital, Oficina e Escola, que encontramos nas instituições espíritas mais respeitáveis.

Sabemos que uma pessoa que esteja faminta não reúne, na maior parte dos casos, condições para ouvir uma preleção. Procuremos, pois, alimentá-la e depois, saciada sua fome, ela estará mais bem preparada para a lição que lhe será ministrada.

Assim se dá com as pessoas que chegam em desespero a uma Casa Espírita, sejam quais forem seus motivos. Esteja o desespero ligado a problemas de ordem espiritual ou a dificuldades de ordem material, não importa: é preciso primeiro acolhê-las, ampará-las e é para isso que existem os recursos espíritas, alguns dos quais utilizados largamente por Jesus, que deveria ser sempre para todos um exemplo a ser seguido.

Essas são as razões por que numa Casa Espírita bem orientada existem os serviços do passe e da água magnetizada, as sessões de radiações e as reuniões voltadas para a doutrinação ou esclarecimento de Espíritos. Seu propósito não é, como alguns pensam, de natureza proselitista, mas sim um meio de tornar menos áspero o caminho de irmãos nossos que, em muitos casos, desfalecem ante as provas mais duras.

Em uma mensagem incluída por Kardec no capítulo XX d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o instrutor Erasto fez uma grave advertência: "(...) atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparaí, pois, vosso caminho e segui a verdade".

O Codificador do Espiritismo perguntou-lhe, então: "Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?"

Erasto assim respondeu:

"Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e

praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.”

A advertência acima parece-nos suficiente para que os espíritas e os Centros Espíritas não ignorem, em suas atividades, a função consoladora do Espiritismo e, como tal, a respeitem e pratiquem.

## **Por que tanta violência em nosso mundo?**

Toda vez que o crime bárbaro ou os atos de terrorismo ocupam as manchetes em todo o mundo, ouve-se de novo uma pergunta que tem sido difícil responder de maneira satisfatória: – Por que a violência é algo ainda tão marcante em nosso mundo?

Ninguém certamente ignora que ela esteve sempre presente em todas as épocas da Humanidade.

A Bíblia disso nos dá conta revelando até mesmo os conflitos em que Moisés teria pessoalmente tomado parte, fato que se repetiria com o rei Saul e até com Davi, autor da maioria dos salmos que se eternizaram nas páginas do Antigo Testamento.

As guerras que fizeram expandir o Império Romano; as Cruzadas, de triste memória; a Inquisição; o longo período da escravatura em inúmeros países, algo que somente cessou na segunda metade do século XIX; os inúmeros conflitos entre países europeus; as guerras mundiais de 1914 e 1939; a guerra da Coreia; a guerra do Vietnã; a guerra do Golfo... Chega! Esta enumeração basta para mostrar que o estado de beligerância, violência e criminalidade não é um

fenômeno moderno e tem, portanto, raízes muito mais profundas do que à primeira vista podemos imaginar.

Certa vez, respondendo a uma leitora que nos consultou exatamente sobre a questão da violência, foi-lhe dito que, segundo pensamos, a violência que reina na sociedade terrena, e não apenas no Brasil, contra as pessoas em geral, sejam crianças, jovens ou adultos, decorre da condição geral de atraso que caracteriza o planeta em que vivemos.

A Terra é um planeta muito jovem e, devido a isso, não passou ainda do segundo nível da escala evolutiva aplicável aos planetas, pois nada mais é do que um singelo mundo de provas e expiações. Abaixo dela, somente os chamados mundos primitivos, em que as almas iniciam sua romagem evolutiva por meio das reencarnações sucessivas.

Para entender o nível evolutivo dos Espíritos que vivem em nosso mundo, lembremos o que Santo Agostinho (autor espiritual) escreveu no ano de 1862:

“(...) nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram

pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais não podiam chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência de sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levavam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É porque há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado." (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, item 14.)

A situação neste planeta, 85 anos depois da mensagem acima, pouco mudou, como podemos aferir à vista da informação abaixo, constante do livro *Voltei*, de Irmão Jacob, pseudônimo de Frederico Figner, obra psicografada em 1947 pelo médium Francisco Cândido Xavier. Eis a informação a que nos reportamos:

“Vivendo encarnados no Planeta quase dois bilhões de individualidades humanas, esclareceu o benfeitor que mais de um bilhão é constituído por Espíritos semicivilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passam de seiscentos milhões, divididas pelas várias famílias continentais. Torna-se fácil, portanto, avaliar a extensão do serviço regenerativo além do túmulo, considerando-se que homem algum se transforma instantaneamente.”  
(*Voltei*, de Irmão Jacob.)

Resumindo a informação acima: mais de 50% da população terrena era, em 1947, formada por Espíritos bárbaros ou semicivilizados e, do total, somente 30% se encontravam aptos à espiritualidade superior.

Acredita o leitor que esses percentuais se modificaram de forma sensível?

Não é, pois, difícil compreender por que o nosso planeta continua a ser, e o será por longo tempo, um mundo de provas e expiações, constituindo a violência, a corrupção e a criminalidade tão somente reflexos dessa condição e do estágio evolutivo em que nós, os terráqueos, ainda nos encontramos.

## Sinais de alarme

O moço acidentou-se gravemente numa colisão entre veículos. Ao cair de sua moto, o capacete revelou-se insuficiente para proteger-lhe o crânio. Dias e noites debateu-se às voltas com a presença da morte numa U.T.I. do principal hospital da cidade. Em casa, todos oravam. Seus familiares pareciam unir-se para somar forças e recursos diante do decreto do Invisível, pois temiam sua partida extemporânea para o Outro Mundo. "É cedo ainda", pensavam, embora não conseguissem dizê-lo.

À medida, porém, que o enfermo se recuperava, o fervor diminuía e, aos poucos, a casa foi voltando à normalidade. Com sua alta, de novo voltaram as preocupações materiais, os projetos financeiros, a despreocupação com os altos objetivos de nossa passagem pela Terra, coisa que deveria merecer um pouco mais de atenção nos dias que vivemos.

O que ocorre em face de um simples acidente físico deveria ocorrer nos acidentes morais.

Quando a obsessão, qual doença insidiosa, bate à nossa porta, a família necessita pôr-se em guarda, juntar esforços e orar muito, porque, mais perigosa do que uma lesão de natureza orgânica, a obsessão pode liquidar projetos nobres e ser o túmulo das mais caras aspirações.

Por que, então, não encará-la como um mal que é preciso ser extirpado?

Por que não elegê-la o problema número um da família inteira?

É de Scheilla (autora espiritual), por intermédio da psicografia de Chico Xavier, a seguinte advertência:

“Há dez sinais vermelhos no caminho da experiência, indicando queda provável na obsessão:

Quando entramos na faixa da impaciência;

Quando acreditamos que a nossa dor é a maior;

Quando passamos a ver ingratidão nos amigos;

Quando imaginamos maldade nas atitudes dos companheiros;

Quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa;

Quando reclamamos apreço e reconhecimento;

Quando supomos que o nosso trabalho está sendo excessivo;

Quando passamos o dia a exigir esforço alheio, sem prestar o mais leve serviço;

Quando pretendemos fugir de nós mesmos, através do álcool ou do entorpecente;

Quando julgamos que o dever é apenas dos outros”.

E Scheilla assim conclui:

“Toda vez que um desses sinais venha a surgir no trânsito de nossas ideias, a Lei Divina está presente, recomendando-nos a prudência de amparar-nos no socorro da prece ou na luz do discernimento”.

A lição transcrita dispensa comentários.

A obsessão é enfermidade moral que só alcança o homem que lhe abre portas e janelas para ela entrar.

Há, todavia, um antídoto para esse inquietante mal, expresso no lembrete seguinte de Eurípedes Barsanulfo (autor espiritual), constante do livro *Sementes da Vida Eterna*, psicografado por Divaldo Franco: “Através do Evangelho (...) encontramos o antídoto eficiente contra a sua proliferação: o amor!”.

## **Lições que o livro *Nosso Lar* nos trouxe**

Poucas pessoas compreenderam de imediato o objetivo que levou ao preparo e à posterior publicação do livro *Nosso Lar*, que constitui o fundamento do filme de igual nome que alcançou grande sucesso nas telas dos cinemas brasileiros.

O livro, é bom que lembremos, surgiu no início de 1944, quando Chico Xavier não havia completado 34 anos de idade e não era, como é fácil de entender, uma unanimidade em nosso País, fato que só seria alcançado na década de 1970, com o sucesso do célebre programa Pinga-Fogo na TV.

Os anos passaram, surgiram novas obras que complementaram as informações contidas no livro e, como muitos espíritas bem sabem, *Nosso Lar* acabou sendo escolhido em pesquisa realizada pelas Organizações Candeia como o mais importante livro espírita do século XX. (Confira: <http://www.oconsolador.com.br/ano4/171/especial2.html> /)

O motivo principal dessa escolha, segundo revelado na época pela instituição que realizou a pesquisa, se deve ao fato de ter *Nosso Lar* apresentado a primeira grande descrição do plano espiritual que influenciaria, de maneira decisiva, os estudos e as pesquisas espíritas aqui e

no exterior, especialmente no que diz respeito à mediunidade e aos processos obsessivos.

Suas lições não se resumem, porém, a esses aspectos, como aliás foi ressaltado por Emmanuel e pelo próprio André Luiz nos textos de abertura do livro.

Em seu prefácio, escreveu Emmanuel:

“Reconhecemos que este livro não é único. Outras entidades já comentaram as condições da vida, além-túmulo... Entretanto, de há muito desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa transmitir a outrem o valor da experiência própria, com todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem-intencionados, nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta”.

Mais diante, Emmanuel adverte:

“O Espiritismo ganha expressão numérica. Milhares de criaturas interessam-se pelos seus trabalhos, modalidades, experiências. Nesse campo imenso de novidades, todavia, não deve o homem descurar de si mesmo. Não basta investigar fenômenos, aderir verbalmente, melhorar a estatística, doutrinar consciências alheias, fazer proselitismo e conquistar favores da opinião, por mais respeitável que seja, no plano físico. É indispensável cogitar do conhecimento de nossos infinitos potenciais, aplicando-os, por nossa vez, nos serviços do bem”.

De acordo com as palavras daquele que coordenou a obra mediúnica de Chico Xavier, André Luiz veio dizer-nos que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal. E que não basta à criatura apegar-se à existência humana, mas é preciso saber aproveitá-la dignamente, visto que os passos do cristão, em qualquer escola religiosa, devem dirigir-se verdadeiramente ao Cristo e que “em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do Espiritismo e do Espiritualismo, mas muito mais de Espiritualidade”.

Da introdução assinada por André, destacamos as seguintes e sábias palavras, que deveríamos ter sempre em mente na condução dos nossos passos na atual existência:

“Uma existência é um ato.

Um corpo – uma veste.

Um século – um dia.

Um serviço – uma experiência.

Um triunfo – uma aquisição.

Uma morte – um sopro renovador.

Quantas existências, quantos corpos, quantos séculos, quantos serviços, quantos triunfos, quantas mortes necessitamos ainda?”

## **Por que orar?**

Há pessoas que não creem, em absoluto, na validade da prece e assim procedem durante toda a sua existência, até que a provação, surgida sob a forma de enfermidade irreversível ou da ruína nos negócios, abata seu orgulho e as leve à meditação em Deus.

Certo amigo que nas horas vagas colaborava com assiduidade na Santa Casa de sua cidade relatou-nos oportunamente como era o comportamento de determinadas criaturas de vida abastada quando, internadas naquela Casa, tomavam conhecimento da gravidade de sua enfermidade.

Ciente de antemão do caso, nosso amigo sugeria ao enfermo, em particular, a presença de um sacerdote para – quem sabe? – o necessário desabafo. A resposta era, contudo, no início, invariavelmente desanimadora: “Não creio em padre nem em religião nenhuma!”

Com o passar dos dias, toda doença insidiosa mostra os sinais de sua dureza e determinação. A família passa a rodear o enfermo, os parentes chegam de todos os cantos e, evidentemente, o resultado não se fazia esperar. O enfermo acabava, então, enviando ao amigo o esperado recado: “Se o senhor quiser, não me importo com a vinda do sacerdote”, ou seja, quando a ciência se revela

impotente e o dinheiro nada mais pode fazer, só resta recorrer à religião, como último recurso na busca de melhores dias.

Com as pessoas de vida mais singela o fato se passa de forma diferente. A escassez de recursos e a simplicidade da vida fazem com que esses irmãos sintam geralmente na oração um elemento importante em sua vida e, talvez, o único recurso diante das vicissitudes.

O convívio com famílias que vivem na periferia da cidade comprova isso. Essas pessoas, não raro, acompanham a oração com seriedade e gosto. Sim, com gosto, alegria, interesse, compreensão. É que a prece sincera transforma nosso estado d' alma e, quando fervorosa, traz-nos uma paz indefinida, assentando por alguns momentos uma vida nova em nosso campo mental.

Por que a prece conforta tanto?

Que mistério profundo encerra essa comunhão que os povos mais antigos já cultuavam?

O Espiritismo trata do tema com respeito e carinho, ao definir a prece como sendo um ato de adoração a Deus e, ao mesmo tempo, uma conversa com o Criador ou seus prepostos.

Sendo um ato de adoração, ela agrada ao Senhor e nos torna melhores, não requerendo para isso uma fórmula exterior determinada ou uma dissertação alongada. Seu conteúdo é que vale, a atitude de quem ora é o que importa, cientes todos nós de que a prece deve ser espontânea, objetiva e repleta de sentimentos elevados.

Do mesmo modo como Jesus ensinou, propõem-nos o Espiritismo que devemos orar em secreto, visto que, tratando-se de uma invocação e uma conversa íntima, ela requer os mesmos cuidados que temos quando desenvolvemos com alguém um entendimento particular.

Ensina Emmanuel: "A prece deve ser cultivada no íntimo, como a luz que se acende para o caminho tenebroso ou como o alimento indispensável na jornada longa e difícil, porque a oração sincera estabelece a vigilância e constitui o maior fator de resistência moral no centro das provações mais escabrosas e mais rudes" (*O Consolador*, pergunta 245).

Há, como sabemos, vários modelos de prece. O Pai Nosso, a prece de Cáritas, a oração de São Francisco de Assis, todas são peças de altíssimo valor literário e sentimental. O essencial, contudo, não é o que elas dizem, mas como as dizemos, o que sentimos ao dizê-las, a maneira, enfim, como as vivenciamos, sobretudo no momento de pô-las em execução.

## O perdão faz bem à saúde

É conhecida a advertência evangélica a respeito do perdão. Ensinou-nos Jesus que constitui medida salutar a busca de nossos adversários e a reconciliação com eles, antes de oferecermos a Deus nossas oferendas e preces.

A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores inclui o perdão das ofensas, a indulgência para com as imperfeições alheias e a benevolência para com todos entre as virtudes que formam o conceito de caridade tal como a entendia Jesus.

Como a caridade é, conforme a Doutrina Espírita, o caminho único da salvação – pois não existe outra maneira de se interpretar a máxima *Fora da caridade não há salvação*, adotada por Kardec –, o perdão faz bem em qualquer circunstância, sobretudo aos que o concedem.

Os espiritistas, todas as vezes que examinavam essa questão, jamais pensaram em benefícios materiais. O bem resultante do perdão foi considerado sempre uma recompensa para o Espírito eterno, ainda que não significasse vantagem alguma em termos puramente materiais.

Usemos um exemplo colhido à vida.

Uma pessoa é espoliada por alguém, sofrendo por isso um enorme prejuízo. Ao perdoar ao seu

algoz, ela não obtém, com esse gesto, nenhuma compensação material ou financeira, uma vez que seus benefícios serão tão somente de ordem espiritual.

Esse era o pensamento dominante quando se falava no valor do perdão, até que um fato novo veio mostrar que o efeito de perdoar aos que nos prejudicam ou ofendem vai além de uma simples satisfação interior que enobrece a alma capaz desse gesto.

A novidade veio-nos de Michigan (Estados Unidos), onde pesquisadores do Hope College, situado na mencionada cidade, garantem que perdoar as ofensas é uma forma de manter a saúde e pode ser até mesmo crucial para a sobrevivência da espécie.

Comparando-se os batimentos cardíacos, a taxa de suor e outras reações de pessoas expostas ao sofrimento ou à raiva que conseguiram ou não perdoar, foi que os pesquisadores americanos concluíram que perdoar faz bem ao corpo e não somente à alma, algo que Jesus, com toda a certeza, sabia.

Fosse de outro modo, o Mestre não teria insistido tanto no assunto, que houve por bem incluir até mesmo no modelo de prece que passou à posteridade com o nome de Oração Dominical.

É fácil, pois, compreender esta singela lição que Joanna de Ângelis inseriu no cap. 23 de seu livro *Episódios Diários*, psicografado por Divaldo Franco:

“Só os homens de pequeno porte moral se desforçam, tombando em fosso mais profundo do que aquele em que se encontra o seu perseguidor.

Se desculpas o acusador, és melhor do que ele.

Se perdoas ao inimigo, te encontras em mais feliz situação do que a dele.

Se ajudas a quem te fere, seja por qual motivo for, lograste ser um homem de bem, um verdadeiro cristão.

Desforço, jamais!”

## **A desencarnação e suas nuances**

Morte física e desencarnação são fatos distintos que não ocorrem simultaneamente. Uma pessoa morre quando o coração deixa definitivamente de funcionar, admitindo-se há alguns anos em diversos países como válido o óbito se registrada a morte encefálica, ainda que o coração continue batendo.

Desencarnação é outra coisa. A alma desencarna quando se completa o desligamento, o que pode demandar algumas horas ou alguns dias.

Ensina o Espiritismo que, de um modo geral, a alma continua ligada ao corpo enquanto são nela muito fortes as impressões da existência corpórea.

Indivíduos materialistas ficam retidos por mais tempo, até que a impregnação fluídica animalizada de que se revestem seja reduzida a níveis compatíveis com o desligamento. A demora nesse desprendimento é, às vezes, necessária para que o desencarnante tenha menores dificuldades para ajustar-se à realidade espiritual.

Ernesto Bozzano, no livro *A Crise da Morte*, depois de examinar 18 casos documentados sobre as fases inerentes ao transe da morte, enumerou em 12 pontos suas conclusões. Dentre estas, destacamos as seguintes:

- Todos os que desencarnam afirmam que, durante algum tempo, ignoraram o que, de fato, lhes havia ocorrido.

- Quase todos informam haver passado, após a morte, por uma espécie de “sono reparador”.

- Os que desencarnam gravitam, automática e fatalmente, para a esfera espiritual que lhes diz respeito, em obediência à “lei de afinidade”.

Léon Denis, no livro *Depois da Morte*, diz que a separação que se dá entre a alma e o corpo é seguida por um período de perturbação, período que é breve para as almas justas e boas, que logo se separam, mas longo, e às vezes muito longo, para as almas culpadas, impregnadas de fluidos grosseiros.

O assunto foi examinado também por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, em que podemos ler nas questões 149 a 165 que o estado de perturbação é um fato natural em todas as pessoas e varia de acordo com o grau de elevação moral do desencarnante.

O desprendimento da alma – que é o que caracteriza a desencarnação – começa pelas extremidades do corpo e vai-se completando na medida em que são desligados os laços fluídicos que prendem a alma ao cadáver.

Há, segundo informação constante do cap. XIII do livro *Obreiros da Vida Eterna*, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, três regiões orgânicas fundamentais que demandam

um grande cuidado nos serviços de liberação da alma:

- o centro vegetativo, ligado ao ventre;
- o centro emocional, sediado no tórax, e
- o centro mental, localizado no cérebro.

Nessa ordem é que a obra citada descreve como se processou o desprendimento de Dimas, um dos personagens do livro.

A oração é muito importante nesse processo e deve, por isso, estar presente sempre nos chamados velórios. Kardec relata a propósito, no livro *O Céu e o Inferno*, um interessante caso ocorrido em 1863 com o Espírito de Augusto Michel, que pediu a um médium fosse até o cemitério orar no seu túmulo.

O falecido suplicou tanto, que o médium acabou atendendo e, no próprio cemitério, foi intermediário de uma mensagem do Espírito, agradecido por ficar aliviado da constrição que antes o fazia preso à matéria.

Comentando esse caso, Kardec questionou – para a nossa reflexão – se o costume quase geral de orar ao pé dos defuntos, que é uma prática bem antiga, não proviria da intuição inconsciente que se tem desse efeito.

## **Os fortes devem amparar, não esmagar os fracos**

Célia Cazeta – com quem estamos casado há mais de 54 anos – e nós somos de famílias bastante numerosas. Ao todo, temos 17 irmãos, dez do nosso lado, sete do lado dela, e por conseguinte uma multidão de sobrinhos e outro número já bem grande dos filhos destes.

Como sabemos, em uma família numerosa nem todos conseguem o mesmo sucesso no âmbito profissional. São diversas as razões. Há aqueles que conseguem oportunidades que faltam a outros, condições mais favoráveis para estudar, facilidade na questão do emprego, saúde em ordem e por aí vai. Deste modo há nas famílias em geral alguns que conseguem uma situação econômica mais favorecida, enquanto outros lutam com dificuldades para custeio das despesas correntes com escola, saúde e até alimentação.

Cientes disso, sempre que podemos, temos procurado fazer algo no sentido de minimizar as dificuldades de um e outro familiar, geralmente com apoio de familiares generosos, o que não falta nas famílias em que Célia Cazeta e nós fomos criados. Não se trata, evidentemente, de nada especial, nada mais do que o cumprimento de um dever, visto que entendemos que aqueles que

podem ajudar devem fazê-lo sempre que se apresentar a necessidade.

É uma faceta de uma máxima conhecida, segundo a qual os fortes devem amparar os fracos, não esmagá-los. Aquele que se encontra em condições de observar esse princípio, que transparece com toda a clareza das páginas do Velho e do Novo Testamento, não pode omitir-se, porque, assim agindo, estará perdendo uma excelente oportunidade de fazer algo em favor do semelhante e atender a uma das principais recomendações que Jesus nos legou: – *Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal.* E isso independentemente de ser o outro membro ou não de nossa família consanguínea, porque todos – é bom enfatizar: todos – somos irmãos.

Além da perda da oportunidade de ajudar, anos depois, com toda a certeza, o remorso decorrente de nossas omissões tornar-se-á inevitável, especialmente quando tivermos de regressar à pátria espiritual, onde cada um de nós terá de prestar contas do que fizemos com os talentos que Deus nos emprestou.

Quando chegamos ao berço, nada trazemos em termos materiais, nem mesmo o corpo físico que nossos pais cuidaram de nos oferecer ao acolher-nos nesta nova etapa evolutiva. E quando voltamos, também nada levamos, nem o corpo nem as vestes, nem o carro nem a casa, nem os investimentos nem as propriedades, fato que levou

o notável pensador Pascal (autor espiritual) a escrever:

“O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a propriedade real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura.” (*Pascal. Mensagem recebida em Genebra em 1860, publicada no cap. XVI, item 9, d’O Evangelho segundo o Espiritismo.*) <sup>(1)</sup>

Em face de tão claro ensinamento, apegar-se aos bens e aos recursos financeiros de que dispomos, para calarmos ante as necessidades do próximo, é um equívoco que devemos lembrar sempre aos nossos irmãos, filhos, amigos e sobrinhos.

De outro lado, fazer algo em favor de alguém, por mínimo que seja, nos trará bênçãos incontáveis que nenhum dinheiro do mundo é capaz de pagar. Não é que devamos ajudar para sermos ajudados. É que assim é a vida, e disso temos inúmeros exemplos, especialmente na literatura espírita.

Um desses exemplos nos é narrado pelo Espírito de Humberto de Campos numa de suas obras. Falamos do caso Barsabás, o rico e poderoso tirano.

Quando Barsabás demandou o reino da morte, buscou em vão reintegrar-se no grande palácio que lhe servira de residência. Mas ninguém, nem os familiares nem os amigos, lhe lembravam o nome, a menos que fosse para reclamar o ouro e a prata que ele doara a mordomos distintos.

Depois de muito sofrer no plano espiritual e vagar por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, certo dia aprendeu a orar, e, como se a rogativa lhe servisse de bússola, embora caminhasse às escuras, eis que, de súbito, se lhe extinguiu a cegueira e ele viu, diante de seus passos, um santuário sublime, faiscante de luzes. Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes povoavam-no em todas as direções. Barsabás, sem perceber, alcançara a Casa das Preces de Louvor, situada nas faixas inferiores do firmamento.

Não obstante deslumbrado, chorou, impulsivo, ante o ministro espiritual que velava no pórtico.

Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou sereno:

– Barsabás, cada fragmento luminoso que contempas é uma prece de gratidão que subiu da Terra...

– Ai de mim – soluçou o desventurado – eu jamais fiz o bem...

– Em verdade – prosseguiu o informante –, trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o sangue dos doentes e das viúvas, dos velhinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigilância e de crueldade; entretanto, tens aqui, em teu crédito, uma oração de louvor...

E apontou-lhe acanhada estrela, que brilhava à feição de pequenino disco solar.

– Há trinta e dois anos – disse, ainda, o instrutor –, deste um pão a uma criança e essa criança te agradeceu, em prece ao Senhor da Vida.

Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás perguntou:

– Jonakim, o enjeitado?

– Sim, ele mesmo – confirmou o missionário divino.

– Segue a claridade do pão que deste, um dia, por amor, e livrar-te-ás, em definitivo, do sofrimento nas trevas.

Barsabás acompanhou o tênue raio do tênue fulgor que se desprendia daquela gota estelar, mas, em vez de elevar-se às alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.

Ali um homem calejado refletia, manobrando a enxó em pesado lenho... Era Jonakim, aos quarenta anos de idade. Como se estivessem os dois identificados no doce fio de luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual viajante abatido, de volta ao calor do lar.

Decorrido um ano, Jonakim, o carpinteiro, ostentava, sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos emolduravam belos olhos azuis. Com a bênção de um pão dado a um menino triste, por espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis Eternas, o prêmio de renascer para redimir-se. <sup>(2)</sup>

#### Notas:

(1) Blaise Pascal (Clermont-Ferrand, 19 de junho de 1623 – Paris, 19 de agosto de 1662) foi matemático, escritor, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês. Prodígio, Pascal foi educado por seu pai. Depois de uma experiência mística que experimentou em novembro de 1654, dedicou-se à reflexão filosófica e religiosa, sem renunciar ao trabalho científico. Escreveu durante este período *The Provincials and Thoughts*, publicado somente após sua morte. Em 8 de julho de 2017, em uma entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, o Papa Francisco anunciou que Blaise Pascal "merece a beatificação" e que planejava iniciar o procedimento oficial. Sobre Pascal, leia mais em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Blaise\\_Pascal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Blaise_Pascal)

(2) Extraído do conto *História de um pão*, autoria de Irmão X, pseudônimo usado pelo Espírito de Humberto de Campos, publicado no livro *O Espírito da Verdade*, psicografado pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

## **A vacina contra a penúria é o trabalho**

Por que o Espiritismo não atua junto à política humana para solucionar os problemas dos menos favorecidos? Esta foi uma das perguntas dirigidas ao médium Francisco Cândido Xavier na célebre entrevista por ele concedida no programa Pinga Fogo com Chico Xavier, em 28 de julho de 1971, pela Rede Tupi de Televisão.

A resposta do saudoso médium foi um modelo de concisão. O Espiritismo jamais pregou o conformismo. Não é essa a consequência de se crer no planejamento das existências, um dos ingredientes que compõem o processo da reencarnação.

Chico Xavier explicou que as leis divinas são magnânimas e que a causa das desigualdades e das injustiças é, antes, decorrência da imperfeição dos homens ávidos de poderes e riquezas, que edificam sobre a miséria alheia seus castelos de areia, tão frágeis e tão transitórios como o próprio corpo carnal. “A vacina contra a ignorância – enfatizou o médium – é a instrução, e a vacina contra a penúria é o trabalho.” A reforma do organismo social não virá por decreto, mas será o resultado de uma profunda modificação do ser humano através da educação.

Corria, como foi dito, o ano de 1971. Vinte anos depois, em setembro de 1991, a Lituânia, a Estônia e a Letônia se aproveitaram do momento difícil pelo qual a União Soviética passava e declararam sua independência; esses países haviam sido anexados após a Segunda Guerra Mundial. Em 1º de dezembro do mesmo ano, a Ucrânia proclamou sua independência por meio de um plebiscito que contou com o apoio de 90% da população. Uma semana depois, os presidentes das repúblicas da Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia criaram, na cidade de Brest (Bielo-Rússia), a Comunidade de Estados Independentes (CEI), decretando o fim da União Soviética. No dia 21 de dezembro, 11 das 15 repúblicas soviéticas, em Alma Ata, capital do Casaquistão, endossaram a CEI, decretando o fim da União Soviética. Gorbachev governou sem apoio durante mais quatro dias e, em 25 de dezembro de 1991, renunciou e declarou que a União Soviética deixaria de existir oficialmente em 31 de dezembro de 1991. Ruía, então, sem que nenhuma guerra o obrigasse, o chamado paraíso comunista, uma prova concreta de que paraíso se constrói, não se decreta.

\*

É preciso compreender que as religiões conhecidas focalizam de maneira diferente a finalidade da vida na Terra. Ora, se se entender que o homem está destinado a uma obra duradoura, que é seu aprimoramento moral e

intelectual, como nos ensina o Espiritismo, forçoso concluir que outra deve ser a motivação dos atos de nossa vida.

Em vez de lutar por aumentar o saldo da poupança, o indivíduo buscará ampliar seus conhecimentos...

Ao invés de dissipar suas forças nos vícios e nos excessos de vária ordem, o homem tudo fará por equilibrar mente e corpo, aproveitando cada minuto da existência para atingir o objetivo que o trouxe ao cenário do mundo...

Em vez de sonhar com a mansão luxuosa, a criatura tentará edificar uma vida moral sadia que colabore com o bem-estar não apenas de sua família, mas também de seus semelhantes...

Admita ou não o leitor, tais seriam as consequências da mudança do pensamento humano acerca do mundo e da vida, porque – se acreditássemos nisso – todos nós poderíamos compreender o que Jesus quis dizer com estas palavras: “Não ajunteis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os corroem, onde os ladrões os desenterram e roubam; mas formai tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os corroem; porque onde está vosso tesouro aí também está o vosso coração. Procurai, pois, primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo”. (Evangelho segundo Mateus, 6:19 a 34.)

Nesse sentido é o ensinamento espírita. A existência terrena é transitória. A felicidade que sonhamos não é uma construção exterior, mas

uma obra interna, intimista, que produz mudanças em nosso campo mental e modifica nossa conduta perante o mundo.

O cristão autêntico recebe as injunções e as vicissitudes da vida com superior resignação, e compreende que, seja qual for seu quinhão na presente existência, ser-lhe-ão tomadas contas severas, na exata proporção dos talentos recebidos, como o evangelista Mateus registrou na conhecida Parábola dos Talentos contada por Jesus.

Não há motivos por que nos revoltarmos contra o quinhão do vizinho. A parte que recebemos é precisamente aquela que solicitamos e de que carecemos para a experiência deste momento. Sendo fiéis no pouco, é certo que teremos outras oportunidades em futuras existências.

Este entendimento nada tem que ver com conformismo nocivo ou esdrúxulo, mas trata-se tão somente da compreensão legítima dos mecanismos da vida, a mesma que nos leva a aceitar, sem queixa, a perda de um filho, a enfermidade pertinaz ou os insucessos nos negócios.

## **Afinal, quem somos?**

A sociedade terrena encontra-se mergulhada numa situação muito difícil. Não nos referimos aqui tão somente às mortes e aos efeitos econômicos nefastos decorrentes da pandemia da Covid-19, que se apresenta como um fator agravante de algo que já não estava bem.

Com efeito, mesmo antes da pandemia os órgãos de comunicação nos mostravam multidões morrendo à míngua em diversos países do planeta, milhares de famílias vitimadas por flagelos naturais inúmeros, crianças sem lar e sem abrigo, jovens partindo do mundo após um aborto malsucedido, políticos flagrados com o dinheiro da corrupção, números crescentes de violência contra crianças e mulheres, bem como a eterna e insolúvel luta entre traficantes e polícia... e por aí afora.

Se acrescentarmos a isso as tribulações pessoais, veremos mais: o drama dos milhões que se encontram desempregados, os jovens que buscam nas drogas ou no suicídio a solução para os seus dilemas e a falência moral da sociedade contemporânea, que engendra o crime, a violência, a corrupção e o desespero, até mesmo em um país rico como o nosso, onde a população, em sua imensa maioria, se intitula adepta dos ensinamentos de Jesus.

Afinal, quem somos?

Como Allan Kardec escreveu certa vez, se a Humanidade fosse considerada somente pelo ângulo da vida no planeta Terra, poder-se-ia concluir que a espécie humana triste coisa é. Seria como se analisássemos a população de uma grande cidade levando-se em conta somente os enfermos de um hospital ou os detentos de uma penitenciária. Ocorre que a população de uma cidade não se resume aos que vivem nos referidos locais, mas é, sim, a soma de todos os elementos que a compõem: os enfermos, os criminosos, as pessoas sadias, os pobres, os ricos, os idosos, os jovens e as crianças.

Da mesma maneira que em uma penitenciária não se encontra toda a população de uma cidade, a Humanidade não se acha inteiramente na Terra. Os Espíritos do Senhor não pertencem exclusivamente ao nosso orbe. Existem muitas moradas na casa do Pai, conforme Jesus fez questão de revelar. E todas elas são necessárias para que alcancemos a meta a que estamos destinados, ou seja, a perfeição relativa que é possível ao ser humano atingir.

No planeta em que vivemos ocorre o que muitos chamam de estranho paradoxo. O avanço científico extraordinário dos últimos cem anos coincidiu com a eclosão de duas guerras mundiais e com o estado de alerta permanente dos povos que temeram por muito tempo, com razão, o advento de uma terceira grande guerra, que certamente seria a última.

A contradição apontada por alguns é, porém, falsa, porque o planeta sempre esteve envolto em guerras, que têm, infelizmente, marcado a história dos povos.

Como o progresso científico verificado no globo não foi acompanhado de um equivalente progresso moral, tem-se a impressão de que se verifica na Terra um processo de involução ou retrocesso, quando o que ocorre é, efetivamente, uma revolução, derivada dos séculos de tortura, perseguições, exploração e morte. E a finalidade dessa revolução é limpar o terreno para as futuras gerações comprometidas com a paz e a justiça social. Nesse sentido, devemos ter sempre em mente estas palavras de Jesus: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra". (Cf. Mateus 5:5.)

Nunca será demais repetir que a morte e a reencarnação estabelecem um sistema de trocas entre o plano material e o plano espiritual. A morte leva daqui, todos os dias, as gerações acumpliciadas com a velha ordem. A reencarnação traz de novo à cena os seres que, havendo por aqui passado inúmeras vezes, retornam com novas ideias e ânimo redobrado no sentido de estabelecer o reino de Deus na Terra.

É necessário, contudo, que as ideias materialistas, fortalecidas pelo *materialismo* dos que se intitulam cristãos, não concorram para o efeito contrário, que seria a destruição em vez da preservação desta morada acolhedora que dá o

alimento e o amparo a todos os que a buscam com espírito de tolerância, trabalho e solidariedade.

O estado de fome e penúria em que vivem muitos povos é um fenômeno antes moral que econômico, visto que ninguém ignora que os recursos aplicados na arte da guerra são mais que suficientes para erradicar a miséria e implantar as escolas de que o mundo carece.

Obviamente, não devemos chegar ao ponto de somente mirar as coisas do céu, porque em tudo o meio termo é sinônimo de bom senso. Mas não deixemos que a visão estreita da vida, esse materialismo desenfreado que nos consome, aniquile as possibilidades imensas que se encontram à nossa disposição para o nosso crescimento no rumo do infinito, o qual nos aguarda a todos, queiramos ou não, seja qual for a concepção que tenhamos da vida, a cor da nossa pele ou a crença que ostentamos.

## **A importância do lar quando o assunto são as drogas**

É conhecida do leitor a conclusão de uma pesquisa realizada anos atrás pela Universidade do Texas (Estados Unidos), segundo a qual a prática de uma religião tende a afastar o jovem das drogas e das atividades que põem sua saúde em risco, uma vez que a fé religiosa aumenta a autoestima e ajuda a prevenir doenças de fundo emocional.

Abonados por três centros de pesquisa – a Universidade do País Basco (Espanha), a Universidade de Los Andes (Colômbia) e a Fundação Oswaldo Cruz (Brasil) –, estudos posteriores à referida pesquisa vieram mostrar que o dependente químico não se forma na rua e que a tendência para o uso da droga começa a desenvolver-se em casa, mas – em compensação – uma boa educação pode preveni-la.

A inovação desses estudos foi não ter examinado a questão das drogas somente pelo ângulo do jovem que se torna dependente. Buscou-se também saber o que pensam os jovens que não consomem entorpecentes e o que faz com que eles, apesar de tantos apelos, não se sintam atraídos pelas drogas.

A resposta encontrada, tanto no Brasil, como na Colômbia ou na Espanha, foi uma só: nos lares

onde existem diálogo, afeto e aconchego os filhos não sentem necessidade de buscar refúgio nas drogas.

Estimular os princípios espirituais, em contraposição aos valores materiais, é um dos recursos propostos pelos especialistas para a prevenção desse mal. A pessoa que tenha da vida uma noção mais clara não terá – salvo numa situação de extremo desequilíbrio – motivo para afogar nas drogas as suas dificuldades, uma vez que saberá que as vicissitudes existem para serem vencidas e não para abater-nos.

Diálogo aberto com os filhos, afeto, carinho, presença constante, ambiente familiar atraente e aconchegante e bons exemplos – eis o que os estudos recomendam.

Com respeito ao álcool e ao cigarro, embora se trate de drogas lícitas e de uso geral, é bom que os pais evitem consumi-las, se não quiserem que os filhos façam o mesmo. Além disso, as regras da convivência familiar devem ser claras, de tal modo que, quando os pais estabelecerem alguma proibição, ninguém alimente dúvidas sobre suas razões.

A importância de observações como estas é muito grande, sobretudo porque, provenientes de centros de estudos desvinculados de qualquer religião, confirmam os que as religiões cristãs têm buscado ensinar e muitas vezes não conseguem.

A existência terrena é um estágio evolutivo, ensina o Espiritismo. Esse estágio é recheado de provas, vicissitudes e desafios. Mas até as crianças

sabem que não se vencem as dificuldades fugindo delas e que, em face disso, não existe alternativa: é preciso enfrentá-las e vencê-las.

## **A mão que agride é a mesma que acaricia**

Examinando a ideia bastante frequente de que educar os filhos é tarefa muito difícil, conhecido psicólogo fez, algum tempo atrás, oportunas advertências a respeito da importância do carinho e do amor na tarefa de educação dos filhos e na construção de um lar que permita à criança tornar-se um adulto capaz de agir e viver dignamente.

Lembrando que, ante a teimosia e as travessuras dos filhos, muitos pais se descontrolam e partem para a agressividade, o psicólogo citado alerta que educar crianças é, entre outras coisas, transformar impulsos selvagens em capacidade de afeto. “Quando o sangue ferve, recomenda ele, o melhor é sair de cena e pedir ao parceiro mais sóbrio que assuma o comando da situação.”

Essa tese tem sido proposta por terapeutas diversos com apoio em pesquisas que comprovam que em criança não se deve bater nem com uma flor.

O pai que procura domesticar e não educar pensa que seu método é eficaz, mas as consequências futuras mostrar-lhe-ão o contrário, quando descobrir que os problemas advindos de sua atitude são maiores do que a causa que deu motivo ao castigo, seja ele físico ou moral.

Essa postura dos psicólogos modernos não difere, na essência, do que nos ensina há mais de 160 anos o Espiritismo.

Dentro de uma perspectiva espírita, adverte J. Herculano Pires, a educação não consiste apenas na integração das novas gerações na sociedade e na cultura do seu tempo, mas é também o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser em sua atual existência, com vistas ao seu futuro transcendente.

Toda pessoa traz consigo, em cada passagem pelo orbe, os resultados do seu desenvolvimento anterior em existências precedentes, os quais começam a revelar-se desde os primeiros anos de vida em suas tendências e no conjunto das manifestações do seu temperamento.

Cabe aos pais e aos educadores observar esses sinais e orientar o seu ajustamento, corrigindo as deficiências e os exageros na medida do possível.

A criança não é um indivíduo novo, mas um ser reencarnado, alguém que voltou à existência terrena depois de inúmeras passagens por aqui, trazendo, portanto, um vasto acervo de experiências negativas e positivas em sua mente de profundidade.

Ela precisa, então, de alguém que a ampare e oriente, que a proteja e eduque. No entanto, ninguém educará pessoa alguma a não ser pelo amor, porque, repetindo aqui palavras de Herculano, só o amor educa, só a ternura faz as almas crescerem no bem.

A mão que agride é a mesma que embala, que cuida, que acaricia, mas, em sã consciência, jamais deveria ser instrumento de agressão.

## **Depois de um problema, aguarde outros**

Diz um ditado popular que depois da tempestade vem a bonança, e é esta esperança que dá ânimo aos que se debatem nas dificuldades e tropeços da vida.

André Luiz (autor espiritual), em seu livro *Sinal Verde*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, propõe pensamento bem diverso: "Depois de um problema, aguardar outros", ideia que tem pelo menos o mérito de ser mais consentânea com a realidade das coisas.

De fato, a vida é uma sucessão de dificuldades. Nem bem superamos um obstáculo ou uma vicissitude, e lá vem outra. Isso significa que, conquanto jamais devamos perder as esperanças, não podemos pensar que a existência será, a partir de amanhã, um mar de rosas, porque essa qualidade dificilmente é a marca das experiências que o homem enfrenta no mundo em que vivemos. As razões são desfiladas nas linhas que se seguem.

O leitor conhece, por certo, este outro ditado: "Há males que vêm para bem". Pois nós podemos dizer, com fundamento nos ensinamentos espíritas, que todos os males, ou pelo menos a maioria, vêm para bem, mostrando aí uma faceta

diferente de algo que efetivamente perturba a criatura humana.

Ocorre que muitos dos chamados males só o são na aparência. Se mudarmos o ponto de vista pelo qual se encare determinado problema, outra ordem de ideias se apresenta e o indivíduo pode ver que o bem frutifica onde menos se espera. Assim é que determinada situação receberá análises diametralmente opostas de um materialista e de um espiritista.

“A ideia clara e precisa que se faz da vida futura – escreveu Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. II, item 5 – dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens.”

A existência corpórea, para aquele que se coloca na vida espiritual, não é mais que uma passagem, uma estação ligeira num país ingrato. As tribulações que enfrenta são incidentes que ele recebe com paciência, porque sabe que serão transitórias e seguidas de um estado mais feliz. A morte nada lhe apresenta de apavorante, porque significa não a ruptura dos laços sociais, mas a libertação dos grilhões que o prendem ao vale de lágrimas que são os planetas como o nosso.

Claro que, assim pensando, as inquietações serão recebidas com maior resignação e isso dá uma tranquilidade e uma calma de espírito que atenua todas as amarguras.

É, pois, nesse sentido que assiste inteira razão a André Luiz. Depois de um problema, aguarde outros – porque aquilo que chamamos problema é,

geralmente, a solução – e é também isso que dá à frase “a maioria dos males vem para bem” um valor inquestionável, porquanto se os chamados males impulsionam o homem para o progresso, força é convir, disso resulta um bem e não um mal.

## **As amarguras da vida numa perspectiva espírita**

Há entre as pessoas quem não aceite a chamada lei de causa e efeito e atribua as amarguras da vida à obra do acaso.

Ocorre que pensar assim equivale a descrer de que existe Deus e admitir que estamos todos imersos em algo que não apresenta a mínima sabedoria ou qualquer coisa parecida com o que entendemos seja a misericórdia, visto que o mundo nos apresenta a cada momento situações desesperadoras, que fariam secar nossa fé se não pudessem receber uma explicação racional à luz dos ensinamentos do Cristo.

Vejamos o exemplo seguinte.

O rapaz nasceu na zona rural, filho de pequeno sitiante. Não conheceu na infância e na juventude as agruras da vida. Mas, uma vez casado, viu o pai obrigado a dispor de sua terra, em decorrência de safras que não vingaram e dos juros bancários escorchantes, e, como num passe de mágica, todos de sua família passaram a ser lavradores autônomos, na condição de assalariados.

Algum tempo depois, ei-lo numa fazenda de cana-de-açúcar. A existência difícil era compensada por um lar onde cinco filhos pequenos lhe traziam a alegria de viver. Foi então que, num

momento fatídico e inesperado, ligeiro descuido na lavoura fê-lo perder o braço direito e, por conseguinte, seu instrumento de trabalho, como servidor braçal que era.

Não é preciso dizer que seu empregador nem tomou conhecimento do fato, e o humilde servidor da roça teve de abandonar a fazenda, buscando numa cidade maior uma oportunidade de sobreviver e manter a família, embora sem emprego e sem ninguém a quem recorrer.

O leitor sabe qual tem sido o destino dessas pessoas. Claro que, no caso acima, que é um fato que realmente ocorreu, o casal e os cinco filhos foram parar na periferia de uma grande cidade, mais precisamente em uma das favelas que a cercam, e foram pessoas bondosas daquele recanto que, condoídas com aquele quadro inusitado, proporcionaram-lhe a edificação de um barraco singelo, feito com restos de madeira, plástico e papelão, onde a família passou a morar, dando início a mais uma fase – uma fase de novas dificuldades – em sua curta existência na Terra.

Foi desse modo que algumas pessoas ligadas à assistência social espírita o conheceram. O rapaz dedicava-se agora a catar papéis e a limpar terrenos e quintais, com o que reunia alguns poucos recursos, claramente insuficientes, para alimentar e vestir a si e aos filhos.

Rememoremos o caso.

Primeiro, perdeu a propriedade rural, que simbolizava a solidez e a segurança de seus pais e dele próprio. Em seguida, perdeu parte de seu

próprio corpo e, com ele, o emprego. Agora, iniciava uma vida nova, aceitando com paciência e resignação vicissitudes duras que ele, com certeza, ignora por que bateram em sua porta, mas que lhe produzirão benefícios incalculáveis e duradouros, considerando-se a transitoriedade desses percalços em face da grandeza da vida espiritual, que é pra sempre e eterna.

As vicissitudes da vida – ensina o Espiritismo – têm duas fontes distintas. Umas têm sua causa na existência atual, outras fora dela. Em qualquer caso, têm sempre uma finalidade justa e importante. “Nada no mundo se faz sem um objetivo inteligente e cada coisa tem sua razão de ser”, ensinam os imortais.

Pensar o contrário é admitir o acaso ou, o que é bem pior, equivale a imaginar que Deus não passa de um pai caprichoso que se engrandece com o sofrimento dos filhos, enquanto outros desfrutam a vida, aparentemente na maior ventura.

## **O aprimoramento da alma demanda tempo**

O burilamento da alma é trabalho de largo tempo. Como diz Abel Gomes (autor espiritual) em mensagem constante do livro *Falando à Terra*, obra psicografada pelo médium Chico Xavier, nem todos se retiram da Terra e ingressam na pátria espiritual na posição de heróis. "A perfeita sublimação é obra dos séculos incessantes."

Na Terra, diz Abel, notamos em toda parte homens e mulheres de boa vontade inequívoca na aceitação das verdades divinas, os quais, no entanto, não conseguem aplicá-las, de pronto ou de todo, à própria vida.

Vemos companheiros que já conseguem livrar-se dos laços asfixiantes da cobiça, na zona do dinheiro, vivendo em louvável desprendimento das posses materiais. Contudo, muitos deles ainda se prendem à sexualidade, incapazes de quebrar os agulhões que os ferretoam nesse domínio.

Outros, aquietados em perfeita serenidade, extinguiram, na profundidade anímica, os últimos resquícios das ardentes paixões carnis, mas apegam-se a míseros vinténs, convertendo a vida num culto lastimável e exclusivo ao ouro que o chão reclamará.

Muitos ensinam o bem, com vigor e beleza nas palavras, todavia adotam atitudes e atos que os desabonam, não obstante as intenções respeitáveis que os animam, demonstrando incapacidade no reger os próprios pensamentos e desintegrando com o verbo impulsivo as boas obras que executam com as mãos.

Não raros praticam o bem, mas simplesmente para com aqueles a quem se inclinam pela simpatia, negando-se a ajudar quantos lhes não penetram os círculos do agrado pessoal.

Inúmeras pessoas se reconfortam com o ensino religioso de santificação em seu campo interior, contudo o renegam na esfera de ação objetiva.

Manoel Philomeno de Miranda refere-se a isso no cap. 24 de seu livro *Painéis da Obsessão*, obra psicografada pelo médium Divaldo Franco.

Segundo ele, no retorno do Espírito à existência corporal, quando alguém se candidata a uma ação meritória, nunca deve esperar dos outros os exemplos de virtudes, nem as lições de elevação, mas examinar suas próprias disposições para verificar o que tem e o que pode, em nome de Jesus, oferecer.

A simples candidatura ao bem não torna bom o indivíduo, tanto quanto a incursão no compromisso da fé não faz ninguém, de imediato, renovado. Merecem respeito, portanto, não somente os triunfadores, quanto aqueles que persistem e agem sem descanso, mesmo quando não colimam prontamente os resultados felizes.

Nas experiências de elevação, entre outros impedimentos que surgem, a rotina é teste grave a ser superado. Enquanto há novidades no trabalho, há motivações e entusiasmos para realizá-lo. Depois, à medida que se fazem repetitivas, as ações tendem a cansar, diminuindo o ardor do candidato à operosidade e levando-o à saturação e à desistência.

Nesses momentos de cansaço, surgem as tentações do repouso exagerado, da acomodação, do tempo excessivo sem utilização correta, abrindo-se campo à censura indevida, que medra em forma de maledicência e espalha azedume e reproche, destruindo as leiras onde a esperança semeia o amor e a ternura.

Muitas Obras do bem não resistem a esse período, quando as intenções superiores cedem lugar ao enfado e à comodidade, que propiciam a invasão das forças destrutivas e a penetração dos vigilantes adversários da luz.

Somente a humildade, que dá a dimensão da pequenez e fraqueza humana ante a grandiosidade da vida, faculta uma visão legítima que leva o indivíduo a recorrer à Divindade pela prece ungida de amor, antídoto eficaz para os distúrbios obsessivos.

A prece liberta a mente viciada dos seus clichês perniciosos e a abre para a captação das energias inspiradoras, que fomentam o entusiasmo pelo bem e a conquista da paz através do amor. Entretanto, a fim de que se revista de força desalienante, necessita do combustível da fé, sem

a qual não passa de palavras destituídas de compromisso emocional entre aquele que as enuncia e o Senhor a quem são dirigidas.

Mãe de inúmeras virtudes, a humildade é também essencial no esforço que levará a alma ao aprimoramento moral a que somos destinados, conquanto tenhamos em mente que se trata de uma longa jornada a desdobrar-se ao longo de muitos e muitos séculos.

## **A educação e seu papel na construção de um mundo melhor**

Cairbar Schutel levava para sua casa os enfermos sem teto que chegavam a Matão (SP) e deles cuidava com o amor e a dedicação que já se tornaram conhecidos dos espíritas. Quando, porém, percebia que a pessoa não teria condições de se recuperar da enfermidade, ele a preparava para essa transição que tanta gente teme e que conhecemos com o nome de morte.

A existência de um Pai justo e misericordioso, a continuidade da vida, a imortalidade da alma, as vidas sucessivas, as condições de vida no plano espiritual, eis temas que certamente o notável apóstolo explanava ante os olhos atentos e esperançosos dos seus tutelados, preparando-os para essa etapa nova que tem início com a morte do corpo.

O Codificador do Espiritismo referiu-se certa vez a esse assunto quando explicou por que devemos falar de Espiritismo aos mais velhos. E disse que a finalidade de tal conversa era exatamente fazer o que Cairbar faria mais tarde, e tão bem, na pequenina cidade de Matão.

No mesmo texto, Kardec explicou também por que devemos falar de Espiritismo aos mais novos, afirmando que o objetivo de se tratar do assunto

com as crianças é prepará-las para a vida e fornecer-lhes subsídios importantes para que consigam cumprir na Crosta o que foi planejado no plano espiritual.

A lembrança deste assunto veio-nos à mente ao retermos um texto que nossa amiga Claudia Werdine escreveu oportunamente a propósito de um encontro que teve com os jovens espíritas da Holanda.

Assistimos hoje, não apenas na Europa, mas certamente no mundo todo, a uma juventude aparvalhada, cuja desorientação decorre de uma série de fatores, dentre os quais a questão da educação tem de ser posta em primeiro lugar.

A vida, conforme bela imagem usada por Emmanuel, pode ser comparada a uma longa jornada.

O que chamamos de juventude equivaleria à saída de um barco, que vai enfrentar todas as intempéries e vicissitudes inerentes a uma demorada viagem. A velhice corresponderia à chegada do barco ao porto.

E a infância? A infância, conforme palavras usadas por Emmanuel, é a fase da preparação, em que marinheiros experientes cuidarão para que, quando chegar o momento, os infantes tenham condições de conduzir o barco até o seu destino.

Falta, evidentemente, aos pais do mundo em que vivemos um conhecimento mais profundo acerca destas coisas.

É preciso que eles entendam que nossos filhos são velhos conhecidos que voltam ao cenário terrestre para dar continuidade a projetos inacabados, reparando os equívocos cometidos, consertando as bobagens praticadas e buscando edificar um mundo novo em que a felicidade de uns não dependa da desgraça dos outros.

Seria importante também que eles soubessem por que nascemos, por que vivemos, qual o objetivo de nossa estada aqui, uma vez que, cientes disso, poderiam realizar com mais eficácia e talento o papel que lhes compete, como educadores que são daqueles que Deus lhes confiou na presente existência.

Santo Agostinho (autor espiritual), dirigindo-se aos homens da Terra, pediu certa vez que compreendêssemos que, quando produzimos um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir, e que é preciso pôr todo o nosso amor em aproximar de Deus essa alma. Essa a missão que nos está confiada e cuja recompensa receberemos, se fielmente a cumprirmos.

Lembremo-nos – aduziu o mesmo Espírito – de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?

Se por culpa nossa ele se conservou atrasado, teremos como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de nós dependia que fosse ditoso. Então, nós mesmos, assediados de remorsos, pediremos que nos seja concedido reparar a nossa falta, rogando ao Pai, para nós e para ele, uma nova encarnação em que o

cerquemos de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, nos retribuirá com o seu amor. (Cf. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIV, item 9.)

## Os inestimáveis efeitos da dor

Definida por Léon Denis como lei de equilíbrio e educação, tanto a dor física quanto a dor moral têm por objetivo alçar o ser humano a um novo grau evolutivo.

Pessoas há, como sabemos, que não despertam para as realidades superiores da vida a não ser pela dor, e os exemplos disso são numerosos. Em outros casos, a dor constitui uma espécie de atalho, de chamamento, de estímulo a uma mudança.

Levada ao Espiritismo em decorrência de uma pausa para tratamento de saúde, a professora Ana Maria Brito Leal Previato declarou oportunamente, em entrevista à revista **O Consolador**: “Posso dizer, sem medo de errar, que procurei a Doutrina Espírita levada pela dor, bendita dor que iluminou o meu caminho”.

Além da dor, o fenômeno espírita tem sido também fator importante na conversão das pessoas. Muitos médiuns e estudiosos conhecidos do Espiritismo nele ingressaram por força de um ou de outra. O exemplo de Benedita Fernandes é, nesse sentido, extraordinário, como o são igualmente os casos de conversão de Jésus Gonçalves, Cairbar Schutel e tantos outros.

Em nossa região, três deles merecem registro. Mencioná-los-emos aqui, ocultando propositadamente os nomes das pessoas envolvidas.

Determinada mulher, ao assistir na igreja ao casamento de uma amiga, sentiu-se desfalecer justamente na hora em que os noivos se beijaram. No dia seguinte, ela já estava internada num dos hospitais psiquiátricos de sua cidade. O processo obsessivo ganhou vulto, o tratamento afigurava-se à família muito difícil, até que amigos a conduziram a uma Casa Espírita, onde a mulher se equilibrou e o processo chegou ao fim, ganhando o movimento espírita da cidade uma nova médium e trabalhadora incansável que muito fez pela causa do Evangelho no local em que vive.

Certo professor e escritor de sucesso, dotado de recursos intelectuais invejáveis, tinha dificuldade de aceitar Deus como ensinado pelas religiões tradicionais e vivia, em face disso, apartado de qualquer religião e das preocupações atinentes aos trabalhadores da seara cristã. Certa tarde, após o almoço, o sogro – que havia falecido anos atrás – lhe aparece. O fenômeno repete-se nos dias seguintes, e com tal nitidez, que morreu ali o materialista para dar lugar a um novo espiritista, que inscreve nos livros que publica as noções espíritas acerca do Criador e suas leis.

Pais de dois filhos moços, o casal sucumbiu à perda do caçula de 15 anos, encontrado morto em condições misteriosas que indicavam, pelo menos na aparência, a ideia do suicídio. Levados a um

psiquiatra, este os encaminhou a uma Casa Espírita, advindo da frequência às reuniões e dos estudos espíritas um equilíbrio diferente, uma paz desconhecida e, por incrível que possa parecer, a eclosão da faculdade mediúnica na mãe dos rapazes. Graças a essa faculdade, ela passou a sentir a presença do filho, tornando-se em seguida instrumento dele, como médium psicógrafa que é, para auxílio a tantas pessoas que passaram, em período recente, por prova semelhante.

Quando o Iraque se viu livre do ditador que o dominava até ser deposto, os médiuns apareceram e puseram, como se diz popularmente, “suas mangas de fora”. Conforme o relato da grande imprensa, alguns se especializaram na arte de descobrir o paradeiro de pessoas desaparecidas, enquanto outros passaram a se dedicar às curas. E isso – coisa extraordinária – em um país muçulmano, livre portanto das influências cristãs, comprovando que nada se pode fazer contra os fatos, porque os fenômenos fazem parte das leis de Deus, não são fruto de ensinamento nem pertencem a essa ou àquela denominação religiosa.

## **O amor cobre a multidão dos pecados**

De vez em quando reaparece em nosso meio uma velha questão acerca da chamada pena de talião. Ela continua existindo ou foi revogada por Jesus?

A pena de talião, que outros chamam de lei de talião, consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena, apropriadamente chamada retaliação. Essa lei é frequentemente expressa pela máxima "olho por olho, dente por dente".

Trata-se de uma das mais antigas leis existentes em nosso mundo, cuja origem encontramos no Código de Hamurabi, em 1780 a.C., na Babilônia. Moisés, algum tempo depois, a consagrou em Israel.

Conforme se lê na questão 764 de *O Livro dos Espíritos*, a pena de talião, tal como era aplicada na antiguidade, não mais vigora. O que vigora no mundo é, em verdade, a justiça divina e é, obviamente, Deus quem a aplica.

Conhecida na doutrina espírita como lei de causa e efeito, ela aparece no Evangelho resumida numa frase que Jesus disse ao apóstolo Pedro: "Pedro, guarda a espada, porque todo aquele que matar com a espada perecerá sob a espada".

O rigor de tal pena pode, contudo, ser suavizado por uma outra lei que se tornou conhecida graças a Pedro, apóstolo: "O amor cobre a multidão dos pecados", frase que integra a 1ª Epístola de Pedro, cap. 4, versículo 8, o que significa que muitas pessoas podem alterar o mapa de sua vida amando, ajudando, fazendo o bem, uma ideia que Divaldo Franco resumiu numa frase bem conhecida: "O bem que fazemos anula o mal que fizemos".

O tema foi examinado por Allan Kardec no texto intitulado "Código Penal da Vida Futura", que faz parte do cap. VII da 1ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*.

Segundo o Codificador, quando o assunto é a regeneração de quem lesou o próximo, o arrependimento, embora seja o primeiro passo, não basta. É preciso juntar ao arrependimento a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, pois, as condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento, afirma Kardec, suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação, mas somente a reparação pode anular o efeito, destruindo-lhe a causa. Não fosse assim, o perdão seria uma graça, não uma anulação.

Quando Pedro escreveu a epístola a que nos reportamos, ele certamente se referia à expiação, que pode ser perfeitamente amenizada e até

excluída pela prática do bem e da caridade, que são a expressão maior do amor.

Na literatura espírita encontramos diversos exemplos disso. Muitas vezes a pessoa deveria perder um braço inteiro, em face de um delito cometido no passado, e perde apenas um dedo. No tocante à reparação, isso, porém, não se dá.

Lembremos o que Kardec escreveu a respeito:

“A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo; em tais casos a reparação se opera, fazendo-se o que se deveria fazer e foi descuidado; cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benigno se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, frugal se foi intemperante, trocando em suma por bons os maus exemplos perpetrados”. (*O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, cap. VII.)

O importante, no entanto, é que tudo isso pode ser feito não necessariamente debaixo de um grande sofrimento, em face do abrandamento

lembrado em boa hora pelo apóstolo Pedro, sintetizado na frase: "O amor cobre a multidão dos pecados".

## **A seara é grande, mas poucos os trabalhadores**

Diferentemente de outros movimentos, no Espiritismo não há sacerdócio nem funções remuneradas. O dever de trabalhar e de participar compete a todos os que se dizem espíritas, desde o simples fechar de uma porta até a direção da instituição mais importante.

Verifica-se, no entanto, uma carência generalizada de trabalhadores na seara espírita, fato que impede que muitos trabalhos sejam desenvolvidos ou que se realizem com a eficácia desejada.

Participar de um trabalho em favor do próximo ou da comunidade deveria ser um propósito comum de todas as pessoas, pelo bem que proporciona sobretudo àquele que o realiza, uma vez que o trabalho é uma das alavancas do progresso individual e coletivo.

Contrariamente ao que alguns filósofos escreveram, o trabalho nada tem a ver com castigo ou punição divina. Se o fosse, não haveria razão alguma para Jesus ter dito: "Meu Pai trabalha até hoje, e eu também" (João, 5:17).

A Doutrina Espírita mostra-nos que o trabalho é lei da Natureza e é por causa disso que o homem

deve o seu sustento e a sua segurança ao trabalho que desenvolve.

Vejamos numa breve síntese o que o Espiritismo nos ensina a respeito do trabalho e sua importância em nossa vida:

– “O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos.” (*O Livro dos Espíritos*, Prolegômenos.)

– Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais? “Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.” (L.E., questão 675)

– “Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade.” (L.E., 676)

– “Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação. Daí vem que do trabalho não lhes resulta progresso, ao passo que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo.” (L.E., 677)

– Achar-se-á isento da lei do trabalho o homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência? “Do trabalho material, talvez; não, porém, da obrigação de tornar-se útil, conforme

aos meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Aquele a quem Deus facultou a posse de bens suficientes a lhe garantirem a existência não está, é certo, constrangido a alimentar-se com o suor do seu rosto, mas tanto maior lhe é a obrigação de ser útil aos seus semelhantes, quanto mais ocasiões de praticar o bem lhe proporciona o adiantamento que lhe foi feito.” (L.E., 679)

– “Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem. Supões que se adiantam no caminho do progresso os que abreviam a vida, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de muitas seitas? Por que de preferência não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Vistam o indigente; consolem o que chora; trabalhem pelo que está enfermo; sofram privações para alívio dos infelizes e então suas vidas serão úteis e, portanto, agradáveis a Deus. Sofrer alguém voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos do Cristo.” (L.E., 726)

– “A moral sem as ações é o mesmo que a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis dar frutos que vos alimentem?” (L.E., 905)

Em face do acima exposto, seria de grande utilidade examinar o que temos feito das horas, lembrando-nos da séria advertência que Abel Gomes nos fez em mensagem constante do livro

“Falando à Terra”, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier:

“À maneira que nos desenvolvemos em sabedoria e amor, consideramos a perda dos minutos como sendo a mais lastimável e ruínosa de todas. Guardamos, cada dia, a colheita dos recursos e das emoções que estamos realmente plantando. Não existe infelicidade, senão aquela que decretamos para nós mesmos.”

## **A programação dos que retornam ao mundo**

Como já dissemos várias vezes, divulgar os ensinamentos espíritas constitui, efetivamente, uma tarefa importante e mesmo prioritária, pelos benefícios que o conhecimento da doutrina espírita traz às pessoas que com ela tomam contato.

Uma nova visão da morte e da vida, eis um fator importante que pode ter consequências diretas no modo como as pessoas se comportam neste curto período que passamos no mundo e que vai do berço ao túmulo.

Por que vivemos?

Qual o objetivo de nossa passagem por aqui?

Por que uns morrem tão cedo e outros passam anos presos a um leito?

Que espera de nós o Criador da vida e das coisas?

Dos assuntos tratados pelo Espiritismo, um em especial deveria ser objeto com maior frequência de nossas conversas e palestras. Referimo-nos à chamada programação reencarnatória.

A duração de uma existência corporal, a profissão a ser exercida, a família, os ascendentes, os descendentes, as provas de natureza material, as provas morais, eis tópicos que formam, como

sabemos, a programação de uma pessoa que retorna ao cenário do mundo, um fato que não deveria causar surpresa alguma, uma vez que em nossas relações cotidianas o planejamento há muito passou a ocupar um lugar importante.

Decidimos, por exemplo, passar um período de férias no litoral paulista. Onde ficaremos? Utilizaremos um imóvel alugado ou emprestado? Em que dia partiremos? Quanto tempo estaremos fora? Iremos de ônibus ou de carro? Quando se dará nossa volta? Os recursos financeiros serão suficientes? Na cidade para onde vamos há agência bancária?

Todas as perguntas apresentadas e as respectivas respostas compõem um rol que nada mais é do que um singelo plano de férias. E observe o leitor que se trata de uma simples viagem que durará certamente menos de 30 dias!

A reencarnação, ou seja, o retorno de alguém a uma existência corpórea, é, ao contrário disso, uma longa viagem cujo objetivo não é, como no exemplo mencionado, curtir férias. Trata-se de algo mais profundo, com metas psicológicas e objetivos complexos, que envolvem um grupo grande de pessoas, cujos destinos estão, por assim dizer, entrelaçados.

É a isso que chamamos programação reencarnatória, que, evidentemente, como todo plano, pode sofrer modificações de percurso, como é mostrado num dos casos relatados na obra de André Luiz.

Segundo esse autor, uma família bem simples, casal e quatro filhos, passou, de repente, a enfrentar uma dura provação com o falecimento por suicídio do chefe da casa. Como os suicídios não fazem parte de nenhuma programação, a evasão daquele pai causou uma dificuldade inesperada para a esposa e as crianças, o que tornou necessária para aquelas pessoas a revisão do programa, ou seja, uma reprogramação, em que é notória a participação dos protetores espirituais que velam pelas famílias, como a Igreja sempre ensinou com suas referências aos chamados anjos de guarda.

À vista da programação reencarnatória de uma pessoa, fica fácil, então, responder às questões acima postas: Qual o objetivo de nossa passagem por aqui? Por que uns morrem tão cedo e outros passam anos presos a um leito? Que espera de nós o Criador da vida e das coisas?

## **A caridade e seu ingrediente fundamental**

Em entrevista que concedeu, algum tempo atrás, a Marcel Gonçalves, nosso estimado amigo Hugo Gonçalves, exemplo de bondade e de dedicação à causa espírita, esclareceu com notável precisão, à luz da Doutrina Espírita, o que significa a palavra caridade e como devemos exercitá-la. [A entrevista pode ser lida clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/111/entrevista.html>]

A palavra caridade integra, como se sabe, uma frase de Kardec que acabou, com o passar dos tempos, sendo elevada a autêntico lema do Espiritismo: "Fora da caridade não há salvação".

Para os que associam o vocábulo caridade à esmola ou à simples beneficência, tal lema se afigura despropositado e mesmo absurdo. Ocorre que caridade não se resume a isso, visto que sua conceituação é muito mais ampla e vai além, muito além, do ato de dar alguma coisa a alguém.

Numa conhecida questão d' *O Livro dos Espíritos*, os Instrutores da espiritualidade ensinaram que, segundo o entendimento de Jesus, caridade significa benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

O ato de ajudar alguém insere-se, assim, na chamada beneficência, que seria uma das feições do exercício da caridade, denominada por alguns como sendo caridade material.

Como a caridade deve ser exercitada?

Respondendo a esta questão, Hugo Gonçalves diz que ela deve ser exercitada com amor, pois sem o amor a caridade é falsa e não pode, por conseguinte, ser assim considerada. Quando, ao contrário, há no seu exercício o sentimento do amor, a caridade é pura, é legítima, é, enfim, caridade propriamente dita.

Aliando as palavras do confrade ao ensino dos Espíritos, podemos, então, deduzir que – se o sentimento de amor é indispensável à caridade – só poderemos classificar como atos de caridade a benevolência, quando pura, a indulgência, quando sincera, e o perdão, quando incondicional.

É precisamente com esse sentido que se deve entender a frase de Kardec: “Fora da caridade não há salvação”.

## A infância e seu propósito

O tema educação espírita da criança, que no meio espírita tem sido geralmente chamado de evangelização infantil, vem ganhando nos últimos tempos um destaque expressivo, embora muito abaixo de sua verdadeira importância.

Lemos em *O Livro dos Espíritos* que a infância existe em todos os globos. “Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.” (L.E., 183.)

As questões 383 e 385 da principal obra espírita explicam por que existe a infância e qual é o seu propósito:

– “Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (L.E., 383.)

– “As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência.” (L.E., 385.)

Vê-se, então, com clareza que a infância nada mais é do que uma fase de adaptação necessária ao Espírito que retorna à existência corpórea.

Recém-saído do mundo espiritual, onde gozava de maior liberdade e dispunha de maiores recursos, o Espírito se vê, durante essa fase, em dificuldades para exprimir plenamente seus pensamentos e manifestar suas sensações.

Nesse período de sua vida, em que se vê limitado em sua liberdade, a infância é para ele uma demonstração da misericórdia de Deus, que lhe propicia uma dupla vantagem.

Primeira vantagem: ele ganha o tempo indispensável para se preparar para as futuras e difíceis tarefas da nova existência corpórea.

Segunda: revestido da simplicidade e da inocência comuns a todas as crianças, desperta nos pais e no núcleo a que pertence simpatia, interesse e boa vontade, o que facilitará o desempenho de suas tarefas no mundo.

Evidentemente, ao desenvolver-se, a criança apresentará, nos anos que se seguirem, as tendências e os defeitos morais inerentes ao seu real adiantamento espiritual, mas este poderá ser sensivelmente modificado pela influência recebida desde o berço dos pais e das pessoas incumbidas de educá-la.

É exatamente aí, nesse ensinamento, que reside a importância da chamada educação ou evangelização da criança, realizada na intimidade do lar e reforçada por seus professores e educadores, assunto a que Emmanuel se reportou no cap. 151 de seu livro *Caminho, Verdade e Vida*, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Nessa obra, Emmanuel assevera que a juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante. **A infância é a preparação**, a velhice será a chegada ao porto. “Todas as fases – adverte o estimado instrutor espiritual – requisitam as lições dos marinheiros experientes, aprendendo-se a organizar e a terminar a viagem com êxito desejável.”

## **A crença, a fé e a transformação**

Para muitas pessoas é a falta de conhecimento do Espiritismo que tem ocasionado as dificuldades e os desencontros que deparamos com frequência em nosso meio. Falta de conhecimento advém, obviamente, da falta de estudo doutrinário, seja o realizado individualmente no recesso do lar, seja o realizado coletivamente nas reuniões espíritas.

Com relação à necessidade do estudo é conhecida esta lição do Espírito de Verdade publicada no capítulo VI, item 5, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

“Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro.

Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades. Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: ‘Irmãos! nada

perece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade'."

Em outra obra – *O Livro dos Médiuns*, itens 31 e 32 – o Codificador chegou até mesmo a sugerir-nos um método de estudo, aduzindo que o melhor método do ensino espírita é dirigi-lo à razão antes de dirigi-lo à vista.

"O estudo preliminar da teoria – explicou Kardec – tem uma outra vantagem, que é a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e do alcance desta ciência; aquele que começa por ver uma mesa girar ou bater é mais levado à zombaria, porque dificilmente se persuade de que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade.

Começar pela teoria nos permite passar todos os fenômenos em revista, explicá-los, compreender-lhes a possibilidade, as condições sob as quais podem produzir-se e os obstáculos que poderão ser encontrados. Qualquer que seja a ordem sob a qual eles aparecem depois, nada terão que possa surpreender, poupando-se a quem quer trabalhar uma série de desenganos."

É evidente que apenas conhecer não basta; é preciso aplicar o que estamos aprendendo. Essa é a razão pela qual o Espiritismo não transforma de imediato os adeptos mais fervorosos, como nos mostra o caso Xumene relatado no capítulo VII da 2ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*.

Reportando-se ao Espírito de Xumene que acabara de se manifestar na sessão, o Guia espiritual recomendou à médium que tivesse

coragem e perseverança. Xumene daria trabalho, mas o triunfo no final lhe pertenceria. “Não há culpados que se não possam regenerar por meio da persuasão e do exemplo – disse-lhe o instrutor espiritual –, visto como os Espíritos, por mais perversos, acabam por corrigir-se com o tempo.”

Finalizando a mensagem, o mentor esclareceu: “Mesmo a contragosto, as ideias sugeridas a esses Espíritos fazem-nos refletir. São como sementes que, cedo ou tarde, tivessem de frutificar. Não se arrebenta a pedra com a primeira marretada. Isto que te digo pode aplicar-se também aos encarnados e tu deves compreender a razão por que o Espiritismo não torna imediatamente perfeitos nem mesmo os mais crentes adeptos. A crença é o primeiro passo: vem em seguida a fé e a transformação por sua vez; mas, além disso, força é que muitos venham revigorar-se no mundo espiritual”.

O escritor inglês Harry Boddington, que estudou a mediunidade por cinquenta anos, diz-nos em um de seus livros que existem muitos médiuns que têm desenvolvido suas faculdades sem a mínima compreensão de suas responsabilidades e das implicações de seu trabalho, os quais somente depois de cometerem uma quantidade de erros facilmente evitáveis, e pondo em perigo a saúde, começam a estudar o assunto.

Aplicando essas observações ao conjunto das pessoas, não apenas aos que trabalham na área da mediunidade, podemos dizer que muitos de nós nos encontramos na primeira fase – a crença –,

sem ter nem ao menos chegado à segunda fase – a fé –, o que indica que o terceiro e derradeiro passo – a transformação – se encontra ainda muito distante, o que explica as dificuldades e os desencontros que temos deparado no meio espírita.

## **A morte numa perspectiva espírita**

A morte dos entes queridos continua sendo um dos momentos mais difíceis e dolorosos na vida das pessoas.

O sentimento de perda, em situações assim, é um fato frequente, muito embora os cristãos entendam, de um modo geral, que a vida continua e que, em essência, a morte não existe tal qual muitos a supõem.

Quando ocorreu décadas atrás, na capital de São Paulo, o incêndio do edifício Joelma, em que morreram dezenas de pessoas, umas vitimadas pelo fogo, outras pela asfixia causada pela fumaça e um certo número por haverem pulado do edifício numa tentativa desesperada de fugir à morte, o médium Francisco Cândido Xavier serviu de intermediário à revelação de uma informação ao mesmo tempo curiosa e consoladora.

Os imortais disseram então, pelas mãos do saudoso médium, que naquelas horas difíceis dois eram os cenários.

O primeiro, do lado de cá, era constituído de muito sofrimento, de desespero, de gritos, de desesperança. A ação dos bombeiros, a movimentação dos repórteres, a busca de notícias por parte dos familiares dos que trabalhavam naquele prédio, tudo isso contribuía para dar ao

episódio um caráter de tragédia, típico de situações como aquela.

O outro cenário, invisível aos nossos olhos, apresentava-se inteiramente diferente. Espíritos amigos dos que ali pereceram recebiam com festa os que retornavam naquele momento à chamada vida espiritual. Cânticos de alegria, abraços calorosos e aplausos, eis o tom de um cenário que mostrava como se dá a recepção espiritual àqueles que cumprem até o fim seu dever no plano corpóreo.

Comentando o tema morte, Kardec fez, em determinado momento, uma analogia entre esse fato e a libertação de um prisioneiro que acaba de cumprir uma longa pena.

Imaginemos, escreveu o Codificador, a situação do colega de cela que vê partir o amigo. É claro que ele sentirá saudade do companheiro, mas, em sua consciência, jamais lamentará a libertação do amigo que, atendidas as exigências da Justiça, ganha agora a liberdade.

A morte é isso. Ela é uma espécie de conquista da liberdade, a retomada de atividades que já eram executadas pela pessoa antes da existência ora finda e que agora podem ter continuidade.

Depois de peregrinar por muitos anos na crosta do planeta, limitado por um corpo material que restringe, como sabemos, as possibilidades perceptivas da alma, o indivíduo tem o direito, enfim, de reencontrar os amigos que o aguardam e dar sequência a um projeto cuja meta é a

perfeição, assunto a que Jesus se referiu tantas vezes.

Com efeito, os cristãos que conhecem o Evangelho hão de lembrar-se, por certo, destas palavras de que o Novo Testamento nos dá conta: “Vós sois deuses”, mostrando que tudo o que os grandes missionários fazem poderemos, um dia, também fazer.

Diante do esquife, lembremo-nos, pois, da informação trazida pelo saudoso médium e estejamos certos de que a morte só atinge o corpo material, mas nada ocasiona ao Espírito.

Morte é mudança de domicílio e de tarefas.

Não há motivo real para lamentá-la, mesmo porque, excetuados os casos de suicídio voluntário ou involuntário, ninguém retorna à vida espiritual antes da hora. Pelo menos é isso que centenas de mensagens enviadas pelos próprios Espíritos têm dito a respeito do assunto.

## O Evangelho no Lar e seus frutos

O compromisso do Espiritismo com a divulgação do Evangelho nasceu desde logo com a codificação levada a efeito por Allan Kardec, que publicou em 1864 *O Evangelho segundo o Espiritismo*, obra que Herculano Pires considerava "de cabeceira", de leitura diária obrigatória, de leitura preparatória das reuniões doutrinárias, além de livro que deveria ser estudado com maior profundidade para melhor compreensão da Doutrina.

No prefácio que escreveu em 1973 para a edição do mencionado livro pela Editora Três, Herculano disse que poucos meses antes de a obra ser publicada os Espíritos amigos de Kardec lhe disseram, relativamente ao livro então em gestação: "Esse livro de doutrina terá influência considerável, porque explana questões de interesse capital. Não somente o mundo religioso encontrará nele as máximas de que necessita, como as nações, em sua vida prática, dele haurirão instruções excelentes". E logo em seguida: "Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já podemos ver-lhe a cúpula a desenhar-se no horizonte".

Herculano Pires, com a clareza que lhe era peculiar, aduziu então o seguinte comentário: "Estas comunicações, cuja leitura completa pode ser feita em *Obras Póstumas*, revelam-nos a

importância fundamental de *O Evangelho segundo o Espiritismo* na codificação kardequiana. Enquanto *O Livro dos Espíritos* nos apresenta a Filosofia Espírita em sua inteireza e *O Livro dos Médiuns* a Ciência Espírita em seu desenvolvimento, este livro nos oferece a base e o roteiro da Religião Espírita” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Editora Três, pp. 29 e 30).

Kardec fez a apresentação da obra na parte I da Introdução que ele redigiu especialmente para a ocasião.

Escreveu então o Codificador do Espiritismo: “Esta obra é para uso de todos; cada qual pode dela tirar os meios de conformar sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas nela encontrarão, além disso, as aplicações que lhes concernem mais especialmente”. E acrescentou: “Graças às comunicações estabelecidas, de agora em diante, de maneira permanente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, não mais será letra morta, porque cada qual a compreenderá e será incessantemente solicitado a pô-la em prática, pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho” (Introdução, parte I).

\*

Veza por outra o Movimento Espírita incentiva, por meio de campanhas específicas, a realização do chamado Evangelho no Lar, uma prática cuja importância poucos, no meio espírita, ignoram.

De fato, muitas têm sido as mensagens enviadas pelos instrutores espirituais dando-nos conta da relevância dessa prática. A oração, a leitura do Evangelho e a reflexão madura em torno dos ensinamentos de Jesus modificam a atmosfera psíquica em que vivemos e atraem para junto de nós inspirações positivas dos nossos amigos espirituais. Com isso, o aprimoramento moral, em que pese o nosso imenso atraso, é grandemente facilitado. Ódios, antagonismos, divergências de entendimento vão aos poucos cedendo lugar a uma melhor compreensão do que é a vida e quais os nossos objetivos ao nos reencarnarmos no mundo em que nos encontramos.

Se tal providência se generaliza, é possível imaginar os benefícios daí advindos, uma vez que a evangelização da criatura humana concorre para que as famílias se tornem mais harmoniosas e a sociedade, em decorrência disso, mais fraterna.

## **A criminalidade numa perspectiva espírita**

Segundo John Laub, criminologista americano e professor do Departamento de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade de Maryland, ex-presidente da Sociedade Americana de Criminologia e diretor do Instituto Nacional de Justiça dos Estados Unidos entre 2010 e 2013, são várias as teorias que tentam explicar por que os criminosos desistem do crime.

Um dos fatores da mudança – afirma Laub – é o casamento com alguém a que o indivíduo se sinta fortemente ligado. Outros fatores seriam a identificação com o trabalho, a educação e a religião. Contudo o fator mais importante é o casamento, do qual, segundo ele, resultam diversas consequências positivas, e não apenas com respeito à criminalidade.

A delinquência, entende o citado especialista, não se encontra concentrada nas famílias pobres. Ela está presente em todas as classes sociais. Sejam ricos ou pobres, os adolescentes se envolvem em crimes, especialmente os menos graves, como o uso de drogas.

Não há como discordar do ilustre professor, que poderia até ter lembrado que os grandes assaltos, especialmente os realizados contra os cofres

públicos, têm sido praticados por pessoas que passaram pela Universidade e nenhuma relação têm com a pobreza ou com as privações econômicas. O que políticos e autoridades públicas dos mais diferentes níveis têm feito em nosso país, nesse tema chamado corrupção, supera em muito o que os sequestradores e os assaltantes de bancos amalharam por aqui em toda a nossa história.

A razão por que criminalidade e delinquência não constituem apanágio dos pobres é explicada com clareza pela Doutrina Espírita.

Como sabemos, os Espíritos reencarnam nos mais diferentes lugares e situações, no interesse de sua ascensão na escala evolutiva.

Pobreza e riqueza não constituem punição nem privilégio. São provas, cuja finalidade é experimentar o indivíduo de maneiras diferentes, de acordo com suas necessidades evolutivas.

A riqueza e o poder, tanto quanto as dificuldades e a penúria, são provas muito difíceis, porque, enquanto a penúria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos e é, por isso, numa perspectiva espiritual, prova mais perigosa do que a própria miséria. (Cf. *O Livro dos Espíritos*, questões 814, 815 e 925.)

O que muitos certamente ignoram é que as provas que suportamos em nossa existência corporal fazem parte da chamada programação reencarnatória, tema que Kardec esmiúça com a clareza habitual no item 872 da obra acima mencionada.

A delinquência, num e noutro caso, deriva das qualidades do indivíduo. Se for um Espírito forte e consciente do seu dever, ele saberá resistir a todas as inclinações e influências negativas que receber; caso contrário, poderá sucumbir, o que explica por que nem todos os que vivem num meio violento e miserável buscam o caminho da criminalidade.

## **As crianças e seus amigos invisíveis**

Tema central do filme *O Amigo Oculto*, estrelado por Robert De Niro, as crianças realmente se entretêm com amigos imaginários?

Segundo diversos psicólogos, a resposta é sim, e o percentual dos casos apurados em todo o mundo revela que o fato é mais comum do que se pensa, ou seja, não é uma ou outra criança que diz conversar com amigos que ninguém vê. O seu número seria muito grande.

A questão que se impõe é, portanto, outra: – Os amigos supostamente imaginários são fruto da imaginação infantil ou seres reais que os adultos não veem, mas as crianças veem e com elas conversam, como fazem com seus amiguinhos encarnados?

A vidência mediúnica, que Allan Kardec estudou em minúcias nos itens 100 e 190 de *O Livro dos Médiuns*, é assunto pacífico no campo da fenomenologia espírita.

Essa faculdade, que depende da organização física do médium, permite a este ver os Espíritos em estado de vigília, ou seja, estando o sensitivo perfeitamente acordado. Como os fenômenos mediúnicos não ocorrem à revelia das autoridades espirituais superiores, é claro que há Espíritos que se deixam ver e há outros que não são vistos, o

que não significa que estejamos sós, porquanto os desencarnados habitualmente nos rodeiam.

A propósito de um estudo feito pelo Dr. H. Bouley sobre a evolução da raiva nos cães, que experimentam nas intermitências dos acessos uma espécie de delírio, Kardec examinou o fenômeno das visões de seres desencarnados que ocorre com as criancinhas e com certos animais, sobretudo o cão e o cavalo, concluindo que, no tocante às crianças, a vidência mediúcnica parece ser frequente e mesmo geral. (Leia sobre o assunto a *Revista Espírita* de 1865, pp. 260 a 264.)

A existência da mediunidade de vidência, informam os Espíritos, foi a primeira de todas as faculdades dadas ao homem para se corresponder com o mundo invisível. Em todos os tempos e em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre revelações de visionários ou médiuns videntes. A *Revista Espírita* de 1866, págs. 120 a 123, trata do assunto.

Um caso de vidência numa criança de quatro anos, verificado em Caen (França), levou Kardec a reconhecer que a mediunidade de vidência não apenas parecia, mas era, efetivamente, muito comum nas crianças, e isso, segundo o Codificador, não deixava de ser providencial. "Ao sair da vida espiritual, explicou Kardec, os guias da criança acabam de a conduzir ao porto de desembarque para o mundo terreno, como vêm buscá-la em seu retorno. A elas se mostram nos primeiros tempos, para que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança

crece e pode agir em virtude de seu livre arbítrio.”  
(Cf. *Revista Espírita* de 1866, pp. 286 e 287.)

Ninguém, pois, se assuste quando vir que seu filho anda a conversar com “amigos” que ele diz ver e que, no entanto, não vemos.

Até os sete anos de idade, o Espírito da criança encontra-se em fase de adaptação para a nova existência e ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica, fato que lhe permite emancipar-se e, eventualmente, ver vultos desencarnados que lhe fazem companhia, o que nos permite deduzir que os amigos imaginários das nossas crianças só o são na aparência. Eles não são imaginários, mas tão somente invisíveis.

## **A feição consoladora do Espiritismo**

Atribui-se à conhecida confreira Guiomar Albanesi, que dirigiu por muitos anos o Centro Espírita Perseverança, da Capital paulista, o pensamento de que, de todas as aflições que acometem as pessoas que buscam a Casa espírita, o que mais perturba a criatura humana não é a dor em si, mas o desconhecimento dos motivos pelos quais se sofre.

Muitos que chegam ao Espiritismo são motivados a buscá-lo pela dor, pelo sofrimento, pelas aflições, que muitas vezes parecem insuportáveis até que se lhes conhece a gênese, a origem, um dado importante para que a resignação acompanhe os momentos difíceis.

Encontra-se aí, como bem sabemos, o caráter consolador do Espiritismo, que foi apresentado a Kardec, pelos Espíritos superiores que orientaram a codificação, como a confirmação da promessa feita por Jesus sobre o Consolador que o Pai enviaria em seu nome para dar continuidade à tarefa iniciada com o Evangelho.

É essa feição confortadora que encanta e prende as pessoas que tomam contato com a Doutrina Espírita.

Doutrinadas por adversários gratuitos do Espiritismo, quando entram numa Casa espírita

verificam que nada do que ouviram de seus detratores corresponde à verdade. As palestras, os conselhos, as orientações são todas revestidas da proposta de que é preciso transformar-se e praticar o bem, certos de que no Evangelho encontraremos sempre o rumo para sermos efetivamente felizes.

Foi precisamente isso que se deu com Andréa Salgado, a professora carioca que, aos 33 anos de idade, teve as pernas decepadas alguns anos atrás, quando uma lancha colidiu com o *banana boat* em que ela passeava numa das praias do litoral fluminense.

Andréa, que surpreendeu a todos por sua força de vontade e o otimismo com que enfrentou a situação, viu o rumo de sua existência alterar-se por completo, mas nem por isso perdeu a serenidade e o entusiasmo diante da vida.

Em entrevista concedida posteriormente à revista VEJA, o repórter perguntou-lhe o que ela fazia para espantar a tristeza e Andréa respondeu: "Eu sempre gostei muito de viver. Sou alegre, espontânea e guerreira, sempre fui. O acidente me deixou com algumas limitações. Mas estou aprendendo a conviver com elas e aceitando bem. Gosto de ler, cuidar dos meus filhos, da minha casa. Isso me distrai. Tenho lido muitos livros kardecistas, livros com mensagens de otimismo. Sou católica, mas depois do acidente encontrei muitas respostas no Espiritismo". "Aprendi que nada acontece por acaso."

## **A brevidade da vida em face da pluralidade das existências**

Algum tempo atrás, numa roda de amigos, alguém, reportando-se ao falecimento repentino de um colega, extravasou seu inconformismo e sua incompreensão com relação à morte, manifestando a ideia – mais comum do que se pensa – de que a morte não raro ceifa os indivíduos exatamente quando estes chegam a um período da vida em que se encontram mais maduros, mais experientes e mais preparados.

O sentimento de perda em momentos assim, quando nos despedimos dos entes queridos, é compreensível e obviamente aceitável. O homem que não entende a vida não pode, evidentemente, entender a morte e, por não compreendê-la, acaba emitindo pensamentos como o exposto, em que se patenteiam claramente dúvidas quanto à justiça e à sabedoria de Deus.

A mesma incompreensão no tocante à vida podemos encontrar no pensamento de pessoas de destaque na cultura do mundo, como o saudoso historiador francês Jacques Barzun (1907-2012), um dos fundadores da disciplina de história cultural e autor de uma obra notável, “Da Alvorada à Decadência”, publicada em nosso país pela Editora Campus.

Jacques Barzun dizia que gostaria de ter vivido no século XIX, a partir de 1830, um período que se automeceu Era do Progresso e que foi, sem contestação, um tempo de grande inventividade em toda a Europa e de luta contra os resquícios da monarquia e do velho sistema de classes.

A doutrina da reencarnação, defendida por pensadores brilhantes como Pitágoras, Sócrates e Platão e cultuada por boa parte das religiões orientais, traria a um e a outro o esclarecimento necessário à solução de suas dúvidas, que, no fundo, se radicam no mesmo ponto.

Se o companheiro londrinense entende que deveríamos viver no corpo muito mais do que normalmente vivemos, o professor gostaria de haver nascido e vivido em outra época.

Tranquilizem-se, porém.

Ensina o Espiritismo que ambos os desejos são ou serão satisfeitos pelo Criador, pois tanto Jacques Barzun viveu ou pode ter vivido na Era do Progresso, quanto o colega que partiu volverá ao corpo em nova experiência reencarnatória, mais experiente e, portanto, mais preparado para enfrentar os futuros desafios.

E a sabedoria do Criador é tão grande e previdente, que o falecido, em vez de carregar um fardo pesado e incômodo por séculos sem conta, poderá dispor de um corpo novo e reviver por inúmeras vezes a época da meninice e o período da juventude, fases essas que as pessoas mais velhas geralmente recordam com saudade.

## **Ser um homem de bem é a nossa meta**

A doutrina espírita é muito clara quando nos mostra qual é o objetivo da passagem dos Espíritos pela experiência encarnatória.

A encarnação é essencial ao progresso espiritual do mundo e daqueles que nele habitam, pelas oportunidades que oferece, pelos desafios que apresenta, pelas dificuldades que coloca no caminho de seres como nós, destinados à perfeição.

A reencarnação, ou seja, a volta do Espírito a uma nova encarnação, nada mais é que a sequência desse processo, visto que uma única existência na carne seria, como ninguém ignora, insuficiente para que a meta que anelamos seja afinal alcançada. Tornar-se um homem de bem é essa meta.

Que é um homem de bem?

O homem de bem é, conforme palavras de Allan Kardec, aquele que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.

Tem fé em Deus e no futuro.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma.

Retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Seu primeiro impulso é pensar nos outros, antes de pensar em si.

É bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de nenhuma espécie, porque vê em todos os homens irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência.

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa os bens que lhe são concedidos, mas deles não abusa, porque sabe que constituem eles um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo na satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus.

Aí estão algumas das virtudes que caracterizam o homem de bem. Certamente que existem outras, mas – como observou Kardec – quem possui as que foram mencionadas está no caminho que leva às demais.

\*

Em face do que acima dissemos, apresenta-se uma questão intrigante: Por que muitos espíritas não conseguem aplicar a si mesmos lições tão claras, como a que foi exposta?

No cap. XVII, item 4, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec esboçou uma resposta para essa questão.

Segundo ele, o motivo disso é que em muitos espíritas ainda são muito tenazes os laços da matéria para permitir que o Espírito se desprenda das coisas da Terra. A névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, de onde decorre a dificuldade de romper com seus pendores e com seus hábitos, não percebendo que possa existir alguma coisa melhor do que aquilo de que são dotados.

Têm eles a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas.

Em resumo: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações.

Espíritas ainda imperfeitos, alguns ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem ou guardam suas simpatias apenas para os que lhes compartilham as fraquezas e prevenções.

## **O racismo e a discriminação são inaceitáveis**

Logo que divulgada a morte de George Floyd, um cidadão americano de cor negra, asfixiado até a morte por um policial, no dia 25 de maio de 2020, na cidade de Minneapolis, protestos e manifestações de repúdio ao racismo e à violência policial tomaram as ruas das principais cidades dos Estados Unidos e também da Europa. Com apoio da imensa maioria do povo norte-americano, as manifestações, que prosseguiram por vários dias, pediam uma única coisa: justiça! E que todas as pessoas fossem tratadas de igual forma, independentemente de sua condição social ou econômica, de sua etnia ou da cor de sua pele.

Como espíritas que somos, não há como não apoiar tais anseios, porquanto o racismo, a injustiça e todas as formas de discriminação são inadmissíveis, especialmente quando o povo que lhes fecha os olhos se diz seguidor do Cristianismo.

“Gravitar para a unidade divina, eis o objetivo final da Humanidade” – eis o ensinamento contido na questão 1.009 d’*O Livro dos Espíritos*, que acrescenta: “Para atingi-la, três coisas são necessárias: a Justiça, o Amor e a Ciência, e três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça”.

O lamentável episódio ocorrido em Minneapolis – muitos analistas o disseram – pode ser um divisor de águas, e é exatamente isso que esperamos, porque a marcha do progresso da Humanidade é algo que ninguém pode sustar, como o leitor pode conferir à vista do contido nas questões 781 a 783 d' *O Livro dos Espíritos*:

**781. Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?**

“Não, mas tem, às vezes, o de embaraçá-la.”

**a) Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?**

“Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.”

[Nota de Allan Kardec: Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforcem por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.]

**782. Não há homens que de boa-fé obstam ao progresso, acreditando favorecê-lo, porque, do ponto de vista em que se colocam, o veem onde ele não existe?**

“Assemelham-se a pequeninas pedras que, colocadas debaixo da roda de uma grande viatura, não a impedem de avançar.”

### **783. Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?**

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto devera, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

[Nota de Allan Kardec: O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações. Nessas comoções, o homem quase nunca percebe senão a desordem e a confusão momentâneas que o ferem nos seus interesses materiais. Aquele, porém, que eleva o pensamento acima da sua própria personalidade, admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. São a procela, a tempestade que saneiam a atmosfera, depois de a terem agitado violentamente.]

Os ensinamentos acima servem de estímulo e esperança de que – assim como se deu quando a Humanidade aboliu a escravatura, extinguiu o

lamentável regime do *apartheid* que imperou na África do Sul e revogou as leis de discriminação racial que vigoraram por longo tempo nos Estados Unidos – tudo é possível àquele que crê e sabe que nosso mundo não está e jamais esteve à deriva.

## **A Terra não é, como alguns pensam, uma nave sem rumo**

Perguntaram a um conhecido cronista brasileiro, por ocasião de um debate com estudantes, o que, no seu modo de ver, estaria faltando para que o homem, a história, o mundo, enfim, tivessem um sentido.

O cronista, um indivíduo admirável que, todavia, não comunga das ideias espíritas, disse então que falta à história e ao mundo uma edição final, a mesma edição que é feita no cinema, nos espetáculos e nos textos publicados pelos jornais. O mundo, a história e o homem não passam – para ele – de um *making of*, uma sucessão atabalhoada de cenas, frases, emoções que necessitam de uma montagem posterior.

Com efeito, observou o intelectual, o que se vê no mundo são guerras e massacres idiotas, cidades erguidas e destruídas, homens matando uns aos outros, crianças morrendo de fome, doenças que surgem e doentes que se vão.

Que sentido pode ter tudo isso? Quando virá um editor final para dar sentido a tudo?

A pergunta formulada pelos estudantes é dessas questões que têm intrigado e continuarão a intrigar gerações de pessoas. E não existe, obviamente, uma resposta fácil para ela, porque as

filosofias e as religiões conhecidas não têm discutido, como deviam, o problema.

A Terra, já o disse certa vez Emmanuel, que foi o mentor espiritual da obra de Chico Xavier, é uma *casa em reforma*.

O mundo em que vivemos é um planeta ainda bastante atrasado e as pessoas que nele nascem necessitam, por isso, de passar por provas, expiações e reparações, nessa caminhada que levará a todos, passo a passo, à perfeição possível.

Se repudiamos a ideia da reencarnação, é claro que a visão do mundo e da humanidade será tão caótica quanto aparentemente o é o estado de coisas descrito pelo cronista.

A Terra não está, no entanto, como muitos pensam, à deriva. Este planeta é uma nave extraordinária que tem no seu comando um condutor preparado, o ser mais evoluído que o mundo já viu e seu nome é Jesus. Eis o editor final que, no papel que lhe cabe, tem evidentemente de seguir certas regras estabelecidas pelo Criador, ou seja, as leis que regem o Universo e suas criaturas.

A toda ação corresponde uma reação; quem matar pela espada morrerá sob a espada; quem com ferro fere com ferro será ferido; a sementeira é livre, contudo a colheita é obrigatória; a cada um segundo as suas obras...

Estas regras tão conhecidas, estatuídas por Deus, é que dirigem com sabedoria o roteiro, as locações, as alternativas da vida, que parecem tão confusas e improvisadas, mas que obedecem a

uma programação meticulosa e a uma ordem que não podem ser compreendidas pelas doutrinas materialistas e por seus partidários.

## **Raros são os que voltam ao plano espiritual na época certa**

Excetuando-se os casos de suicídio, há quem pense que nós morremos e retornamos ao mundo espiritual na época que Deus ou seus prepostos estabeleceram.

Esse é, no entanto, um pensamento equivocado, porque raros voltam ao plano extrafísico na ocasião prevista.

André Luiz, autor da série *Nosso Lar*, apresenta-nos em sua obra o termo *completista*, utilizado na espiritualidade para designar as pessoas que aproveitam de forma integral as oportunidades construtivas oferecidas pela reencarnação e, por conseguinte, regressam na época certa à verdadeira vida.

O conceito de completista apareceu pela primeira vez no cap. 12 do livro *Missionários da Luz*, e passou desde então a fazer parte dos textos espíritas.

Em uma obra publicada posteriormente – *Obreiros da Vida Eterna*, cap. 16 – André Luiz relata o caso de Fábio, espírita dedicado que tivera existência modesta e limitara o voo das ambições mais nobres, no culto da espiritualidade redentora. Considerado completista, Fábio foi, ao

desencarnar, recebido com festa na espiritualidade.

Apesar de ter sido acicatado por dificuldades sem conta, no transcurso da experiência recém-finda, Fábio se esforçara pela tranquilidade familiar, de modo que, quando desencarnou, deixou esposa e filhos amparados na fé viva. Embora não lhes legasse facilidades econômicas, ele afastou-se do corpo físico jubiloso e confortado, com a glória de haver aproveitado bem as oportunidades recebidas. Afeiçoado profundamente ao Evangelho do Cristo, viveu-lhe os princípios renovadores, conseguindo iluminar a mente da companheira e construir bases sólidas no espírito dos filhinhos, orientando-os para o futuro.

Casos como o de Fábio são, infelizmente, muito raros.

Por que raros?

São raros porque nosso corpo material dificilmente consegue manter-se saudável quando nos deixamos envolver pelos excessos na mesa, pelos alcoólicos, pelo tabagismo, pela inexistência de exercícios físicos ou pela não observância de uma dieta adequada e de uma vida moralmente equilibrada, fatores que o vão minando, fazendo com que uma pessoa que deveria chegar aos 80 anos de idade não ultrapasse, às vezes, os 60 anos.

A lição que disso extraímos é muito clara.

Se quisermos obter em nossa volta ao mundo espiritual o título de completista, é importante que saibamos que esse prêmio não nos será concedido

gratuitamente e que importa colaboremos para conquistá-lo, cuidando do corpo tanto quanto cuidamos da alma.

## **A oração é uma força em nossa vida**

A principal obra da doutrina espírita – *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec – dedica um capítulo inteiro à prece, definindo esta como um legítimo ato de adoração ao Criador da vida, cuja importância para nós é muito grande, e bem superior à que geralmente imaginamos. “Orar a Deus – ensina o Espiritismo – é pensar n’Ele; é aproximar-se d’Ele; é pôr-se em comunicação com Ele.” (*O Livro dos Espíritos*, item 659.)

Ensinada pelo Cristo e pelos instrutores espirituais, a prece é, em verdade, uma manifestação da alma em busca da Presença Divina, uma espécie de conversa com o Criador ou com seus prepostos, e por isso deve ser despida de todo e qualquer formalismo.

A prece deve ser o primeiro ato no nosso retorno às atividades de cada dia e, em face disso, cultivada diariamente. O Espírito de Monod assim o recomenda em uma mensagem constante do capítulo 27, item 22, d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Lembremos aqui algumas recomendações que sobre a prece colhemos na doutrina espírita:

- A prece, quando ditada pelo coração, é sempre agradável a Deus.

- A prece deve ser secreta, não precisa ser longa e deve ser antecedida do ato do perdão.

- A prece não pode ser paga, porque "é um ato de caridade, um lance do coração".

- O essencial não é orar muito, mas orar bem.

- A prece deve ser espontânea, objetiva, robusta de sentimentos elevados, que precisam ser cultivados sempre.

- A forma da prece nada vale, mas sim o conteúdo.

- A atitude daquele que ora é íntima, eminentemente espiritual. Atitudes convencionais, posição externa e rituais são vestes dispensáveis ao ato de orar.

- A prece deve traduzir o que realmente estamos sentindo, pensando e querendo naquele momento, de uma forma precisa, sem que isso constitua uma repetição de termos que, na maioria das vezes, são ininteligíveis para quem os profere.

- A prece torna melhor o homem, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.

- Podemos pedir a Deus que nos perdoe as faltas, mas só obteremos o perdão mudando de proceder, visto que as boas ações são a melhor prece e os atos valem mais que as palavras.

Há no Evangelho um exemplo de prece que deveria servir como modelo para todos nós que habitualmente oramos. Falamos da prece do

publicano, narrada no cap. XVIII do Evangelho segundo Lucas. Recordemos a lição, que nos mostra que a humildade e a sinceridade são requisitos fundamentais na oração:

“Jesus também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador.

Declaro-vos que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; porquanto aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.” (Lucas, cap. XVIII, vv. 9 a 14.)

Além da humildade e da sinceridade exemplificadas na prece do publicano, um outro requisito essencial é destacado por Jesus em seu ensinamento sobre a oração, ou seja, o esquecimento e o perdão que devemos conceder aos que nos tenham prejudicado. Jesus recomenda-nos expressamente que devemos reconciliar-nos com os adversários, antes de oferecermos ao Pai a nossa oferenda e elevarmos a Ele a nossa prece.

Segundo a doutrina espírita, três coisas podemos fazer por meio da prece: louvar, pedir e agradecer.

Louvar é reconhecer e enaltecer a Deus por tudo o que Ele criou. Significa aceitar com alegria tudo o que nos rodeia, que, no tocante à participação do Senhor em nossa vida, é sempre justo, equilibrado e perfeito. Exemplo de prece de louvor é o Salmo 23 de Davi.

No tocante à prece de pedido, eis algo que todos fazemos, mas são poucos, em verdade, os que sabemos fazê-lo, o que nos leva geralmente a pedir a Deus aquilo que não se deve. Não devemos pedir, por exemplo, o afastamento da dor, mas as forças e a compreensão para suportá-la.

Emmanuel nos dá a propósito disso, em "Recados do Além", um exemplo que deveríamos seguir em nossas preces de pedido: "Jesus! Reconheço que a Tua vontade é sempre o melhor para cada um de nós; mas se me permites algo pedir-Te, rogo me auxilies a ser uma bênção para os outros".

Concluindo, é bom que nos lembremos de agradecer também a Deus a bênção da vida, a família que temos, os amigos que nos rodeiam, a saúde e as oportunidades que Ele nos concede todos os dias com a generosidade e a paciência de um verdadeiro Pai.

## **A missão da maternidade nem sempre é um *mar de rosas***

Sempre que comemoramos o Dia das Mães, em que reverenciamos, com justa razão aquelas que nos possibilitaram vir ao mundo, lembramo-nos de uma carta em que uma leitora de nossos escritos escreveu-nos o seguinte:

“Aprendemos no Espiritismo que o amor maternal decorre de uma espécie de missão e faz parte das leis da natureza. Se isso é verdade, por que a missão da maternidade nem sempre é um *mar de rosas*?”

Com efeito, o papel de pais e mães constitui, sem dúvida nenhuma, uma verdadeira missão, como está dito com clareza pelos instrutores espirituais na resposta dada à questão 582 d’O *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Quanto às dificuldades que ambos encontram no desempenho dessa missão, é bom que meditemos nos ensinamentos contidos nas questões 890 a 892 da obra acima citada.

O coração materno é, na expressão de um Espírito amigo, “uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo”, mas grave é o ofício da verdadeira maternidade. “Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemos-los, em grande parte, às mães abnegadas

e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemos-las, na mesma proporção, às mães indiferentes e criminosas”, assevera Sebastiana Pires no cap. 3 do livro *Luz no Lar*, obra mediúnica psicografada por Chico Xavier.

Ensina o Espiritismo que a Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entre os animais, esse amor se limita às necessidades materiais e cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, ele persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que sobrevivem mesmo à morte e acompanham o filho até no além-túmulo.

Não se deduza do fato de estar o amor maternal nas leis da natureza que a missão materna seja algo fácil, porque não o é. Trata-se, em verdade, de tarefa espinhosa em que a renúncia e as lágrimas fazem morada.

Não é difícil entender por que isso se dá. É que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que – nas palavras de conhecido autor – ainda não *acertaram as rodas do entendimento no carro da evolução*, a fim de trabalharem sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidas à máquina das convenções sociais, no instituto da família, caminham lado a lado, sob o aguilhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas.

Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes,

tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degenerado da antipatia congênita.

A missão materna reveste-se, pois, de encargos sublimes, sobretudo nos lares onde Espíritos antagônicos, quando não inimigos, se encontram temporariamente unidos pelos laços do parentesco.

A maternidade desenvolve a sensibilidade, a ternura e a paciência, aumentando a capacidade de amar na mulher.

No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família.

A missão materna consiste em dar sempre aos filhos o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus. Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e corrigindo-lhe as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando necessária.

Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance pela paz dos filhos, ensinando-lhes que

toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino e que todo desperdício é falta grave.

Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio. Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo ao trabalho e a fonte de harmonia para todos.

Buscará, enfim, na piedosa mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs, ciente de que, como escreveu a leitora, a missão da maternidade nem sempre é um mar de rosas.

Aí estão razões inúmeras para que neste Dia das Mães, – mas não apenas neste dia, – reverenciemos nossa mãe e agradeçamos a ela a oportunidade de estarmos aqui, vivos, aptos e prontos para dizer-lhe quanto a amamos e como é bom ser seu filho!

## **Notícias do além-túmulo**

Veza por outra ouvem-se frases como esta: "Ninguém jamais voltou para dizer se a vida continua".

Afirmações desse tipo são compreensíveis quando ditas por quem não professa o Cristianismo, mas absolutamente impertinentes se partem dos que aceitam o Novo Testamento como obra confiável e depositária da fé cristã. Afinal, é nele que lemos a descrição detalhada do retorno de Jesus ao convívio dos discípulos após sua morte no Gólgota e, antes disso, sua recepção a dois vultos do Antigo Testamento – Moisés e Elias – que vieram confortá-lo momentos antes de sua prisão.

Não queremos aqui mencionar os fatos contidos no Antigo Testamento, que são inúmeros e expressivos, visto que vivemos em um país que se orgulha de dizer-se cristão e tem no Novo Testamento o livro que dá base à sua fé.

As criaturas minimamente informadas sabem que foram exatamente as comunicações dos chamados mortos que deram e continuam a dar força ao Espiritismo, porquanto os princípios espíritas não se baseiam em opiniões nem em concílios, mas em fatos, como os que o professor Carlos Augusto Perandréa mostrou em suas pesquisas sobre mensagens psicografadas por Chico Xavier, do que resultou um trabalho científico

inédito até aquela oportunidade, publicado inicialmente na revista científica Semina, da Universidade Estadual de Londrina, e depois transformado no livro "A Psicografia à Luz da Grafoscopia".

No referido trabalho, o autor comprovou a realidade das comunicações mediúnicas comparando a letra padrão do indivíduo antes da morte com sua assinatura aposta na mensagem psicografada, com que chegou, por meio de análises técnicas, à verificação da autenticidade gráfica em inúmeros casos. Para quem ainda não sabe, informamos que Perandrea não era espírita até que os fatos e sua própria experiência no campo da mediunidade modificaram sua concepção religiosa.

Os Espíritos, portanto, já voltaram, sim, e continuam a voltar do Além, trazendo notícias sobre a vida extrafísica, na qual, segundo dizem, são muitas as ocupações e missões a desempenhar.

Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes – conforme eles mesmos revelam – a tarefa de executar a vontade de Deus, concorrendo, desse modo, para a harmonia do Universo.

A ocupação dos Espíritos é, segundo comprovam os fatos, contínua no mundo espiritual, mas nada tem de penosa, uma vez que não estão eles sujeitos à fadiga nem às necessidades próprias da vida terrestre. E, coisa curiosa, até os Espíritos inferiores e imperfeitos desempenham funções

úteis no mundo em que vivem, conquanto muitas vezes não tenham consciência disso.

De acordo com os ensinamentos espíritas, devem os Espíritos percorrer todos os graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem, e é por isso que habitam em toda a parte e adquirem pelo estudo e pela experiência o conhecimento gradativo de todas as coisas. Há, porém, tempo para tudo, e cada coisa vem no momento próprio, de modo que a experiência por que um Espírito está passando hoje, um outro já superou e outros deverão mais tarde enfrentar.

As missões dos Espíritos objetivam sempre o bem. Estando encarnados ou desencarnados, são eles incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos e dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, cabendo-lhes ainda velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, tanto no mundo físico como no moral, e o Espírito se adianta conforme a maneira pela qual desempenha sua tarefa.

No tocante ao mundo dos encarnados, os Espíritos se ocupam com as coisas que nos dizem

respeito de conformidade com o grau de evolução em que se acham. Os superiores só se ocupam com o que seja útil ao progresso. Os inferiores se ligam mais às coisas materiais e delas se ocupam.

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste, pois, na ociosidade contemplativa, que seria uma eterna e fastidiosa inutilidade. Suas atribuições são proporcionadas ao seu grau evolutivo, às luzes que possuem, à sua capacidade, experiência e ao grau de confiança que inspiram ao Supremo Criador.

Por toda a parte, como se vê, a atividade é constante, da base ao ápice da escala, o que enseja a todos, sem nenhuma exceção, oportunidade de instruir-se e alcançar a meta, que é a perfeição.

## O segredo da paz em “Nosso Lar”

Quando André Luiz, depois de haver passado oito anos no Umbral, adentrou a região designada em seu livro como sendo a cidade ou colônia espiritual “Nosso Lar”, um fato chamou-lhe de pronto a atenção. O ambiente escuro, denso, desprovido de beleza – que caracterizava a região em que estivera longo tempo – fora substituído por um cenário encantador e de paz, céu azul, sol brilhante, lindas construções, embora a cidade se localizasse na mesma região em que ele estagiara.

Em “Nosso Lar” ele aprendeu coisas que jamais imaginara que existissem. O Umbral, por exemplo, disse-lhe mais tarde seu amigo Lísias, “começa na crosta terrestre”. “É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos.” (*Nosso Lar*, cap. 12, pág. 70.)

O Umbral funcionaria, pois, como região destinada ao esgotamento dos resíduos mentais, uma espécie de zona purgatorial, em que se queima a prestações o material deteriorado das ilusões adquiridas por atacado, mas jamais faltou ali a proteção divina. O plano umbralino está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, visto que, em verdade, todo

Espírito, onde estiver, "é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem".

Como explicar, então, a diferença de cenário e de ambiente?

Por que num lugar a escuridão, a revolta e o desespero, enquanto noutro lugar, perto dali, o sol brilhante, a paz e a harmonia?

A explicação veio-lhe mais tarde, por meio de Lísias, que lhe disse que havia um compromisso entre todos os habitantes equilibrados da colônia no sentido de não se emitirem pensamentos contrários ao bem. Dessa forma, o esforço da maioria se transformou numa prece quase perene e daí nasceram as vibrações de paz que tanto impressionaram o autor do livro *Nosso Lar*, obra psicografada por Chico Xavier que tanto sucesso obteve em nosso país.

Se nós, encarnados ainda na Crosta terrestre, fizéssemos um pacto semelhante, em que apenas pensássemos e agíssemos no bem, com toda a certeza o cenário e o ambiente deste mundo tão conturbado se modificariam para melhor, possibilitando e tornando concreta a transformação da Terra, de um mundo de provas e expiação, em um mundo de regeneração.

Depois de considerações semelhantes ao que explanamos, o saudoso confrade Richard Simonetti disse, numa das palestras que proferiu em nossa cidade, que existe uma receita que pode tornar tal ideia uma possibilidade real. E aludiu ao que ele chamou de receita de Tia Grace, uma senhora americana que deixou registrado em seu diário um

curioso roteiro para que as pessoas tornem útil sua passagem pela Terra e firmem um real compromisso com o bem.

O breviário de Tia Grace é muito simples e compõe-se apenas de seis pontos:

- Todos os dias, faça algo útil a alguém.
- Faça algo útil também para você mesmo.
- Faça algo que é preciso fazer, mas você não tem vontade.
- Faça um exercício físico.
- Faça um exercício mental.
- Agradeça a Deus pela bênção da vida.

A fórmula, se observada em todos os dias de nossa existência, funcionará, sem dúvida alguma, e – quem sabe? – poderá ser a ferramenta que tem faltado para que, na parte que nos toca, ajudemos a Terra a galgar um novo estágio no seu processo evolutivo.

## O que nos faz melhores?

Autoproclamado Estado Islâmico, o grupo que aterrorizou parte da população no Iraque e na Síria não constituiu, obviamente, uma boa propaganda do Islã e da doutrina contida no Alcorão, fato que foi lembrado e lamentado com tristeza por líderes muçulmanos de várias partes do mundo.

Com efeito, sequestrar meninas e decapitar jornalistas não são procedimentos condizentes com a religião fundada por Maomé e se somam aos argumentos dos que pretendem que a violência é inerente ao islamismo, o que seguramente não é verdade.

Ressurge, a propósito do assunto, uma antiga questão relacionada à qualidade das religiões e sua eficácia junto aos seus adeptos. E daí, a pergunta inevitável: – Das religiões conhecidas qual é, afinal, a melhor?

O assunto não é estranho à obra de Allan Kardec, que dele tratou de forma objetiva no livro *O que é o Espiritismo*, na passagem adiante reproduzida em que Kardec dialoga com um Padre:

**Padre.** – Pois bem! Que dizem os Espíritos superiores a respeito da religião? Os bons nos devem aconselhar e guiar. Suponhamos que eu não tenha religião alguma e queira escolher uma; se eu lhes pedir para aconselharem-me se devo ser

católico, protestante, anglicano, *quaker*, judeu, maometano ou mórmon, qual será a resposta deles?

**A.K.** – Há dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a todas, e os princípios particulares de cada uma delas. Os primeiros são os de que falamos há pouco; estes são proclamados por todos os Espíritos, qualquer que seja a sua classe. Quanto aos segundos, os Espíritos vulgares, sem ser maus, podem ter preferências, opiniões; podem preconizar esta ou aquela forma, animar certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservaram as ideias da vida terrena, seja por prudência, para não assustar as consciências timoratas. Acreditais, por exemplo, que um Espírito esclarecido, fosse mesmo Fénelon, dirigindo-se a um muçulmano, irá inabilmente dizer-lhe que Maomé é um impostor, e que ele será condenado se não se fizer cristão? Não o fará, porque seria repellido.

Em geral, os Espíritos superiores, se a isso não são solicitados por alguma consideração especial, não se preocupam com essas questões de minúcia, eles se limitam a dizer: Deus é bom e justo; não quer senão o bem; a melhor de todas as religiões é aquela que só ensina o que é conforme à bondade e justiça de Deus; que dá de Deus a maior e a mais sublime ideia e não O rebaixa emprestando-Lhe as fraquezas e as paixões da humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e lhes ensina a amarem-se todos como irmãos; que condena todo mal feito ao próximo; que não autoriza a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que nada

prescreve de contrário às leis imutáveis da Natureza, porque Deus não se pode contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, caridade e moralidade; aquela que procura melhor combater o egoísmo e lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, finalmente, em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode servir de pretexto a nenhum mal; ela não lhe deve deixar porta alguma aberta, nem diretamente, nem por interpretação. Vede, julgai e escolhei. (*O que é o Espiritismo*, Terceiro Diálogo, O Padre.)

As ideias acima expostas pelo Codificador do Espiritismo são semelhantes, se não idênticas, às que o Dalai Lama expressou em um interessante diálogo com o conhecido teólogo Leonardo Boff, citado no livro *Conselhos Espirituais*, publicado por Verus Editora.

Segundo Leonardo Boff, no intervalo de uma mesa-redonda sobre religião e paz entre os povos, da qual ambos participavam, ele perguntou ao líder tibetano:

– Santidade, qual é a melhor religião?

O Dalai Lama fez uma pequena pausa, deu um sorriso, olhou-o bem nos olhos e afirmou:

— A melhor religião é aquela que te faz melhor.

Em face dessa assertiva tão clara, o teólogo perguntou:

— O que me faz melhor?

O Dalai Lama respondeu:

— Aquilo que te faz mais compassivo, aquilo que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião...

Em face de ideias tão sábias, como seria bom que elas chegassem aos líderes do Estado Islâmico!

Certamente Maomé – onde quer que se encontre – ficaria feliz se tal acontecesse, e mais ainda se eles as ouvissem e adotassem.

## **Deve-se fazer de tudo para ser feliz?**

A pergunta acima foi, algum tempo atrás, um dos temas da dissertação de filosofia do exame de conclusão do equivalente ao ensino médio na França e que dá acesso à universidade. Uma espécie, portanto, do nosso conhecido Enem - Exame Nacional do Ensino Médio.

Para responder a perguntas como essa é preciso, primeiro, explicar o que é ser feliz, o que entendemos por felicidade.

Muitos leitores devem lembrar-se de Jerônimo Mendonça, cognominado *O Gigante Deitado*, que retornou à pátria espiritual no dia 26 de novembro de 1989.

Cego e tetraplégico confinado a uma cama ortopédica, mesmo assim Jerônimo realizou uma obra notável no campo do serviço social e da divulgação do Espiritismo. Dotado de inalterável bom humor, ele encantava, com sua palavra e seu exemplo de resignação ativa, a todos que o ouviam.

Certa vez, um repórter lhe perguntou o que é a felicidade. Ele respondeu assim: "A felicidade, para mim, deitado há tanto tempo nesta cama sem poder me mexer, seria poder virar de lado".

A felicidade, como ninguém ignora, depende do ponto de vista com que encaramos a vida e das condições em que vivemos.

A um homem perdido no deserto, sob um sol escaldante, nada vale mais do que um copo d'água.

A um jovem que luta por ingressar na faculdade, figurar na lista dos aprovados não tem preço.

Para a jovem que ama de verdade um rapaz que igualmente a ama, nada supera unir-se a ele em matrimônio.

E assim os exemplos se sucedem nessa busca incessante da criatura humana por ser feliz.

O tema felicidade, como sabemos, é tratado em muitas obras espíritas.

Com o título de "A felicidade não é deste mundo", o Espírito de François-Nicolas-Madeleine, que foi na Terra o cardeal Morlot, escreveu a seguinte mensagem:

"Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: 'A felicidade não é deste mundo'.

Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas,

porquanto incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.

Diante de tal fato, é incontestável que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna.

Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam que ela é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência é que lhe cumpre alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que demonstrado está, por experiência arquissecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo.

Em tese geral pode afirmar-se que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais lograrem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado.

O em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não tem a guiá-lo a ponderação, que por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da

existência é uma série de amarguras e decepções. E notai, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão.

Conseqüentemente, se à morada terrena são peculiares as provas e a expiação, forçoso é se admita que, algures, moradas há mais favorecidas, onde o Espírito, conquanto aprisionado ainda numa carne material, possui em toda a plenitude os gozos inerentes à vida humana. Tal a razão por que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando vos achardes suficientemente purificados e aperfeiçoados.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 20.)

Como já mencionamos, Kardec propôs certa vez aos Espíritos a seguinte questão: “Pode o homem gozar de completa felicidade na Terra?” Eles responderam: “Não”.

Justificaram então a resposta explicando que a existência corpórea em um planeta como o nosso foi-nos concedida como prova ou expiação. E acrescentaram: “Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra” (*O Livro dos Espíritos*, questão 920).

Quanto à pergunta que dá título a este texto, que resposta o estimado leitor daria?

## Um peixe sem bicicleta

Vimos, algum tempo atrás, postado numa das redes sociais um cartaz com estes dizeres: “Um homem sem religião é como um peixe sem bicicleta”.

Traduzindo-o em português claro e direto: do mesmo modo que um peixe não necessita de bicicleta, o homem não precisa de religião.

Esse é um pensamento que se tornou um modismo nos dias que correm, mais comum, no entanto, entre os jovens, o que não é difícil de entender. Quem não enfrentou ainda as agruras de uma longa existência pode equivocar-se com relação a muita coisa. A religião seria apenas uma delas.

Com o passar dos anos, contudo, muda nossa visão com respeito a muitos assuntos, como ocorreu, por exemplo, com André Luiz, que assim se reportou ao assunto, logo na abertura de sua primeira obra psicografada pelo médium Chico Xavier:

“Em momento algum, o problema religioso surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana. Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra,

mas urgia reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações transitórias e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação.

Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgia, contudo, tardiamente. De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muitas vezes folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. Identificava-as através da crítica de escritores menos afeitos ao sentimento e à consciência, ou em pleno desacordo com as verdades essenciais. Noutras ocasiões, interpretava-as com o sacerdócio organizado, sem sair jamais do círculo de contradições, onde estacionara voluntariamente." (*Nosso Lar*, cap. 1, pág. 18.)

Outros vultos conhecidos no planeta perceberam, ainda em vida, o valor da religião e nesse sentido é forçoso lembrar uma das frases mais famosas atribuídas a Albert Einstein: "A ciência sem a religião é manca; a religião sem a ciência é cega".

No livro *Einstein e a Religião*, de Max Jammer, professor de Física e colega de Einstein em Princeton, há informações interessantes sobre o relacionamento do notável cientista com a religião. No livro, Jammer menciona outra frase importante de Einstein, numa entrevista concedida em 1930 ao escritor James Murphy e ao matemático John William Navin Sullivan. "Todas as especulações

mais refinadas no campo da ciência”, disse-lhes Einstein, “provêm de um profundo sentimento religioso; sem esse sentimento, elas seriam infrutíferas.”

Fisiologista e cirurgião francês, o dr. Alexis Carrel, laureado com o Prêmio Nobel de Medicina de 1912, notabilizou-se não apenas por suas experiências sobre enxerto de tecidos e de órgãos e sua sobrevivência fora do corpo, mas também por suas obras filosóficas, dentre as quais se destaca *O homem, esse desconhecido*, best-seller na América do Norte em 1935.

Em fevereiro de 1942, a revista *Seleções do Reader's Digest* revelou outra faceta do grande médico e pensador: sua fé em Deus e sua crença no valor incomensurável da oração, que ele define como sendo “uma invisível emanção do espírito de adoração do homem, a forma de energia mais poderosa que ele é capaz de gerar”.

Eis, resumidamente, o que diz sobre a prece e a religião o notável médico francês:

1. A prece marca com os seus sinais indelévels as nossas ações e conduta.

2. A oração é uma força tão real como a gravidade terrestre. A influência da prece sobre o corpo e sobre o espírito humano é tão suscetível de ser demonstrada como a das glândulas secretoras.

3. Muitos enfermos têm-se libertado da melancolia e da doença graças à prece. É que, quando oramos, ligamo-nos à inexaurível força motriz que aciona o universo e, no pedir, nossas

deficiências humanas são supridas e erguemo-nos fortalecidos e restaurados.

4. Não devemos, no entanto, invocar Deus tendo em vista meramente a satisfação dos nossos desejos. Maior força colhemos da prece quando a empregamos para suplicar-lhe que nos ajude a imitá-lo.

5. Toda vez que nos dirigimos a Deus, melhoramos de corpo e de alma. Não tem, porém, sentido orar pela manhã e viver como um bárbaro o resto do dia.

6. Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade inelutável na vida de homens e povos. É a falta de intensidade no sentimento religioso que acabou por trazer o mundo às bordas da ruína.

O pensamento de André Luiz, Einstein e Alexis Carrel deveria estar presente na mente de todos aqueles que, de modo infantil, redigiram ou divulgam a frase do cartaz a que nos referimos: "Um homem sem religião é como um peixe sem bicicleta". Pensem e comportem-se assim e verão o que os espera no seu retorno à verdadeira vida.

## Deus... Será que Tu existes?

Graças a uma belíssima montagem feita por um confrade de Minas, circulou algum tempo atrás nas redes sociais um lindo vídeo formado com a oração intitulada "Deus", de autor ignorado, na qual o autor diz ter procurado Deus por toda a parte e, após haver duvidado de sua existência e mercê de incessante busca, revela como O encontrou. Como fundo musical, o autor do vídeo inseriu a linda canção *Best That You Can Do*, de Christopher Cross, um dos hits da década de 1980, que o leitor, caso queira, pode ouvir clicando neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=FqTkxFJHrNw>

Diz assim o texto da oração:

Deus...

Passei tanto tempo Te procurando.

Não sabia onde estavas, olhava para o infinito e não Te via.

E pensava comigo mesmo: será que Tu existes?

Não me contentava com a busca e prosseguia,

Tentava Te encontrar nas religiões e nos templos;

Tu também não estavas.

Te busquei através dos sacerdotes e pastores;

Também não te encontrei.  
Senti-me só, vazio, desesperado e descri.  
E na descrença Te ofendi,  
E na ofensa tropecei,  
E no tropeço caí,  
E na queda senti-me fraco.  
Fraco, procurei socorro.  
No socorro encontrei amigos,  
Nos amigos encontrei carinho,  
No carinho eu vi nascer o amor,  
Com amor eu vi um mundo novo  
E no mundo novo resolvi viver...  
O que recebi, resolvi doar.  
Doando alguma coisa, muito recebi  
E em recebendo senti-me feliz.  
E ao ser feliz, encontrei a paz.  
E tendo a paz foi que enxerguei  
Que dentro de mim é que Tu estavas  
E sem procurar-te foi que Te encontrei.

A reação das pessoas que viram o vídeo citado foi, em geral, de viva emoção, de rara alegria, de contentamento inusitado, não só pela beleza da melodia, mas, sobretudo, pela mensagem contida na oração que acabamos de ler.

Quando a lemos, lembramo-nos de imediato de um momento semelhante, narrado em uma das obras de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada por Divaldo Franco. Referimo-nos ao livro *Nos Bastidores da Obsessão*, em que, no capítulo 16, selando o encontro com Teofrastus, seu amado de quem fora apartada pelos tristes acontecimentos do período inquisitorial, a jovem Ana Maria (a mesma Henriette dos episódios de Ruão) lhe disse:

"Aprendi, quando estudava o Evangelho, em criança, em Ruão, este conceito que nunca esqueci: 'Quando eu buscava Deus fora de mim, não O achava; quando o procurava dentro de mim, tinha-O perdido; resolvi amar e ajudar o meu próximo e deparei-me comigo, com Deus e com o meu irmão'. Buscando Jean e o ajudando, achar-nos-emos os três na felicidade..."

Que as duas experiências contidas na oração transcrita e no depoimento de Ana Maria possam ajudar-nos a também encontrar Deus, esse Pai amoroso que, em verdade, só deseja o bem às suas criaturas, embora nem sempre o percebamos.

## Os Espíritos não têm sexo?

A questão da sexualidade é um dos assuntos que com frequência suscitam dúvidas em nossos leitores, sejam eles espíritas ou não.

Um deles, por exemplo, disse-nos certa vez não compreender a informação de que os Espíritos não têm sexo, uma vez que eles se comunicam conosco como homem ou mulher e assim vivem nas cidades espirituais, fato mostrado no filme *Nosso Lar*, baseado no livro homônimo de autoria de André Luiz. Como ninguém ignora, Lísias se apresenta ali na forma masculina e D. Laura, sua mãe, na forma feminina.

Sobre o assunto, lembremos inicialmente duas informações que colhemos na obra de Allan Kardec:

a) As almas ou Espíritos podem animar corpos de homens e mulheres. As almas ou Espíritos não têm sexo; as afeições que os unem nada têm de carnal; fundam-se numa simpatia real e, por isso, são mais duráveis. (Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.)

b) Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual. (Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.)

As informações a que nos reportamos não resolvem, porém, quando vistas isoladamente, a dúvida do leitor.

Afinal, por que uns se apresentam com a forma masculina e outros com a forma feminina?

A compreensão da questão requer que sejam lembradas aqui, preliminarmente, algumas explicações conhecidas dos estudiosos espíritas.

No seu livro *Vida e Sexo*, obra psicografada por Chico Xavier e publicada pela FEB em 1971, Emmanuel apresenta-nos quatro informações que nos podem auxiliar no tocante ao assunto.

Ei-las:

1ª – Quando errante, isto é, desencarnado, pouco importa ao Espírito encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher. “O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.” (*O Livro dos Espíritos*, item 202.)

2ª – A vida espiritual pura e simples rege-se por afinidades eletivas essenciais; contudo, através de milênios e milênios, o Espírito passa por feira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas.

3ª – O homem e a mulher podem ser, assim, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta.

4ª – O Espírito, ao renascer entre os homens, pode, obviamente, tomar um corpo feminino ou masculino, atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação ou ao cumprimento de obrigações regenerativas.

Às informações prestadas por Emmanuel devemos acrescentar o que Allan Kardec escreveu a respeito do mesmo tema, como podemos conferir na Revista Espírita de 1866, págs. 2 a 4.

Segundo o codificador do Espiritismo, as almas podem, efetivamente, animar corpos de homens e mulheres, tal como é ensinado em *O Livro dos Espíritos* e no livro *Vida e Sexo*.

Ocorre que a influência que o Espírito encarnado sofre do organismo não se apaga imediatamente com a morte, depois da destruição do corpo material, assim como ninguém perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos.

Se determinado Espírito percorreu uma série de existências no mesmo sexo, ele poderá conservar durante muito tempo, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa.

É dessa forma – devido a essa influência, que repercute da vida corporal à vida espiritual, e vice-versa – que ele se apresentará no plano espiritual, na chamada erraticidade, o que explica a existência ali de homens e mulheres, embora estejam desencarnados.

## Os recursos espíritas

“Não se esqueça jamais, ao longo da vida, dos recursos espíritas.”

Muitas pessoas já ouviram frase semelhante dita pelo pai, pelo avô ou por um amigo mais experiente, interessados todos em ajudar, em indicar o caminho, em contribuir para que as dificuldades da vida, quer de ordem material, quer de ordem espiritual, possam ser superadas e assimiladas.

A que recursos a frase se refere?

Examinando de perto o assunto, não é difícil deduzir que o conselho diz respeito a três conhecidos recursos, não propriamente espíritas, mas utilizados pelos espíritas – a oração, o Evangelho no lar e o passe magnético.

A importância da oração é por demais conhecida.

Orar no momento de dormir, à hora do despertar e nas principais refeições de cada dia, eis providências abonadas por dois vultos importantes do Espiritismo – Monod e Bezerra de Menezes – e não apresentam nenhuma contraindicação. A oração, diz-nos Joanna de Ângelis, nos leva a sintonizar com as forças que regem a vida, vitalizando-nos, e somente por isso,

independentemente do acolhimento que tenha, faz-nos imenso bem.

O Evangelho no lar, a que nos referimos nesta obra, é outra providência inestimável, porque nos permite elevar nossa alma, ainda que por escassos minutos, a um nível mais elevado de cogitações, lembrando-nos que a criatura humana não é tão somente um corpo dotado de alma, mas uma alma temporariamente revestida de um corpo.

Além do benefício pessoal e direto que colhemos com essa prática, não ignoramos o bem que ela também proporciona àqueles que, livres do corpo físico, buscam o nosso domicílio à procura de ajuda.

Como diz Bezerra de Menezes, muitos dos que partem para a vida espiritual, finda a existência corporal, costumam permanecer apresados à trilha corpórea. Encontram-se desencarnados, mas não libertos; invisíveis, mas não ausentes. A prece e a leitura de uma página do Evangelho podem, sem dúvida, ajudá-los muito na necessária readaptação à vida espiritual.

Quanto ao passe magnético, um recurso terapêutico usado com bastante frequência por Jesus e seus apóstolos, trata-se de algo conhecido de todas as pessoas que costumam ir aos centros espíritas, convictas de que, graças a essa singela prática, podem fortalecer-se para enfrentar as agruras e as dificuldades da vida.

Recomendados expressamente como elementos terapêuticos essenciais na cura das obsessões, os três recursos são igualmente

valiosos como medida preventiva na vida de qualquer pessoa, independentemente de suas convicções religiosas, porque se fundamentam, não em dogmas particulares, mas nas leis naturais que o Criador nos legou.

## **Nada acontece por acaso**

Toda vez que se registra algo inusitado, imprevisível, inesperado, costumamos atribuí-lo ao chamado acaso, um tema que tem sido examinado na imprensa espírita em diversas oportunidades.

Fizeram a Emmanuel a seguinte pergunta: – O “acaso” deve entrar nas cogitações da vida de um espírita cristão?

Emmanuel respondeu: “O acaso, propriamente considerado, não pode entrar nas cogitações do sincero discípulo da verdade evangélica. No capítulo do trabalho e do sofrimento, a sua alma esclarecida conhece a necessidade da própria redenção, com vistas ao passado delituoso e, no que se refere aos desvios e erros do presente, melhor que ninguém, a sua consciência deve saber da intervenção indébita levada a efeito sobre a lei de amor, estabelecida por Deus, cumprindo-lhe aguardar, conscientemente, sem qualquer noção de acaso, os resgates e reparações dolorosas do futuro”. (*O Consolador*, obra psicografada pelo médium Chico Xavier, pergunta 186.)

Lemos no livro *Conduta Espírita*, de André Luiz, estas duas recomendações:

“Usar com prudência ou substituir toda expressão verbal que indique costumes, práticas, ideias políticas, sociais ou religiosas, contrárias ao

pensamento espírita, quais sejam sorte, acaso, sobrenatural, milagre e outras, preferindo-se, em qualquer circunstância, o uso da terminologia doutrinária pura.” (*Conduta Espírita*, obra psicografada pelo médium Waldo Vieira, capítulo 13.)

“Libertar-se das cadeias mentais oriundas do uso de talismãs e votos, pactos e apostas, artifícios e jogos de qualquer natureza, enganosos e prescindíveis. O espírita está informado de que o acaso não existe.” (Obra citada, cap. 18.)

O escritor J. Herculano Pires, na obra *Na Era do Espírito*, escrita em parceria com Chico Xavier e Espíritos diversos, anotou:

“Os familiares desagradáveis são hoje o que deles fizemos ontem. Nada acontece por acaso, sem razão, em nossas vidas.” (*Na Era do Espírito*, cap. 2.)

“Nada acontece por acaso. Tudo resulta da lei de causa e efeito. E todo efeito tem um sentido: o da evolução. Todos somos Espíritos faltosos e sofremos as provas que pedimos antes de encarnar. Temos dívidas coletivas a resgatar. Mas além do resgate espera-nos a liberdade, a paz, o progresso.” (Obra citada, cap. 3.)

Os fatos que nos cercam, as provações que nos acometem, os sucessos e os insucessos da vida, nada disso deve ser atribuído ao acaso, à sorte ou ao azar, porque tais coisas são fruto da chamada lei de causa e efeito, que é retratada no caso Letil, narrado por Kardec no cap. VIII da 2ª Parte do livro *Céu e Inferno*, que adiante resumimos.

Letil foi um industrial que residia nos arredores de Paris e teve, em abril de 1864, uma morte horrível: incendiou-se uma caldeira de verniz fervente e ele, num piscar de olhos, foi atingido pela matéria candente. Letil, embora vendo que estava perdido, ainda teve ânimo de caminhar até o seu domicílio, à distância de mais de 300 metros. Quando lhe prestaram os primeiros socorros, suas carnes dilaceradas caíam aos pedaços, desnudando os ossos de uma parte do corpo e da face. Ainda assim, sobreviveu por doze horas, em meio a cruciantes sofrimentos, conservando, porém, até o fim perfeita lucidez.

Devidamente assistido no mundo espiritual, Letil narrou na Sociedade Espírita de Paris como ocorreu a sua desencarnação e a causa de sua expiação. “Vai para dois séculos – disse ele – mandei queimar uma rapariga, inocente como se pode ser na sua idade – 12 a 14 anos. Qual a acusação que lhe pesava? A cumplicidade em uma conspiração contra a política clerical. Eu era então italiano e juiz inquisidor; como os algozes não ousassem tocar o corpo da pobre criança, fui eu mesmo o juiz e o carrasco.”

Dirigindo-se a todos os que deploram o esquecimento das vidas passadas, Letil exclamou: “Oh! vós, adeptos da nova doutrina, que frequentemente dizeis não poder evitar os males pela insciência do passado! Oh! irmãos meus! bendizei antes o Pai, porque, se essa lembrança vos acompanhasse à Terra, não mais haveria aí repouso em vossos corações”. “Como poderíeis vós, constantemente assediados pela vergonha,

pelo remorso, fruir um só momento de paz? O esquecimento aí é um benefício, porque a lembrança aqui é uma tortura." (*Céu e Inferno*, 2ª Parte, cap. VIII, Letil.)

## **A cruz nossa de cada dia**

Além dos vários significados que apresenta, como por exemplo o madeiro em que Jesus foi pregado, a palavra cruz é usada também, por extensão, para designar aflição, pena, infortúnio. É com esse sentido que se diz: "Maria carrega uma cruz pesada".

Em um planeta como a Terra, é óbvio que quase todas as pessoas, com as exceções de praxe, chegam à existência corpórea carregando determinada cruz, que pode ser leve ou pesada, mas, com certeza, é proporcional às suas forças.

Comentando determinada passagem do Evangelho, Kardec escreveu:

"Rejubilai-vos, diz Jesus, quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no céu." Podem traduzir-se assim essas verdades: "Considerai-vos ditosos, quando haja homens que, pela sua má vontade para convosco, vos deem ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porquanto o mal que vos façam redundará em proveito vosso. Lamentai-lhes a cegueira, porém, não os maldigais".

Depois, acrescenta: "Tome a sua cruz aquele que me quiser seguir", isto é, suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe

acarretar, dado que aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando-me a mim, perderá as vantagens do reino dos céus, enquanto os que tudo houverem perdido neste mundo, mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação de que deram prova. Mas, aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: "Já recebestes a vossa recompensa". (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXIV, item 19.)

Certa vez uma senhora procurou Chico Xavier, levando consigo uma criança ao colo. Ela lhe disse: "Seu Chico, meu filho nasceu surdo, cego e sem os braços. Agora está com uma doença nas pernas e precisa amputar as duas pernas para ser salvo. Por que isso tudo?".

Chico, olhando fixamente aquela sofrida mulher, respondeu-lhe: "Minha filha, Emmanuel, aqui presente, me diz que nas dez últimas encarnações esse ser suicidou-se e pediu, antes de renascer nesta atual existência, que lhe fossem retiradas as possibilidades de mais uma tragédia. Porém, como agora, apesar de cego, surdo e sem braços, está ainda procurando um lugar como um precipício, rio, avenida, para se matar..., aí só cortando as pernas, não?".

Como analisar tão dura prova? O sofrimento da criança, a angústia da mãe, um destino que se apresenta cruel são justificados em face de um bem maior, que é a salvação de uma alma, a recuperação de um ser que se complicou muito no

passado e, no entanto, merece a indulgência do Pai e uma segunda chance.

Examinado o fato sob a ótica materialista, é claro que vicissitudes como essas são consideradas inteiramente sem propósito. Mas nós somos espiritualistas e temos de, necessariamente, olhar para a vida com um sentido mais largo e mais profundo, visto que o corpo é transitório, mas a alma vive para sempre.

Das muitas histórias narradas por Humberto de Campos, lembramo-nos do caso de uma pobre viúva que, assoberbada por sofrimentos acerbos, apelara para Deus, a fim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existência. Tudo lhe havia falhado nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

– Senhor, exclamou ela, por que me deste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportável madeiro!

À noite, mergulhada nas asas brandas do sono, a alma daquela mulher foi conduzida a um palácio resplandecente. Um Emissário do Senhor recebeu-a no pórtico, com sua bênção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruzes. Viam-se ali cruzes de todos os feitios e tamanhos.

– Aqui – disse-lhe ele – guardam-se todas as cruzes que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Atendendo, porém, à tua súplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada que a tua.

A mulher, embora surpresa com o fato, examinou as cruces presentes e, após algum tempo, escolheu conscienciosamente aquela cujo peso correspondia, segundo sua visão, às suas possibilidades. Quando, porém, a apresentou ao Mensageiro Espiritual, verificou que na cruz escolhida encontrava-se insculpido o seu próprio nome, reconhecendo então sua impertinência e rebeldia.

– Vai – disse-lhe o Emissário do Senhor – com a tua cruz e não descreias! Deus, na sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior às tuas forças.

## **O céu se ganha pela caridade e pela brandura**

A afabilidade e a doçura são formas com que se manifesta a benevolência entre as criaturas humanas, assim o disse Lázaro (autor espiritual) em uma mensagem transmitida no ano de 1861 em Paris e inserida por Allan Kardec no cap. IX de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Ora, a virtude a que chamamos benevolência é expressamente mencionada pelos instrutores espirituais que participaram da obra de codificação da doutrina espírita, quando por eles foi dito qual o sentido da palavra caridade segundo o entendimento de Jesus. A informação está contida na resposta dada à questão 886 d' *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzida:

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

(Nota de Kardec: O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em

que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.)

A caridade, como se vê, vai além do simples ato de se praticar a beneficência, porque deve abranger todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores.

Sinteticamente, ela pressupõe:

Benevolência com todos, porque somos todos irmãos e é assim que nosso Pai deseja que nos tratemos.

Indulgência para com os outros porque, como nós ainda cometemos muitos erros, precisamos também da indulgência alheia.

Perdão das ofensas, porque a atitude contrária ao perdão faz mal àquele que não consegue perdoar.

Como sabemos, Jesus recorria quase sempre ao recurso das parábolas quando se dirigia às pessoas que o ouviam, pela simples razão de que nem todos possuíam evolução espiritual necessária para apreender em sua profundidade as verdades evangélicas; mas não deixou dúvida alguma sobre a necessidade da caridade e do amor ao próximo como condições para o ingresso da criatura humana no chamado reino dos céus, como o leitor pode verificar por si mesmo, à vista dos ensinamentos seguintes contidos no Evangelho segundo Mateus:

“Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino dos céus; mas sim os que fazem a vontade do meu Pai que está nos céus.” (Mateus, 7:21.)

“Assim, todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa sobre a rocha. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam contra essa casa. Mas ela não desaba, porque está construída sobre a rocha.” (Mateus, 7:24-25.)

“Então, o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Recebi em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era estrangeiro e me acolhestes. Estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, na prisão e me viestes ver.” (Mateus, 25:34-36.)

“Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas.” (Mateus, 7:12.)

Em face de advertências tão claras e convincentes, não é de estranhar a frase o céu se ganha pela caridade e pela brandura, que Kardec escreveu e inseriu no cap. IV, item 11, d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*. Adotamo-la, por motivos óbvios, para servir de título a este texto.

## **O passe espírita: *sortilégio* ou uma prática cristã?**

É conhecida no meio espírita a seguinte declaração feita por José Herculano Pires a respeito do passe magnético, um recurso utilizado em todos os centros espíritas que conhecemos: "O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos".

Considerado por adversários do Espiritismo como sendo apenas um *sortilégio*, o passe adotado nas instituições espíritas desde os seus primórdios é, em verdade, um recurso terapêutico que se assemelha em tudo ao que Jesus e seus apóstolos praticavam.

No cap. 59 do seu livro *Religião dos Espíritos*, referindo-se ao assunto, Emmanuel afirma que no Egito dos Ramsés um velho papiro já preceituava, no tocante ao magnetismo curativo: "Pousa a tua mão sobre o doente e acalma a dor, afirmando que a dor desaparece".

Foi, porém, justamente em Jesus – lembra Emmanuel – que o magnetismo curativo atingiu seu ponto culminante na humanidade.

O Mestre estendia a mão e cegos passavam a ver, paráliticos se levantavam, leprosos ficavam limpos, obsidiados se recuperavam. E o Mestre,

além de o utilizar, sugeriu aos apóstolos que assim também procedessem, como vemos no Evangelho de Marcos (16:15 a 18), em que Jesus recomendou-lhes expressamente:

"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura (...) E estes sinais seguirão aos que crerem: expulsarão os demônios em meu nome; falarão novas línguas; manusearão as serpentes, e se beberem alguma potagem mortífera, não lhes fará mal; porão as mãos sobre os enfermos, e eles sararão".

Quando escreveu o livro que conhecemos como *Atos dos Apóstolos*, o evangelista Lucas mostrou-nos que os apóstolos entenderam bem o recado do Mestre.

Vejamos o que Lucas informou:

1) Após haver curado, à porta do templo, um coxo de nascença, que contava então mais de 40 anos e ao qual disse simplesmente: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou; em nome de Jesus Cristo, Nazareno, levanta-te e anda", o apóstolo Pedro foi levado, junto com João, para a prisão. No dia seguinte, interpelado no Sinédrio, diante de Anás, Caifás, João e Alexandre, ele lhes falou sobre o evangelho e disse que a cura daquele coxo fora feita em nome de Jesus. Depois, já reunido aos companheiros, ele orou a Deus pedindo que concedesse aos seus servos o poder de, estendendo as mãos sobre os enfermos, curar as enfermidades. (*Atos*, 4:30)

2) O pedido de Pedro foi, obviamente, atendido, como prova este trecho: "E pelas mãos dos

apóstolos se faziam muitos milagres e prodígios entre a plebe" (Atos, 5:12); ou este outro: "A estes apresentaram diante dos apóstolos, e orando puseram as mãos sobre eles". (Atos, 6:6)

3) Foi assim que Saulo de Tarso recuperou a visão: "E foi Ananias, e entrou na casa; e pondo as mãos sobre ele, disse: Saulo, irmão, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou para que recobres a vista, e fiques cheio do Espírito Santo". (Atos, 9:17)

4) Algum tempo depois, Paulo repetiria o gesto em Éfeso: "E havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e eles falavam em diversas línguas e profetizavam" (Atos, 19:6), repetindo-o tantas vezes quantas necessárias, como ocorreu na ilha de Malta, ao curar o pai do príncipe Públio: "Sucedeu porém achar-se então doente de febre e de disenteria o pai de Públio. Foi Paulo vê-lo, e, como fizesse oração e lhe impusesse as mãos, sarou-o". (Atos, 28:8)

Quando alguém, seja por ignorância, seja por preconceito, disser que o passe espírita é tão somente um sortilégio, pergunte-lhe se já leu *Atos dos Apóstolos* e, caso a resposta seja afirmativa, indague-lhe se Paulo de Tarso e Jesus foram também fazedores de sortilégios.

## **Onde impera a fraternidade o orgulho é uma anomalia**

Não é difícil apurar a qualidade de uma fruta quando estamos no mercado diante de uma banca. No caso da melancia, para convencer o cliente, muitos vendedores têm por costume oferecer uma fatia da fruta e aí, ao experimentá-la, o paladar não deixa ninguém em dúvida.

No tocante à qualidade da sociedade em que vivemos, a aferição se faz por meio dos exemplos que deparamos a cada momento.

Algum tempo atrás, em um jogo de futebol disputado em Huancayo, Peru, todas as vezes em que o jogador Tinga, do Cruzeiro, tocava na bola, torcedores da equipe Real Garcilaso imitavam sons de macacos, um episódio de racismo que repercutiu no mundo do futebol aqui e fora do Brasil, suscitando até mesmo uma manifestação pública do governo do Brasil, e do governo do Peru, que classificaram de "lamentável" o incidente.

Dias antes do citado episódio, uma professora universitária, docente na PUC-Rio, postou no Facebook uma foto de um homem de bermuda e regata, acrescentando-lhe a seguinte frase: "aeroporto ou rodoviária?". Aos que não sabem, explicamos: PUC-Rio é a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, uma instituição de

ensino que prestou e vem prestando relevantes serviços à educação em nosso País.

O conteúdo dos comentários postados na mesma página com relação à frase da professora envolveu, igualmente, críticas à presença de passageiros pobres nos voos. "O 'glamour' foi para o espaço", escreveu o reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ao que a professora respondeu: "Puxa, mas para glamour falta muuuito!!! Está mais para estiva".

Em seguida, outra professora universitária, também da PUC-Rio, acrescentou: "E sabe o que é pior? quando esse tipo de passageiro senta exatamente a seu lado e fica roçando o braço peludo no seu, porque – claro – não respeita (ou não cabe) nos limites do seu assento".

O fato repercutiu na mencionada rede social e foi, de imediato, censurado por milhares de pessoas, justamente inconformadas com a absurda manifestação de preconceito social expressa – por incrível que pareça – por três professores universitários.

\*

Toda forma de preconceito – racial, social, religioso – é filha diletta do orgulho, que é, como se sabe, a fonte de todos os nossos males. Pelo menos é assim que Adolfo, ex-bispo de Argel, escreveu em uma mensagem publicada em *O Evangelho*

*segundo o Espiritismo*, cap. VII, item 12, que adiante parcialmente transcrevemos:

“Não podeis ser felizes, sem mútua benevolência; mas, como pode a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males.

Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar as funestas consequências. Um único meio se vos oferece para isso, mas infalível: tomardes para regra invariável do vosso proceder a lei do Cristo, lei que tendes repellido ou falseado em sua interpretação.

Por que haveis de ter em maior estima o que brilha e encanta os olhos, do que o que toca o coração? Por que fazeis do vício na opulência objeto das vossas adulações, ao passo que desdenhais do verdadeiro mérito na obscuridade? Apresente-se em qualquer parte um rico debochado, perdido de corpo e alma, e todas as portas se lhe abrem, todas as atenções são para ele, enquanto ao homem de bem, que vive do seu trabalho, mal se dignam todos de saudá-lo com ar de proteção.

Quando a consideração dispensada aos outros se mede pelo ouro que possuem ou pelo nome de que usam, que interesse podem eles ter em se corrigirem de seus defeitos?” (Adolfo, bispo de Argel. Marmande, 1862.)

Relativamente ao orgulho devemos todos ter presente a seguinte frase que integra os Prolegômenos d’*O Livro dos Espíritos*: “O orgulho

e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus”.

Enquanto não houver entre nós, seres humanos, o sentimento real de fraternidade, é óbvio que o orgulho continuará imperando e, como consequência, veremos aqui e ali atos de racismo, como o que ocorreu com o jogador Tinga, e de preconceito social contra os não ricos, a que nos referimos acima.

Quando, porém, a fraternidade no seio dos povos for de fato uma realidade, poderemos repetir a frase que Allan Kardec inseriu na parte III da Conclusão d’*O Livro dos Espíritos*: “Onde há verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia”.

## Perante Deus

Foi em setembro de 1996 que veio a lume *Perante Deus*, a primeira obra de autoria de Erick, pseudônimo utilizado por ilustre escritor brasileiro desencarnado, que a transmitiu por intermédio da médium Célia Xavier de Camargo.

Seis anos e meio depois, em março de 2003, o mesmo autor brindou-nos com o romance *Os Sinos Tocam*, igualmente psicografado por Célia Xavier de Camargo, fato que voltou a se repetir em novembro de 2013 com o lançamento do romance *O Sol voltou a brilhar*, psicografado pela mesma médium.

Lendo obras assim não é difícil perceber a importância do livro espírita, incluído aí o romance, na formação de uma mentalidade cristã, absolutamente necessária no processo de mudança do mundo em que vivemos, no qual, se atentarmos bem para as palavras preditas por Jesus, o Evangelho do reino será, um dia, ensinado em todos os lugares. Que esse dia está muito longe, todos sabemos, mas as providências preliminares para que isso se concretize já foram iniciadas.

O conteúdo da primeira obra de Erick tem uma importância que o leitor certamente não imagina. Para compreendê-la seria necessário lê-la.

A visão que Erick-encarnado tinha da vida e do mundo é totalmente diversa da visão de Erick-desencarnado. Inconformado com as mazelas, as desigualdades e as injustiças da sociedade terrena, Erick-homem rejeitara, inicialmente, a ideia de Deus e, por consequência, tudo quanto decorresse daquilo que chamamos fé.

Depois de desencarnado, ele percebeu com os próprios olhos que a vida e o mundo obedecem a um planejamento meticuloso, e nele é forte a presença do Criador e dos Benfeitores espirituais que a bondade do Pai permite que assistam as pessoas, as famílias e as instituições, a fim de que não nos afastemos do rumo que é preciso seguir para bem cumprirmos as obrigações assumidas.

Um dos pontos altos do livro *Perante Deus* é quando o ex-ateu e ex-materialista recebe e compreende as informações pertinentes à lei da reencarnação. Vale a pena reproduzir essa passagem:

“Certo dia, durante as aulas do curso, o instrutor falava-nos sobre a lei da reencarnação. Acompanhava a lógica da exposição e tudo me parecia tão claro que não contive o comentário:

– As explicações que aqui recebemos são simples, cristalinas e de uma coerência irrefutável. Temos condição agora de analisar a grandeza de Deus e entender-lhe os propósitos. Mas, eu me pergunto: se estes conhecimentos são tão importantes para o Espírito e para sua vivência, por que não ministrá-los aos que ainda estão encarnados? Para a imensa quantidade de seres

que ainda se debatem com as realidades e dificuldades da existência terrena e que com estes ensinamentos poderiam modificar o curso de suas vidas?

O instrutor fitava-me sereno, enquanto ouvia minhas ponderações. Após uma pausa, concluí:

– Acredito que tais conhecimentos iriam revolucionar a face do mundo.” (*Perante Deus*, cap. 3, pág. 33.)

Foi aí então que o orientador que o ouvia sorriu e explicou que tais informações já haviam sido levadas aos irmãos encarnados na Terra desde o longínquo mês de abril de 1857, com o lançamento em Paris da principal obra de Kardec, *O Livro dos Espíritos*, fato que Erick ignorava por completo, não por jamais ter ouvido falar de Espiritismo, mas sim por não dar atenção nenhuma aos temas pertinentes às questões espirituais, como ele próprio informou:

“Sim, já ouvira falar de Espiritismo, mas jamais lhe dei importância. Qualquer assunto que dissesse respeito a religião, qualquer que fosse ela, estava proscrito do meu dicionário. Quanto à religião espírita, eu ia mais longe: tinha profundo desprezo e indiferença por todos aqueles que se diziam seus adeptos.” (Idem, *ibidem*, pág. 35.)

Que existem muitos Ericks por aqui, não tenhamos dúvida. Esperamos, no entanto, que não seja preciso que desencarnem para mudarem a visão com respeito à vida, ao mundo e, principalmente, a Deus, nosso Criador, a quem tudo devemos.

## **Coisas que não se dizem às crianças**

Toda vez que se discute o tema da educação da criança, logo nos vem à mente o papel dos pais, que são, sem nenhuma dúvida, os maiores interessados em que seus filhos se tornem pessoas dignas, de bom caráter e conduta ilibada. É preciso entender, contudo, que são também eles – os pais – os grandes responsáveis para que isso se dê. Afinal, a tarefa que lhes foi conferida não pode jamais ser negligenciada ou ignorada, visto que não se trata apenas de uma tarefa, mas de verdadeira missão.

Atentemos para o que nos é ensinado na questão 582 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec:

– Pode-se considerar como missão a paternidade?

“É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu

filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”

Certa vez chegou-nos à mão um texto interessante, intitulado “Dez coisas que não devemos dizer para as crianças”. Enviado por alguém ligado à Biblioteca Virtual da Antroposofia, de Florianópolis-SC, a única informação a respeito de sua autoria diz apenas que se trata de textos judaicos. Se isso for verdade, não há neles influência das ideias cristãs e, obviamente, das ideias espíritas, fato que não lhes retira a importância e a atualidade, motivo pelo qual desejamos compartilhá-los com o leitor:

1 – Não rotule seu filho de pestinha, chato, lerdo ou outro adjetivo agressivo, mesmo que de brincadeira. Isso pode fazer com que ele se torne realmente isso.

2 – Não diga apenas sim. Os nãos e os porquês são essenciais para o desenvolvimento da criança.

3 – Não pergunte à criança se ela quer fazer uma atividade obrigatória ou ir a um evento indispensável. Diga apenas que agora é a hora de fazer.

4 – Não mande a criança parar de chorar. Se for o caso, pergunte o motivo do choro ou apenas peça que mantenha a calma.

5 – Não diga que a injeção não vai doer, porque você sabe que vai doer. A menos que seja gotinha,

diga que será rápido ou apenas uma picadinha, mas não a engane.

6 – Não diga palavrões. Seu filho vai repetir as palavras de baixo calão que ouvir.

7 – Não ria do erro da criança. Fazer piada com mau comportamento ou erros na troca de letras pode inibir o desenvolvimento saudável.

8 – Não diga mentiras. Todos os comportamentos dos pais são aprendidos pelos filhos e servem de espelho.

9 – Não diga que foi apenas um pesadelo e a mande voltar para a cama. As crianças têm dificuldade de separar o mundo real do imaginário. Quando acontecer um sonho ruim, acalme seu filho e leve-o para a cama, fazendo-lhe companhia até dormir.

10 – Nunca diga que vai embora se não for obedecido. Ameaças e chantagens nunca são saudáveis.

Falando sobre a finalidade da infância, ensina o Espiritismo (*O Livro dos Espíritos*, questão 385) que é nessa fase da vida que se pode reformar o carácter e reprimir os maus pendores de uma criança. E é precisamente esse o dever que Deus conferiu aos pais, missão sagrada de que terão de prestar contas.

Os conselhos que acima reproduzimos não esgotam o assunto, mas podem perfeitamente ajudar-nos nessa missão, cuja eficácia dependerá diretamente do esforço e da dedicação com que a realizarmos.

## **Vencer as más inclinações é mesmo difícil?**

Não apenas nas novelas da TV, mas no meio social em que vivemos, é comum ver médicos e outros profissionais da área da saúde fumando e bebendo muito. Alguns trabalham até em hospitais especializados no tratamento do câncer e têm, entre seus pacientes, pessoas que foram acometidas dessa doença exatamente pelo hábito de fumar.

Como ninguém – especialmente os profissionais da área – ignora os malefícios do fumo e do álcool, pergunta-se, com razão: Por que tais pessoas ainda bebem e continuam apegadas ao cigarro?

A indagação pode ser estendida a inúmeros outros aspectos da vida em sociedade. A gula, a luxúria, a inveja, a ira, a soberba, o melindre, a mágoa – eis vícios, sentimentos ou defeitos cujas consequências danosas para o ser humano são por demais conhecidas.

Reportando-se especificamente aos vícios, Manoel Philomeno de Miranda, em sua obra *Temas da Vida e da Morte*, psicografada pelo médium Divaldo Franco, afirma que eles – os vícios – estabelecem necessidades poderosas após a morte, exigindo que seus aficionados busquem o prosseguimento da insânia na vinculação a

companheiros terrenos, igualmente descuidados, o que gera obsessões de largo porte. Caso não se verifique essa ligação parasitária, só o tempo, largo ou breve, logrará desagregar as partículas morbíficas que penetram o perispírito e nele se instalam produzindo o prolongamento da desdita. E, evidentemente, essas necessidades podem estender-se à existência corporal seguinte.

No cap. XVII, item 4, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, ao referir-se aos bons espíritas, Kardec cunhou uma frase que é, em nosso meio, bastante conhecida: "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más".

Sendo a Terra um planeta de provas e expiações, não reencarnam aqui indivíduos perfeitos. Todos nós, portanto, trazemos inclinações diversas, decorrentes de hábitos e vícios cultivados nas precedentes existências, inclinações essas que nos cabe domar, se é que desejamos efetivamente transformar-nos.

A tarefa parece difícil. Que o digam os oncologistas que não conseguem deixar o cigarro.

Mas... será ela realmente difícil?

Os Benfeitores espirituais não entendem desse modo, como podemos ver pela resposta dada à questão 909 d' *O Livro dos Espíritos*:

– Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?

“Sim, e, frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços!”

Diante de tal resposta, qual será o nosso comportamento?

Terá o passado mais força do que a nossa vontade?

Desejamos repetir nesta existência as tolices cometidas em existências pretéritas?

## **A parábola dos talentos e o que temos feito**

Anos atrás veio falar em nossa região um renomado orador espírita radicado na Capital de São Paulo. Numa das cidades em que ele proferiu vibrante palestra o público presente fora bem pequeno; não havia na plateia mais do que dez pessoas.

Finda a palestra, um amigo, que havia transportado o orador até àquela localidade, tocou no assunto e lamentou o fato. Afinal o visitante viera de longe, deixara seus afazeres e o conforto do próprio lar e, no entanto, as pessoas da cidade não valorizaram, como deviam, sua presença.

Assim que ouviu tais palavras, o orador virou-se para o amigo e lhe disse: "Você sabe para quantas pessoas o Cairbar Schutel palestrava no início de suas tarefas na seara espírita? E o Chico Xavier? Quantas vezes leu e comentou o Evangelho para um salão vazio! Ora, se Cairbar e Chico passaram por isso, quem somos nós para lamentar tais coisas?!"

Esse assunto foi suscitado devido a um fato muito comum que ocorre nas lides espíritas, em que trabalhadores diversos – palestrantes, coordenadores de estudo, evangelizadores e cooperadores em geral – desistem de determinada

tarefa devido ao número diminuto de pessoas ou de crianças que comparecem à atividade que realizam.

O voluntário da tarefa espírita começa muitas vezes com todo o entusiasmo, mas em seguida desanima, entendendo que não vale a pena deslocar-se do seu lar para participar de uma atividade que considera desimportante...

Na conhecida parábola dos talentos, anotada por Mateus no cap. 25:14-30 do seu Evangelho, há uma passagem que deveríamos ter sempre à vista. Referimo-nos à frase que foi dita pelo Senhor ao seu servo: "Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor".

Quando somos convidados a trabalhar na seara cristã, não importa quantos adultos ou quantas crianças iremos atender. O que importa é a nossa participação, é o nosso empenho, é a boa vontade com que realizamos a tarefa, porque todo trabalho feito com amor e abnegação tem igual peso, seja numa grande instituição localizada na Capital da República, seja numa singela casa espírita situada na periferia de qualquer uma das cidades do Brasil ou do exterior.

Sendo fiel no cumprimento da tarefa que supomos humilde ou desimportante, estaremos preparando-nos para tarefas mais complexas ou de maior responsabilidade que um dia certamente nos serão delegadas.

## Gratidão a Deus

Algumas pessoas costumam dizer que há dias em que gostariam de sumir, morrer, desaparecer, envolvidas por um sentimento de desgosto da vida, de enfado, de vazio, quando em muitos casos, em verdade, não existem motivos plausíveis para isso.

Na principal obra da doutrina espírita, Kardec propôs aos imortais uma questão que diz respeito ao assunto.

Ei-la:

– Onde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 943.)

Se tal sentimento não se verifica todos os dias, é evidente que pode ser consequência do estresse a que muitos de nós nos submetemos, em face da agitação da vida moderna, ou, então, uma

decorrência direta de alguma eventual influência espiritual negativa.

O leitor certamente compreende que uma influência espiritual dessa natureza nem sempre advém de alguém que nos queira prejudicar. Pode decorrer da simples presença de uma entidade desencarnada que, envolvida pelo mesmo sentimento, irradia em torno de si vibrações equivalentes que nos atingem ou não.

Que fazer ante ocorrências assim?

A prece, uma boa leitura, a meditação – eis medidas capazes de afastar o sentimento ruim, as quais podem ser facilitadas com o uso da música, sobretudo quando a música, por sua melodia e por sua letra, consegue atingir as fibras do nosso sentimento.

João Cabete, saudoso compositor que já retornou à pátria espiritual, compôs uma canção que tem esse poder.

A canção intitula-se “Gratidão a Deus” e parece que foi composta exatamente para nos confortar quando o desgosto da vida, o enfado e o vazio desejam tomar nossa alma.

Eis a letra de “Gratidão a Deus”:

Quando a sombra da tristeza  
Cobrir seus sonhos de ventura,  
Quando você quiser chorar  
Diante da taça da amargura...

Quando a dor bater à porta,  
Ferindo bem fundo o coração,  
Quando a esperança é morta  
E a vida, amarga ilusão.  
Olhe para trás,  
Veja quanta dor,  
Súplicas de paz  
Clamando amor...  
Olhos sempre em trevas,  
Mãos mendigam pão,  
Bocas que não falam  
E risos sem razão...  
Deixe de chorar,  
Volte a sorrir,  
Você é tão feliz,  
Volte a cantar!  
Faça uma prece,  
Seja grato a Deus,  
Ele sempre abençoa  
Os filhos seus...

A canção acima pode ser ouvida, na voz da cantora Célia Tomboly, clicando neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=2Mna583-vr0>

Trata-se de um medicamento de natureza não química que todos podemos utilizar, e não existe para remédio assim nenhuma contraindicação, como o leitor pode pessoalmente conferir.

Fim